

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

SAMYLLA DE SOUSA PEREIRA

**PODER, AUTORIDADE E COMANDO: A INFLUÊNCIA VARGUISTA E O DISCURSO
PERIODÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DE LÍDERES POLÍTICOS EM TERESINA E
PARNAÍBA (1937-1945)**

SÃO LUÍS

2024

SAMYLLA DE SOUSA PEREIRA

PODER, AUTORIDADE E COMANDO: A INFLUÊNCIA VARGUISTA E O DISCURSO
PERIODÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DE LÍDERES POLÍTICOS EM TERESINA E
PARNAÍBA (1937-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

São Luís

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Pereira, Samylla de Sousa.

Poder, autoridade e comando : a influência varguista e o discurso periodístico na construção de líderes políticos em Teresina e Parnaíba 1937-1945 / Samylla de Sousa Pereira. - 2024.

131 f.

Orientador(a): Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em História/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

1. Liderança Política. 2. Getúlio Vargas. 3. Piauí. 4. Imprensa. 5. Escalas de Poder. I. Oliveira, Maria Izabel Barboza de Moraes. II. Título.

PODER, AUTORIDADE E COMANDO: A INFLUÊNCIA VARGUISTA E O DISCURSO
PERIODÍSTICO NA CONSTRUÇÃO DE LÍDERES POLÍTICOS EM TERESINA E
PARNAÍBA (1937-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como exigência para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Maria Izabel Barboza de Moraes Oliveira (UFMA)

Orientadora

Prof.^a. Dr.^a. Isabel Ibarra Cabrera (UFMA)

Examinadora interna

Prof.^o. Dr.^o. Victor Pinto Coelho (UFMA)

Examinador interno

Prof.^o. Dr.^o. Fernando Bagiotto Botton (UESPI)

Examinador externo

Dedico esta dissertação aos meus pais: Maria do Livramento (Livra) e Edmilsom (Dhomas), por todo o amor incondicional. Dedico também ao meu companheiro de vida, Glaucer Ferreira, por andar de mãos dadas comigo pelos últimos dez anos.

AGRADECIMENTOS

Após as dores e as alegrias ocorridas durante a caminhada do mestrado, finalmente chegou o momento de agradecer a todos que de alguma forma apoiaram a concretização desta pesquisa nos últimos dois anos.

Primeiramente, sou grata à minha família, em especial à minha mãe, Maria do Livramento, meu refúgio e minha maior fonte de inspiração. Sem sombra de dúvidas ela é a maior incentivadora das minhas decisões, sempre me aconselhando a prosseguir nos estudos e a ser uma mulher independente. Sou grata ao meu pai Edmilsom (Dhomas), por vibrar a cada vitória alcançada (ele ficou todo orgulhoso pela filha ter realizado mestrado em uma universidade federal), por todo o carinho e cuidado. Agradeço ao meu irmão Francisco José por todo o apoio, e ao meu sobrinho-afilhado Ícaro José, por despertar o melhor em mim com sua alegria genuína e perspicazes observações.

Gostaria de agradecer ao meu companheiro no amor e na vida, Glaucer Ferreira. Sou grata a ele por ter ouvido minhas preocupações, fossem elas de caráter acadêmico ou não, por ter acompanhado de perto minhas crises, pelos momentos de felicidade, e pelos calorosos abraços. Não existem palavras suficientes para mensurar o seu apoio constante, sua doçura, sensibilidade e senso de humor. Obrigada por ter escolhido segurar a minha mão.

Agradeço aos meus tios Marilze e Francisco, por me receberem como uma filha durante minha estadia em São Luís durante os dois semestres iniciais. Sou grata também aos meus primos ludovicenses: Danilo, pela acolhida e Daianny, por gentilmente ter me disponibilizado seu quarto enquanto trocávamos de cidade.

Não posso esquecer as amigas parnaibanas: à Francyslana Monteiro (Fran), por ter me enviado o edital de seleção do PPGHis-UFMA e à Maíra Santos, pelo carinho, mesmo à distância. À Fausterlanny Couto, à Dayane Amorim e à Gilmara Santos (juntamente com minha afilhada Elloá), pela torcida. À Mariana Vale, por sempre me incluir em suas orações, à Samara Regina pelo compartilhamento das preocupações acadêmicas, e à Daniela Parvin, pelos infundáveis diálogos sobre bandas de rock, literatura ou sobre esta pesquisa.

Sou grata ainda às amigas que tive a sorte de ter conhecido em São Luís: Robert Pinho e Cássia Freitas (meus amigos do Norte), Camila Gonçalves, Camila Portela, Ellen Cirilo e Milena Rodrigues (que me ensinou a ciência de pegar ônibus no terminal da Praia Grande). Obrigada por compartilharem comigo os momentos de angústia, descontração e pelos nossos debates.

Obrigada à professora Maria Izabel Oliveira, por sua disponibilidade e igualmente por ter aceitado a tarefa de orientar esta dissertação.

Obrigada também aos docentes do PPGHis-UFMA, em especial ao professor Victor Coelho e à professora Isabel Ibarra, pelas sugestões e pela leitura cuidadosa da primeira parte deste trabalho na etapa de qualificação.

Só tenho a agradecer aos docentes do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí (Campus Parnaíba), pelo empenho e dedicação em promover uma educação pública superior de qualidade, considero isso como um dos principais fatores que possibilitaram o meu rápido ingresso no mestrado.

Dessa maneira, quero expressar minha gratidão ao professor Fernando Bagiotto Botton por ter acreditado na potencialidade desta pesquisa (e também nesta pesquisadora) desde o começo, durante a iniciação científica. Obrigada por todos os livros emprestados, pela generosidade profissional e pessoal, pela troca de ideias e pela firme orientação nos tempos de graduação.

Obrigada ao professor Felipe Ribeiro, que também acompanhou esta pesquisa em seu início. Sou grata por seu contínuo entusiasmo e incentivo.

Obrigada ao professor João Carlos Borges, por compartilhar comigo uma fonte importante para esta pesquisa.

Obrigada aos meus quatro gatinhos: Dorian, Nicolau, Milu e Mabel, pela sempre adorável e divertida companhia.

Sou grata a minha sogra, Marlene Ferreira, por cuidar de mim e por se preocupar comigo como uma verdadeira mãe.

Por fim, depois dos últimos anos obscuros, agradeço à CAPES pelo importante financiamento à árdua, mas recompensadora empreitada de realizar ciência no Brasil.

Ação paradoxal e nunca concluída, mas renovada pela ciência dos poderosos: a de convencer o cidadão de que a sujeição que suas condutas encerram não possui outra finalidade senão a de assegurar a vida e a felicidade de todos (Ansart, 2019, p. 202).

RESUMO

A presente pesquisa versa sobre questões relativas à liderança política e social concernentes às publicações da imprensa piauiense durante o Estado Novo (1937-1945). Diante disso, examinaremos a fabricação do líder como um fenômeno próprio ao século XX, que apesar de ser concebido no continente europeu, ultrapassou as fronteiras do Atlântico e estabeleceu-se na América do Sul, particularmente no Brasil dirigido pelo presidente Getúlio Dornelles Vargas e por extensão no estado do Piauí. Assim, nos debruçaremos sobre o pensamento e a repercussão dos teóricos da liderança, além da construção de Vargas como chefe nacional pela imprensa local nos periódicos *Diário Oficial*, *Gazeta*, além do *Almanaque da Parnaíba* e da obra comemorativa *O Livro do Centenário de Parnaíba*. Os discursos dessas publicações apropriaram-se dos ideais de chefia para constituir seus próprios líderes regionais, ocasionando, portanto, um espelhamento que legitimou a construção de escalas de poder envolvendo chefes políticos e sociais oriundos da própria localidade.

Palavras-chave: Liderança Política. Getúlio Vargas. Piauí. Imprensa. Escalas de Poder.

ABSTRACT

This research deals with issues relating to political and social leadership concerning publications in the Piauí press during the Estado Novo (1937-1945). In view of this, we will examine the creation of the leader as a phenomenon specific to the 20th century, which despite being conceived on the European continent, went beyond the borders of the Atlantic and established itself in South America, particularly in Brazil led by President Getúlio Dornelles Vargas and extension in the state of Piauí. Thus, we will focus on the thinking and repercussion of leadership theorists, in addition to the construction of Vargas as national leader by the local press in the periodicals *Diário Oficial*, *Gazeta*, in addition to *Almanaque da Parnaíba* and the commemorative work *O Livro do Centenário de Parnaíba*. The speeches in these publications appropriated the ideals of leadership to create their own regional leaders, therefore causing a mirroring that legitimized the construction of scales of power involving political and social leaders from the locality itself.

Keywords: Political Leadership. Getulio Vargas. Piauí. Press. Power Scales.

LISTA DE SIGLAS

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

DEIP – Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Propaganda do 5º aniversário do Estado Novo.....	50
Figura 2 Publicidade da Serviços Aéreos Condor Ltd.....	65
Figura 3 O retorno de Leônidas Melo ao Piauí.....	73
Figura 4 Capa da <i>Gazeta</i> com a imagem de Getúlio.....	77
Figura 5 Leônidas e seus auxiliares de governo.....	82
Figura 6 Inauguração do retrato de Vargas na Alfândega de Parnaíba.....	91
Figura 7 Capa do <i>Almanaque da Parnaíba</i> de 1940.....	92
Figura 8 Mirócles Vêras atendendo enfermos na Santa Casa.....	97
Figura 9 Vêras discursando na amplificadora municipal.....	100
Figura 10 Mirócles Vêras e Leônidas Melo no aeroporto de Parnaíba.....	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: “O ESTADO TEM UM CHEFE”: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE GETÚLIO VARGAS COMO LÍDER DA NAÇÃO BRASILEIRA.....	18
1.1 A fabricação do chefe político e suas teorias.....	19
1.2 As contribuições psicológicas e políticas de Gustave Le Bon e Sigmund Freud para o estudo do líder e das multidões.....	25
1.3 O poder centralizador: a liderança política no governo Vargas.....	35
1.4 Os usos políticos do gênero biográfico.....	43
CAPÍTULO II: O LÍDER POLÍTICO PIAUIENSE: LEÔNIDAS DE CASTRO MELO E A CHEFIA REGIONAL NOS JORNAIS TERESINENSES.....	53
2.1 Leônidas Melo: de médico respeitado à rápida ascensão política no Piauí.....	53
2.2 A imprensa vinculada ao Estado: o periódico <i>Diário Oficial</i>	57
2.3 Do timoneiro do Brasil ao timoneiro regional: as construções discursivas do jornal <i>Gazeta</i>	74
CAPÍTULO III: PARNAÍBA E SEU LÍDER LOCAL: MIRÓCLES DE CAMPOS VÉRAS COMO O POLÍTICO CONDUTOR DA CIDADE.....	88
3.1 O porta-voz das elites: o anuário <i>Almanaque da Parnaíba</i> e a exaltação do poder constituído.....	88
3.2 O médico benevolente e o prefeito administrador: a construção da liderança de Mirócles Vêras.....	95
3.3 A cidade que progride e trabalha: <i>O Livro do Centenário de Parnaíba</i> e a formulação da chefia em escalas.....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	125

INTRODUÇÃO

A presente dissertação trata-se de um estudo sobre a fabricação e a legitimação de lideranças políticas na primeira metade do século XX por meio do discurso periodístico. Meu interesse por essa temática surgiu durante minha segunda graduação, no curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí. Dessa maneira, após os primeiros contatos com o trabalho do historiador francês Yves Cohen no ano de 2019, mas especificamente com o texto *Por que chamar o século XX de o século dos chefes?* (2015) iniciei as atividades no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC sobre a construção de lideranças locais no estado do Piauí durante as décadas de 1930 a 1940, pesquisa cujo mote inicial se voltava para questões que versavam sobre relações de gênero, abordando especialmente o conceito de masculinidade.

Por conseguinte, a partir dos desdobramentos feitos para esta pesquisa de mestrado, partimos do pressuposto de Puhle (2012) o qual aponta que a liderança pode ser entendida a partir da ideia de uma relação de poder entre o líder e seus seguidores em um contexto específico. No entanto, essa relação ensejada pela ideia da existência um líder e de um grupo de liderados não está circunscrita somente a líderes relacionados à política, posto que esta foi encontrada em diversas instâncias, tais como os espaços fabris, os setores militarizados e até mesmo o ambiente escolar (Cohen, 2013).

Os estudos sobre as questões relacionadas ao comando e à liderança forjaram discursos científicos sobre a “arte de governar”, os quais geraram espécies de manuais sobre a técnica de chefia. Desse modo, o ineditismo das ideias de liderança durante o século XX concentrou-se nas práticas de organização políticas e sociais, nos discursos e no simbolismo para referir-se aos chefes, já que em países europeus e nos Estados Unidos, por exemplo, não se poderiam governar cidadãos como se comandavam súditos (Cohen, 2015).

Nessa perspectiva, um intelectual que igualmente formulou ideias acerca da teoria da liderança trata-se de André Maurois, pseudônimo de Émile Solomon Wilhelm Herzog. O francês foi membro da Academia Francesa e autor de diversas biografias de nomes como Napoleão Bonaparte, Victor Hugo e Chateaubriand. Maurois também atuou como capitão do exército e suas ideias sobre o comando e a chefia são emblemáticas para pensarmos essas questões.

Maurois (1996) defendia a existência do homem de ação, dotado de clarividência, o que lhe permitiria moldar o futuro e desvencilhar-se dos empecilhos impostos pelo caminho. Isso fica claro em seu livro *Diálogos Sobre o Comando* (1996), escrito em tom didático na

forma de conversa entre um filósofo e um tenente após os acontecimentos ocorridos durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). O escritor elucida que o indivíduo que tem consciência de sua grandeza diante de todos seria o arquiteto que planejaría os rumos da sua própria existência e da existência das outras pessoas.

Além disso, Max Weber igualmente contribuiu com seus escritos para a difusão do discurso construtor de líderes. O autor, em sua obra *Economia e Sociedade* (1999) teorizou sobre a Sociologia da Dominação. A dominação weberiana diz respeito à ordenação da ação social, e a partir dela podemos pensar sobre quais são os fatores que compõem o poder. Em razão disso, seria possível fixar determinadas maneiras de comportamento aos indivíduos.

Para o alemão, três exemplos explicariam a dominação. O primeiro deles se trata da dominação tradicional, alicerçada na aquiescência de ordens hierárquicas e nos poderes senhoriais. O segundo está relacionado às questões legais e institucionais. Finalmente, o último exemplo se apresenta na forma da dominação carismática, quando o indivíduo portador do carisma é associado a características extraordinárias (Weber, 1999).

Nessa esteira, desde o final do século XIX foi difundida a crença de que apenas um homem considerado forte e provido de características particulares e específicas teria capacidade de conduzir as chamadas multidões, tirando-as do caos no qual se encontravam inseridas. O principal ideólogo dessas ideias foi o médico e sociólogo Gustave Le Bon. Em seu livro *Psicologia das Multidões* (2018), originalmente publicado em 1895, o escritor francês versa sobre a necessidade do chefe, característica que seria presença marcante para estruturar não só a política, mas toda a sociedade.

Ao elaborar sua ideia de multidão, Le Bon (2018) deixa explícito para os leitores seus posicionamentos conservadores e sua visão elitista de mundo. De acordo com sua perspectiva, uma das principais características da sociedade naquele momento corresponde ao poder da ação inconsciente das multidões em comparação à ação consciente dos indivíduos. Ao formular suas ideias, portanto, sustentou a existência do poder do agrupamento sobre o indivíduo, ou seja, a personalidade própria deste desapareceria, já que seriam aflorados os sentidos advindos da coletividade.

Evidencia-se, um pensamento de viés hierárquico, visto que todo agrupamento social implicaria a existência de um indivíduo que se sobrepusesse aos demais por lhes servir de guia. Na falta de um condutor, as multidões comporiam uma furiosa turba, precisando, não de liberdade, mas da servidão ao mestre aplacador de sua ira (Le Bon, 2018).

Ao interpretar o pensamento de Le Bon, Sigmund Freud (2011) defende que o pensamento leboniano não deu resposta a pergunta que indaga sobre o liame que conecta a multidão, isto, é, se esta se amalgamou, deveria haver um elemento causador dessa união. Por isso, o vienense voltou seu olhar para os afetos, os sentimentos e as emoções para poder dar uma resposta a essa questão ligada ao poder. Dessa forma, para ele o sujeito que constitui a multidão passa por uma mudança com relação a sua atividade anímica. Consequentemente, sua afetividade é acentuada.

Por esse prisma, para Freud (2011), o amor pode ser compreendido a partir de diversas acepções, a exemplo do que acontece no amor fraterno, não se limitando à pulsão dos instintos sexuais. Logo, de acordo com a teoria freudiana, isso seria o ponto de ligação que vincularia as multidões ao líder, posto que o surgimento desta ocorreria por meio de um ato de amor ao líder.

Em solo sul-americano, essas teorias se concretizaram com o largo uso de propagandas na Argentina governada pelo presidente Juan Domingo Perón. No Brasil, esses ideais foram propagados por Getúlio Dornelles Vargas e seu governo centralizador¹. Isto posto, Vargas e seus ideólogos fizeram uso de todo um aparato discursivo para validar sua posição de líder nacional. Inspirados pelas concepções de chefia circulantes na época, os meios de comunicação disponíveis durante o governo de Getúlio, como a imprensa ou os programas de rádio, tinham uma função decisiva. Na sua fase de governo ditatorial denominada de Estado Novo, órgãos estatais a exemplo do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) monitoravam tudo o que viria a ser difundido pela imprensa (Velloso, 1982).

Visando ao plano de garantir o poder e a autoridade proveniente de sua posição, a imagem do presidente foi pensada de forma meticulosa, o retratando de maneira sempre conveniente a ressaltar sua alta posição hierárquica. Para alcançar e promover a construção de sua pessoa associada a de um político forte e afirmar-se como o líder da nação brasileira durante o período em que esteve à frente da presidência entre os anos de 1930 a 1945, Vargas moldou sua figura, associando-a à qualidades específicas, pois, a autoridade presidencial foi personalizada exatamente nas virtudes atribuídas para a ocupação desse cargo, já que além de delinear os contornos da consciência coletiva do povo brasileiro, que contaria com seu apoio e

¹ Sobre a inspiração advinda dos líderes europeus atingindo os presidentes da América do Sul, Maria Helena Capelato elenca que: “Os organizadores das propagandas varguista e peronista, atentos observadores da política de propaganda nazi-fascista, procuraram adotar os métodos de controle dos meios de comunicação e de persuasão usados na Alemanha e na Itália, adaptando-os às realidade brasileira e argentina” (Capelato, 2009, p. 77).

proteção a exemplo de um pai que resguarda seus filhos de todos os males, segundo esse ponto de vista, seria dever do presidente exprimir os anseios e os ideais nacionais (Gomes, 2005).

Tais qualificações visavam instituir e conservar o poder político do então presidente. Essas características foram propagadas como predicados pertencentes àquele que ocupasse o lugar de líder, visando estabelecer estruturas específicas de poder e simbolismo. De acordo com essa linha de pensamento “São necessários a caracterização dos ‘legítimos condutores do povo’ e dos ‘autênticos chefes’ os seguintes traços: força, coragem, [...] energia, clarividência, vontade, sabedoria, autoridade” (Capelato, 2009, p. 282). Assim, o autêntico líder, ao reunir para si todas essas qualidades, estaria apto a agir como condutor na nação.

Todos esses atributos demonstram um teor extraordinário, e aproximam-se da ideia do líder carismático weberiano anteriormente referido. Juntos, eles plasmariam o caráter do verdadeiro chefe. A partir disso, haveria a “[...] aceitação popular de um homem que possui as qualidades pessoais ideais para proteger a todos graças a sua capacidade de se manter firme e se impor como homem superior” (Botton, 2017, p. 170). Ademais, de acordo com esses discursos, o destino do líder estaria atrelado ao direcionamento da pátria e de seu povo que precisavam ser comandados por seu intrépido guia.

Tornando-se um exemplo para todo o Brasil, o modelo assumido por Vargas (no qual este encarnou o papel de líder da nação) foi espelhado de maneira semelhante no estado do Piauí, em especial na capital Teresina e em Parnaíba, a segunda maior cidade da região, através do discurso replicado pelos periódicos circulantes nesses locais. Por conseguinte, esta pesquisa trata sobre aspectos específicos do poder político e social piauiense em meados do século XX, e pretende investigar quais são os entrecruzamentos possíveis entre o aparato simbólico, discursivo e propagandístico envolvidos no posto de liderança política ocupado por Vargas com a política piauiense.

Nesse sentido, procuramos responder a hipótese levantada durante a análise de nossas fontes, isto é, a de que os ideais de liderança irradiados por Getúlio Vargas, enquanto portador de características pessoais laudatórias, garantindo sua liderança em âmbito nacional, permitiu que esta simbologia fosse reverberada e apropriada para delinear os discursos de poder, legitimidade e chefia conferidos aos políticos oriundos de Teresina e Parnaíba, o que possibilitou a construção de uma escala de poder verticalizado envolvendo Vargas e os políticos piauienses.

Logo, nos interessa neste trabalho as hierarquias, as propagandas e as ideologias fabricadas pelo presidente para analisar esse processo e suas peculiaridades, e como tudo isso

afetou os modos de fazer política durante as décadas de 1930 a meados da década de 1940 durante o Estado Novo.

Dessa maneira, como proeminente chefe da esfera estadual, havia o interventor federal do Piauí à época, Leônidas de Castro Melo. Médico de formação, natural da cidade de Barras (localizada no interior do estado) e oriundo de uma família de comerciantes², o político esteve à frente da interventoria piauiense desde o ano de 1935, quando substituiu o lugar até então ocupado pelo capitão Landri Sales. Considerado o cidadão exemplar do Estado Novo em terras piauienses, Melo manteve-se alinhado ao governo varguista, fator que garantiu sua permanência no posto até 1945.

Melo foi delineado pelo discurso da imprensa local não só como um capacitado líder de seu estado, mas também foi alçado à figura de um incansável homem trabalhador. Essa ideia fazia parte do projeto estadonovista de transformar a maneira como o trabalho deveria ser visto pela população brasileira, já que mais do que uma simples forma de ganhar a vida, o labor também era uma maneira de servir devidamente à pátria (Gomes, 2005).

Leônidas igualmente foi tomado pelos jornais piauienses a partir da imagem do “líder-administrador”. Tal ideia era então usada para exprimir e divulgar regionalmente o pensamento de que um verdadeiro líder traz consigo a capacidade de administrar da melhor forma possível os interesses de seus governados e do estado. Essa característica de eficiência da gestão política atribuída ao interventor também pode ser correlacionada aos ideários de liderança.

Já o prefeito parnaibano Mirócles de Campos Vêras também foi tomado como uma espécie de cidadão modelo segundo os critérios varguistas. O político parnaibano foi nomeado prefeito em 1934, por Landri Sales, logrando êxito no ano seguinte ao ser eleito novamente para esse cargo. Com o governo ditatorial, conservou-se no seu posto até 1945, sendo nomeado por Leônidas Melo (Passos, 1982). Sua permanência como gestor municipal demonstrou seu alinhamento ao regime político de ufanismo e legitimação dos ideais de chefia estadonovista.

Partilhando do mesmo ofício do interventor (médico de formação), Vêras foi o homem parnaibano socialmente aceito na época. Gozando de destaque social, econômico e político, o prefeito foi visto como perfeito exemplo de liderança pela imprensa de Parnaíba, sendo

² “Leônidas Melo era médico de formação [...] o que facilitou seu trânsito em vários segmentos sociais do Estado. Esse jovem barrense, simbolizou o ideal de homem, de cidadão daquele período: oriundo de família de comerciantes, que vivia fora do mundo político, formado no Rio de Janeiro, na melhor faculdade do país, portador de competência inquestionável tanto no estado como fora dele, materializava os principais elementos que a ideologia varguista procurava afirmar como o ideal de cidadão” (Melo, 2020, p. 64-65).

colocado em lugar de relevo no período em que governou a urbe. A cidade piauiense, durante as primeiras décadas do século XX, vivia um pujante período de desenvolvimento econômico, proporcionado principalmente pelo comércio de produtos ligados ao extrativismo vegetal, como a importação da cera de carnaúba e o babaçu (Rego, 2010). A prosperidade parnaibana e piauiense foi atribuída às figuras masculinas que gozavam de prestígio, destacando-se nesse cenário entre as figuras masculinas participantes dos principais círculos do comércio, das letras e da política, as imagens de Vêras e também a de Melo.

A graduação de Mirócles em medicina é de suma importância para conseguirmos entender como foi plasmada sua imagem de chefia. A atuação de Vêras como um profissional da saúde dedicado foi usada de forma emblemática para associá-lo à características de benevolência, portanto, ele foi uma espécie de líder político filantropo, sendo colocado pelo anuário como um indivíduo que além de administrar umas das cidades mais importantes do estado, se encontrava sempre a favor das pessoas mais pobres.

Por conseguinte, em nossa perspectiva, as reflexões sobre as teorias da liderança e seu uso político tornam este trabalho relevante, já que a mesma se tratou de um fenômeno cosmopolita construído historicamente por meio de discursos muitas vezes tomados como científicos.

Essas ideias foram utilizadas para alicerçar e por fim legitimar estruturas de poder político e social. No entanto, é necessário elucidar que a história da fabricação de lideranças não pode ser considerada como algo natural e muito menos universal, tendo em vista que a mesma responde a questões geradas em seu próprio tempo e das sociedades na qual esta foi pensada e colocada em prática.

Entre as principais obras que nos auxiliarão a referenciar nosso trabalho, e consequentemente atingir nossos objetivos, podemos destacar o livro *Multidões em Cena: propaganda política no Vargasismo e no Peronismo* (2009) da historiadora Maria Helena Capelato. Em sua pesquisa, Capelato mostra a política de massas brasileira e argentina. Para ela, ambos os países produziram suas propagandas de acordo com o *modus operandi* empregado na Itália e na Alemanha. No entanto, a autora faz algumas ressalvas entre as diferenças entre o nazi-fascismo europeu e a experiência ocorrida no sul da América.

Ademais, a partir disso emergiu a imagem do líder que possuía controle sobre o tempo nacional, que transformaria o presente e poderia produzir um próspero futuro, como consequência de suas extraordinárias qualidades. Esse líder deveria não somente ser aceito, mas ser amado por seu povo, considerando que as propagandas veiculadas tinham entre os seus objetivos a produção de emoções e de sentimentos para o seu público (Capelato, 2009).

No Brasil, isso foi largamente utilizado para criar o mito do líder e da unidade da nação. Por outro lado, foi um grande artifício para mascarar os conflitos e os antagonismos existentes.

Ademais, a obra do historiador Yves Cohen também será de grande valia para compreendermos os meandros da chefia. Em *Le siècle des chefs. Une histoire transnationale du commandement et de l'autorité 1890-1940* (2013), Cohen aborda a liderança como um fenômeno específico historicamente pertencente à primeira metade do século XX, constituindo, portanto, um traço da modernidade. Para ele, esse período foi marcado pelas culturas do chefe, preocupação surgida durante a última década do século XIX.

O pesquisador francês se debruçou sobre a fabricação de líderes políticos e sociais em diversos países europeus, sendo eles a França, a Alemanha, e a União Soviética, porém, seu trabalho também abrange a utilização dessas ideias pelos Estados Unidos da América. Para ele, houve nesse momento o surgimento e o apogeu de uma verdadeira obsessão com figuras de chefia, acarretada por uma crise de autoridade. Essa fixação pelo líder naturalizou hierarquias e fez da chefia uma ciência discutida na área da psicologia social, da psicanálise e da sociologia. Para o autor, a necessidade do chefe se desenvolveu tanto em territórios considerados totalitários, quanto em países de posicionamento capitalista e liberal (Cohen, 2013).

Já a tese de Fernando Bagiotto Botton: *Liderança política e autoridade paterna: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón* (2017) nos ajudará a entender questões envolvendo a liderança como um importante fenômeno político. Botton elucida quais foram as apropriações feitas pelos dois líderes e por seus seguidores para poder pôr em prática seus projetos de ascensão e legitimação por meio das teorias de chefia. Dessa forma, os estudos relacionados à psicologia durante o século XIX serviram de aporte teórico para criar hierarquias de classificação dos indivíduos, nos quais aqueles detentores de determinadas qualificações em sua personalidade seriam considerados chefes.

Já o livro intitulado *Autoridade* (2012), do estadunidense Richard Sennett, argumenta que a autoridade é constituída através da formação de imagens de força e de fraqueza (Sennett, 2012). Logo, se Vargas e os políticos piauienses apresentavam-se como homens fortes e protetores, seus liderados foram construídos discursivamente como um povo que precisava ser conduzido. Nesse viés, somente o chefe saberia por qual vereda seguir. Com isso, para o autor o conceito de autoridade seria, por sua vez, e elo de união entre pessoas desiguais, nesse caso, a ligação entre os indivíduos que mandam e entre aqueles que simplesmente obedecem.

O texto de Hans-Jürgen Puhle: *El liderazgo en la política. Una visión desde la historia* (2012), nos apresenta o conceito de liderança como uma relação de poder travada entre o líder e seus seguidores, representando principalmente a ação desse chefe, sua capacidade de tomar decisões e colocar em prática seus projetos de transformação. Da mesma maneira que Yves Cohen, Puhle acredita que esse fenômeno não está circunscrito só na esfera da política, estando presente em vários setores sociais.

Quanto à documentação periodística que irá alicerçar à nossa pesquisa, utilizaremos publicações piauienses. Entre estas, se encontra o jornal teresinense *Diário Oficial*, publicação vinculada ao Estado, e que de forma frequente propagava a doutrina estadonovista, além do jornal *Gazeta*. Esse último foi fundado em 1904 na capital piauiense pelo jornalista Benedito Lemos. Décadas depois, mesmo com a censura imposta pelo Estado Novo, ele circulou de forma regular.

Também faremos uso do *Almanaque da Parnaíba*, anuário fundamental para poder compreender a história da cidade que lhe dá nome. Voltado para as elites comerciais da região, e fundado em 1923 pelo comerciante Benedito dos Santos Lima, sempre trazia em suas edições poesias, artigos de opinião, pequenas biografias de homens considerados ilustres e anúncios publicitários.

Nossa outra fonte se trata de *O Livro de Centenário de Parnaíba* (1945), edição comemorativa e emblemática. Foi escrita pelo já supracitado fundador do *Almanaque* e por Benedicto Jonas Correia, professor de história e membro de uma família da elite local. A simbólica obra foi custeada pelo governo municipal e veiculada para comemorar o primeiro centenário de emancipação política da cidade. Além disso, se trata da primeira obra a sistematizar a história da localidade.

Quanto à metodologia a ser empregada na análise de nossas fontes, acreditamos que ao utilizar a imprensa como fonte histórica, o historiador deve se apoderar do documento como sintoma das suas condições de produção para analisar devidamente as nuances contidas nesse tipo de documentação (Certeau, 2002). Logo, partimos do pressuposto da historiadora Tania Regina de Luca (2008) sobre a necessidade de se atentar à mensagem que os discursos periodísticos objetivavam transmitir, pois, além de poderem significar de diversas formas, inclusive a partir de suas ilustrações e procedimentos tipográficos, estão diretamente ligados ao seu público leitor.

Por fim, organizamos esta pesquisa em três capítulos. O primeiro tratará sobre a construção da imagem do líder político em Weber, André Maurois, Le Bon e Sigmund Freud, e analisa como o pensamento desses autores influenciou o governo de Vargas, podendo tal

inspiração ser observada por meio de impressos vinculados ao Estado. Além disso, também examinaremos algumas edições da revista *Cultura Política* e duas biografias de Getúlio Vargas. A primeira é o *Um homem que governa* (1942), sendo de autoria de Alfredo Pessôa. A segunda biografia é denominada *Getúlio Vargas: o homem e o chefe* (1944) de autoria de Leopoldo Peres.

Já o segundo capítulo falará acerca da imagem do líder político no Piauí através do jornal *Diário Oficial*, assim, discorreremos sobre sua fundação, propósito e sobre a construção de Leônidas de Castro Melo como chefe regional. Além disso, também nos voltaremos para o jornal *Gazeta* com essa mesma intenção. Nesta parte, também faremos uso de algumas passagens consideradas importantes por nós da autobiografia de Melo, intitulada *Trechos do meu caminho: memórias à feição de uma autobiografia* (1976).

A terceira e última parte deste trabalho se voltará para a fabricação do prefeito municipal Mirócles de Campos Vêras como líder local na cidade de Parnaíba. Para isso, analisaremos os discursos contidos nas edições do *Almanaque da Parnaíba*. O *Livro do Centenário de Parnaíba* será também analisado, e colocaremos em evidência seu espelhamento ao momento da política nacional, isto é, iremos relacionar seu posicionamento editorial como um discurso formador da liderança política em escalas hierárquicas, na qual se destacam Vargas como o chefe nacional, Melo como o chefe regional, e finalmente Vêras ocupando o posto de chefe local.

CAPÍTULO I “O ESTADO TEM UM CHEFE”: A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE GETÚLIO VARGAS COMO LÍDER DA NAÇÃO BRASILEIRA

“Os homens não podem empreender utilmente e conduzir a bom termo uma ação comum senão se um deles dirige, a cada momento, as atividades de todos para um mesmo fim”
(Maurois, 1939, p. 123).

A partir da última década do século XIX, houve a ascensão de figuras de liderança em vários domínios sociais. Para o historiador francês Yves Cohen (2013), tal fenômeno consolidou-se durante a primeira metade do século XX, período no qual existiu uma necessidade traduzida por meio de uma obsessão muitas vezes acompanhada por um pavor em torno da imagem do líder. Nesse sentido, o estudioso argumenta que o comando, a liderança, e a autoridade formam uma história transnacional, haja vista que esses fenômenos ocorreram não só em países europeus como a França, Alemanha e União Soviética, mas também se fizeram presentes no continente americano em território estadunidense.

Logo, de acordo com Cohen (2013) o culto aos chefes não se tratou de uma particularidade do nazi-fascismo, já que foi uma preocupação compartilhada por territórios capitalistas e liberais. Desta feita, a emergência de líderes trata-se de uma idiossincrasia para se analisar e para se compreender esse momento. Ao se referir sobre a liderança como um conceito, podemos entendê-la a partir dos apontamentos realizados por Hans-Jürgen Puhle, o qual a define como:

Básicamente, leadership es una relación de poder entre líderes y seguidores en un contexto específico. En particular, las coyunturas y condiciones del poder dependen del contexto. Las características y la situación de los seguidores e y las características del contexto son de tanta importancia como la personalidad de los líderes. Y sería adecuado y útil interpretar esta relación como una forma concreta de un proceso dinámico. El liderazgo es un proceso, o una serie de procesos interrelacionados, no es un algo estático. En consecuencia, el estudio empírico de un liderazgo determinado implica siempre un análisis comprensivo de las condiciones e interacciones relevantes del caso, y no puede limitarse únicamente al estudio de las cualidades más o menos carismáticas del líder (Puhle, 2012, p. 25).

No entanto, essa relação de poder ensejada pela ideia da existência de um líder e de um grupo de liderados não está circunscrita somente a líderes relacionados à esfera da política, pois esta foi encontrada em diversas instâncias³. Partindo dessa premissa, vários

³ Sobre os líderes presentes em vários âmbitos sociais: “La mayoría de los líderes, en un sentido general, están fuera de la política: por ejemplo, hay leadership en las empresas, en las universidades y en las cocinas, en la vida

ambientes tais como os espaços fabris, os setores militarizados e até mesmo o espaço escolar demandavam a presença de hierarquias e de figuras de comando (Cohen, 2013), como analisaremos posteriormente.

1.1 A fabricação do chefe político e suas teorias

A partir do surgimento de formulações que justificassem a presença de um líder, o sociólogo alemão Max Weber, em seu livro *Economia e Sociedade* (1999), não ficou incólume a tais ideias ao publicar o que denominou de Sociologia da Dominação. A dominação para o sociólogo corresponderia à ordem da ação social, podendo ser compreendida como um caso especial para se pensar o que constituiria o poder. Por meio dela, seria possível impor aos indivíduos determinadas formas de comportamento.

Segundo o pensamento weberiano há três exemplos de dominação, existindo, consequentemente, três tipos diferentes de legitimidade. A primeira forma seria a tradicional, dos costumes e dos hábitos, que se fundamenta no assentimento de ordens hierárquicas e nos poderes senhoriais. Já a segunda dizia respeito às questões legais e institucionais, como a validade de estatutos legais. Por fim, a terceira e última forma versava sobre a dominação carismática, na qual se atribuíam características pessoais e extraordinárias ao portador de carisma, fossem elas o heroísmo ou outras qualidades prodigiosas que faziam do indivíduo carismático um verdadeiro chefe (Junco, 2012; Weber, 2011). Sobre isto, o autor nos informa que:

A criação de uma dominação carismática, no sentido “puro” aqui exposto, é sempre resultado de situações extraordinárias externas, especialmente políticas ou econômicas, ou internas, psíquicas, particularmente religiosas, ou de ambas em conjunto. Nasce da excitação comum a um grupo de pessoas, provocada pelo extraordinário, e da entrega ao heroísmo, seja qual for o seu conteúdo. Só disso já resulta que somente in statu nascendi tanto a fé do próprio portador e de seus discípulos em seu carisma - seja este conteúdo profético ou de outro qualquer - quanto a entrega fiel a ele e à sua missão por parte daqueles para os quais ele se sente enviado atuam com pleno poder, unidade e força (Weber, 1999, p. 331-332).

O líder pensado por Max Weber (1999) seria dono de um carisma singular definido por fatores de ordem interna. Esse líder realizaria atividades que consideraria adequadas, exigindo, portanto, obediência a determinados indivíduos aos quais teria sido destinado para poder lograr êxito em sua “missão”. Suas tarefas seriam limitadas a serem cumpridas somente

intelectual o cultural, en el show business, en las burocracias o en fútbol. Hoy en día, la mayoría de la literatura sobre leadership, particularmente los famosos manuales de liderazgo, muchos de ellos de índole socio psicológica, se concentran en el ámbito de la administración de empresas” (Puhle, 2012, p. 23)

nesse grupo. Caso esse círculo de pessoas não o reconheçam como tal sua exigência malogra. Não obstante, se reconhecido “é o senhor deles enquanto sabe manter seu reconhecimento mediante ‘provas’” (Weber, 1999, p. 324). Para o alemão, reconhecer as qualificações do carisma diz respeito a uma espécie de dever para com os dirigidos por esse chefe.

Não obtendo sua autoridade por meios burocráticos (a exemplo de normas jurídicas ou outros regulamentos, muito menos através de costumes tradicionais), o herói carismático precisaria operar milagres se seu objetivo fosse o de ser um profeta ou de praticar atos heroicos caso pretendesse ser uma liderança guerreira. De acordo com esse pensamento, segundo o autor:

A existência da autoridade carismática, de acordo com a sua natureza, é especificamente lábil. O portador pode perder o carisma, sentir-se “abandonado de seu deus”, como Jesus na cruz, mostrar-se a seus sequazes como “privado de sua força”: neste caso, sua missão está extinta, e a esperança aguarda e procura um novo portador. Abandonam-no os sequazes, pois o carisma puro ainda não conhece outra “legitimidade” além daquela que se deriva da sua própria força, provada sempre de novo. O herói carismático não deriva sua autoridade ordens e estatutos, como faz a “competência” burocrática, nem de costumes tradicionais ou promessas de fidelidade feudais, como o poder patrimonial, mas sim consegue e a conserva apenas por provas de seus poderes de vida. Deve fazer milagres, se pretende ser um profeta, e realizar atos heróicos, se pretende ser um líder guerreiro (Weber, 1999, p. 326).

Acima de tudo, o sujeito que traz consigo o carisma weberiano “deve ‘provar’ sua missão divina no bem-estar daqueles que a ele devotamente se entregam. Caso contrário, ele evidentemente não é senhor enviado pelos deuses” (Weber, 1999, p. 326). Em razão disso, nesse tipo de dominação, a obediência do poder carismático firma-se na fé em revelações e em heróis, e seus efeitos são validados pela credulidade daqueles que ocupam a posição de dominados.

Por isso, “A devoção de seus discípulos, dos seguidores, dos militantes orienta-se exclusivamente para a pessoa e para as qualidades do chefe” (Weber, 2011, p. 69-70). É para essa figura de liderança que se dirige a crença de todos os aquiescentes com seus maravilhosos poderes tidos como extraordinários:

Una situación carismática latente se vuelve manifiesta cuando aparece una persona convencida de su propia vocación e de una “misión”. La figura carismática debe conseguir la entrega fanática de unos partidarios que creen en sus cualidades extraordinarias, sean “objetivas”, o no, por sus capacidades y su desempeño. En este sentido, cabe destacar que, en primer lugar, el carisma no es un talento natural, el magnetismo de una persona de dotes excepcionales, sino el resultado de las esperanzas y de la fe puestas en ella por sus seguidores en busca de un líder (Baumeister, 2012, p. 238-239).

Assim, esse chefe seria fruto de circunstâncias excepcionais, tendo em vista que ele seria concebido a partir de um cenário de crise, seja de ordem econômica, política, cultural ou

religiosa, cujo resultado provocaria o questionamento de certos valores e a constituição da ordem de determinada sociedade. Por isso, para a ascensão dessa figura carismática, se faz mister uma política que seja favorável a ação dos considerados grandes homens da história, de forma a gerar para as pessoas que acreditam nesse comandante, fortes esperanças de caráter messiânico para o apaziguamento da situação de crise social (Baumeister, 2012).

Nessa esteira, além das considerações propostas por Max Weber, o intelectual francês André Maurois, pseudônimo de Emile Salomon Wilhelm Herzog, também externou em seus escritos a fixação envolvendo o líder e a fabricação de hierarquias. O escritor, membro da *Académie Française*, publicou diversas biografias de personalidades consideradas proeminentes, a exemplo de Napoleão Bonaparte, Victor Hugo, Chateaubriand, Lorde Byron, dentre outros indivíduos. Com todo o seu didatismo, argumentava sobre a existência do “homem de ação”, elemento fundamental presente em seus escritos.

Esse indivíduo, que consiste em um dos pilares para a compreensão de sua época e de seu pensamento, seria uma espécie de homem altivo, alguém notável por suas qualidades. Tal homem refletido por Maurois não se desanimaria com os obstáculos do caminho, sempre sabendo se desvencilhar das árduas dificuldades impostas pela vida de modo a conduzir seus subordinados conforme seus interesses. Em *Diálogos Sobre o Comando* (1996), o autor explica suas ideias por meio de uma conversa travada entre um filósofo e um soldado que lutaram durante os confrontos ocorridos durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em prefácio à edição francesa de 1949, ao exprimir os motivos que o levaram a escrever tal obra, o autor esclarece que:

Estes diálogos foram escritos, há um quarto de século, num movimento de humor. Pierrefeu acabava de publicar Plutarco mentiu, livro brilhante, irritante, onde ele pintava as fraquezas dos chefes militares e negava a eficácia de sua ação. Eu tinha feito a guerra; medira a diferença entre as tropas bem comandadas e as multidões armadas; tentei responder. Mas como, exatamente por esse intento, eu me inclinava a fazer o elogio da autoridade, pareceu-me necessário mostrar que não a confundia com a tirania que eu odiava (Maurois, 1996, p. 20).

Logo, a partir de suas experiências ao lutar nos campos de batalha da Primeira Guerra, o autor escreve sobre a necessidade da construção de hierarquias e sobre o grande homem (o chefe), que conheceria todo o seu potencial. Ele diz que esse indivíduo está “bem à beira de um abismo escuro onde se agitam as formas vagas e ainda inconsistentes do futuro, formas que lhe cabe, se realmente ele o quiser, esculpir” (Maurois, 1996, p. 35).

Por conseguinte, Maurois (1996) compara esse indivíduo a determinadas figuras, como o piloto que guiaria sua tripulação rumo à segurança de um bom porto apesar das turbulências advindas de um mar revolto, visto que para ele todo chefe corresponderia a um

piloto, a um hábil comandante. Além dessa figura, o francês também compara o comandante a um arquiteto. Dessa forma, apesar da diferente função, podemos observar a continuidade do valor semântico nessas construções discursivas, já que esse arquiteto planejaria as decisões a serem tomadas sobre a sua própria vida e sobre a vida de seus subordinados com maestria ímpar:

Quanto mais precisa for a imagem formada pelo chefe sobre o futuro, mais essa imagem terá chances de vir a ser realidade. Quanto mais um grande escritor sabe perfeitamente o que deseja fazer, o livro está feito. Quando um grande homem de ação concebe perfeitamente seu objetivo e os meios que empregará para atingi-lo, pode-se dizer que o atingiu. [...] O mundo de amanhã espera pelo herói que saberá modelá-lo. Se um grande homem imaginar claramente o que deverá ser a Europa pós-guerra, esta Europa será feita (Maurois, 1996, p. 60).

A partir dessa imagética, o líder é sempre colocado em papéis de comando e heroísmo. Cabe ainda destacar que o recorrente uso de metáforas⁴, como as utilizadas pelo autor para se referir ao chefe, seria uma atividade marcante durante o século XX para fins de legitimação e conservação do poder, fosse esse poder político, social ou ambos ao mesmo tempo, como analisaremos mais adiante neste trabalho.

Nessa circunstância, o membro da Academia Francesa busca exemplos de figuras de liderança em diversos expoentes, não se limitando somente à imagem beligerante do militar, que é o mote de seus diálogos. Para ele, o comando desses líderes é destacado pela capacidade de organização dos mesmos, o que os tornam sujeitos considerados grandes naquilo que se propuseram a realizar:

Tenho um camarada que, há dois anos, deixou o exército pela indústria e me comunica suas impressões. Ele também observou que o homem indispensável, o homem que comanda um negócio não é o técnico, pelo menos como tal. É, sim, o organizador, pessoa que vale sobretudo pelas qualidades de caráter, de julgamento, de imparcialidade. Porque você há de compreender que não tenho a inocência de reclamar apenas para o soldado essa soma de virtudes julgada, por nós, tão preciosa, não é? Falo do militar porque o conheço melhor, mas imagino que o grande estadista, grande cirurgião, o grande industrial têm necessidade do mesmo equilíbrio e, se são verdadeiramente grandes, o possuem. Perfeição na preparação, audácia na ação, submissão à realidade e imparcialidade a respeito de seus próprios pensamentos (Maurois, 1996, p. 78).

Ademais, na publicação intitulada *Arte de Viver ou a pequena filosofia da vida* (1939), Maurois novamente tece suas reflexões em tom pedagógico sobre o que ele denominou de “Arte de comandar”. Para o intelectual, toda ação de cunho coletivo precisa ser dirigida por um indivíduo forte, de forma a evitar a confusão e o desordenamento, fator que vai ao

⁴ Sobre o conceito de metáfora, a estudiosa Olandi assevera que: “Chegamos então à noção de que a metáfora é imprescindível na análise de discurso. Ela não é considerada, como na retórica, como figura de linguagem. A metáfora [...] é aqui definida como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente ‘transferência’, estabelecendo o modo como as palavras significam” (ORLANDI, 2009, p. 44).

encontro da necessidade de comando aludida por Yves Cohen (2013). Mais uma vez, o pensador lança mão do artifício de relatar suas experiências na Grande Guerra de 1914 para expor suas ideias acerca da necessidade de chefia:

Desde que êsse chefe aparece, desde que o comando se torna enérgico e preciso, a ordem sucede à desordem. No curso da guerra de 1914, viram-se divisões, que, mal comandadas, batiam em retirada e se abandonavam ao pânico, tornarem-se, desde que eram retomadas nas mãos por um chefe digno dêsse nome, tropas corajosas e resistentes. A mesma nação, composta dos mesmos homens, mostra-se, segundo seu governo governa ou não governa, rebelde ou disciplinada. Sem comando, nada de ação militar, nada de vida nacional, nada de vida social (Maurois, 1939, p. 124).

André Maurois, parte da premissa de que é inconcebível imaginar a organização de uma sociedade inteira sem a existência de estruturas de chefia, e sem a construção de pirâmides hierárquicas, cujo objetivo seria realizar a distinção entre os líderes e seus subordinados. Por esse motivo, o intelectual francês enfatizava sua posição acerca disso ao advertir: “Em tôda parte onde os homens devem agir juntos, é preciso um chefe” (Maurois, 1939, p. 123).

Ainda segundo Maurois (1939), esse líder teria por missão dirigir as ações daqueles que estariam sob o seu comando. Além de ser reconhecido como ocupante do posto de dirigente, uma de suas primeiras qualidades seria a vontade. O líder autêntico saberia tomar suas decisões e arcar com as consequências advindas de suas escolhas, já que segundo esse discurso, alguém tomado por dúvidas ou com postura reticente por seus atos não poderia em hipótese alguma exercer o papel de mando.

De acordo o autor, a tarefa a ser exercida pelas classes consideradas dirigentes seria o compromisso de liderar, sempre guiando as pessoas pelos caminhos “da honra e do trabalho” (Maurois, 1939, p.156). A atividade relativa à *arte de comandar* não implicava em uma situação privilegiada daqueles que estavam liderando, mas corresponderia a uma honraria e principalmente ao comprometimento com tal ofício.

Destarte, o ineditismo trazido pelos discursos de liderança realizados no século XX nos grandes Estados ditos ocidentais deu-se pelas práticas de organização políticas e sociais, na criação de hierarquias específicas, no domínio dos discursos e na construção de simbolismos para referir-se aos chefes. Sobre isto, Cohen argumenta que:

Il’s agit aussi de proposer une interprétation historique de la place de ce qu’il est convenu d’appeler la <question du chef> et la <figure du chef>, ainsi que de la préoccupation pour le commandement dans le parcours du siècle. Tout d’abord, cette question et cette figure, dans tous les pays étudiés, appartiennent au XX siècle et non pas aux siècles précédents. Non pas parce qu’il n’y avait pas de chefs mais parce

que ni la question du chef ni la figure du chef n'étaient problématisées et nommées. [...] Les pratiques opérationnelles du commandement sont dès lors accompagnées et en partie conformées par des pratiques discursives qui se déploient dans l'espace public, dans la controverse scientifique et dans l'institution universitaire comme dans les divers espaces de discussion spécialisée de chacun des domaines d'activité concernés⁵ (Cohen, 2013, p. 21-22).

Para Cohen (2013) é o século XX que inaugura novas formas para se nomear e para se refletir sobre os significados e as práticas que orbitavam em torno da imagem de um líder construído de forma deliberada. Nesse sentido, segundo o autor, para a fabricação de figuras de comando, foi de caráter determinante haver uma transformação de cunho semântico nos países por ele analisados.

É dessa forma que nos Estados Unidos, por exemplo, somente em fins do século XIX que o termo *leadership* começa a ser utilizado na esfera política, na educação, em indústrias e na psicologia. Na Alemanha, até o final desse período, a palavra *Führer* era aplicada para designar certas funções consideradas menores, como condutor de máquina ou guia turístico. A autoridade alemã de então era alicerçada pelo modelo monárquico. Todavia, a partir do século XX “O *Kaiser* que deve ser um bom *Führer*, o *Führer* do desenvolvimento” (Cohen, 2015, p. 964), havendo com esse novo pensamento uma ruptura que ressignificou os sentidos de tal palavra.

Seguindo com suas análises, Cohen indica que na Rússia a mudança surgiu no antigo termo *vozd*, que significa guia ou chefe. Essa palavra seria usada para se referir não só ao *tzar* ou a militares de altas patentes, mas para toda uma hierarquia de dirigentes relacionados à política. Em solo francês, a palavra *chef*, antes usada para se referir aqueles que ocupavam os postos mais altos das instituições, fossem presidentes, monarcas militares ou empresários, tornou-se um termo para indicar todos os detentores de autoridade em vários níveis das organizações e administrações (Cohen, 2015).

Todas essas mudanças de significado implicaram uma sistematização sobre o comando, transformando-o em uma ciência para a época. Esse discurso de cientificidade foi utilizado para analisar como essas sociedades se compreendiam a partir do estabelecimento de estruturas de poder e de hierarquias próprias para o seu funcionamento. Nesse sentido, tornou-

⁵ Trata-se também de propor uma interpretação histórica do lugar daquilo que comumente se chama de “questão do chefe” e de “figura do chefe”, assim como a preocupação com o comando no decorrer do século. Em primeiro lugar, esta questão e esta figura, em todos os países estudados, pertencem ao século XX e não aos séculos anteriores. Não porque não houvesse chefes, mas porque nem a questão do chefe nem a figura do chefe foram problematizadas e nomeadas. [...] As práticas operacionais de comando são, portanto, acompanhadas e em parte conformadas por práticas discursivas que se desenrolam no espaço público, na polêmica científica e na instituição universitária, bem como nos diversos espaços de discussão especializada de cada uma das áreas da atividade em causa. (T. da A.)

se crucial para as elites manterem o domínio e controle sobre as chamadas multidões, por isso a preocupação com o estabelecimento de líderes e de seu uso político e social. Sobre isso:

Este problema é comum a Lenin, a Woodrow Wilson e a Gustave Le Bon, o autor francês de um best-seller internacional publicado em 1895, *A psicologia das multidões*. Na França, surge o projeto de reunir as “qualidades dissociadas” dos chefes para “perceber em sua unidade o tipo humano: chef. Quem o propõe é o fundador da ergonomia francesa e o autor de uma primeira “*Psicologia do chef*”, em 1916. Ele se faz ouvir por gerentes que também tinham o projeto de “esboçar a fisionomia dos “chefes”. Não existem chefes antigos e um chefe moderno. O chefe, como figura simbólica e social, um título oferecido a quem queira se promover em direção aos altos níveis hierárquicos, é um dos traços da modernidade do século XX (Cohen, 2015, p. 965).

Nessa conjuntura, a obra do francês Gustave Le Bon, citada acima, *Psicologia das Multidões*⁶ (2018), tornou-se referência nas questões relativas ao chefe e ao controle das ditas multidões. Esse texto foi traduzido para várias línguas, como o inglês, o alemão, o espanhol e o português⁷. Ademais, pode-se dizer que “Circulando, este livro se torna a fonte de uma linguagem internacional sobre o condutor e a multidão” (Cohen, 2015, p. 966), atestando a circulação dos ideais de chefia da época.

1.2 As contribuições psicológicas e políticas de Gustave Le Bon e Sigmund Freud para o estudo do líder e das multidões

Charles-Marie Gustave Le Bon nasceu na pequena cidade de Nogent-le-Rotrou no ano de 1841. Era filho de um agente de hipotecas. Sociólogo e médico (embora nunca tenha exercido de fato a medicina como profissão), o francês viveu do ofício de escritor, principalmente a partir da década de 1870, escrevendo obras de vulgarização científica sobre temas diversos para acompanhar as demandas editoriais de seu tempo. As temáticas de seus livros variavam entre a antropologia, a história, a química e o higienismo. Isto fez com que além de possuir uma série de contatos editoriais e pessoais para continuar publicando, este precisasse escrever da maneira mais inteligível que conseguisse, visando ao objetivo de alcançar um grande público de leitores em sua época (Consolin, 2018).

Nessa esteira, se faz necessário ressaltar que os estudos psicológicos se uniram aos estudos políticos, aliando-se aos discursos constituintes da fabricação de líderes,

⁶ *Psychologie des Foules* é o título original em francês, porém, a depender da tradução, esta obra de Le Bon igualmente pode ser encontrada como *Psicologia das Massas*.

⁷ Para a estudiosa Marcia Cristina Consolin (2018), esta obra de Le Bon corresponde a um fenômeno editorial, já que entre 1895 e 1928 foi reeditada anualmente, vendendo mais de 39.600 exemplares, e foi traduzida para mais de 16 idiomas enquanto o autor ainda se encontrava vivo.

incorporando-os em seu vocabulário. Foi assim que, desde meados do século XIX, época contemporânea à produção de Le Bon, tal ciência debruçou-se sobre o estudo da personalidade. No entanto, para o historiador Fernando Botton, este empreendimento “Evidentemente trata-se um contexto elitista e burguês europeu em que tal coleção de personalidades é concebida justamente enquanto relicário de grandes, distintos e poderosos homens” (Botton, 2017, p. 34), pois somente um seletivo grupo seria portador de uma personalidade individual que o diferenciaria da maioria das pessoas. Sobre isto, Botton, em suas análises sobre o papel da psicologia para a fabricação do líder político, elucida que:

Em meio à uma distinção binária entre superiores e inferiores, mesclada às conturbadas experiências revolucionárias que assombraram as elites do século XIX, surgiu a psicologia como uma ciência inscrita na tarefa de estudar, afirmar e comprovar os traços que distinguem um homem superior dos demais medianos e desvairados. Dessa maneira, a preocupação com a personalidade deve ser compreendida não apenas como configuração de um pensamento de época, mas também e principalmente, por interesses e demandas políticas que norteavam os próprios saberes psicológicos que se constituíam historicamente (Botton, 2017, p. 34).

Dessa maneira, criaram-se hierarquias para se classificar os indivíduos a partir de determinados atributos, traço que seria largamente utilizado para se legitimar o perfil dos verdadeiros líderes no século XX, diferenciando-os da maior parte da população. Segundo esse tipo de pensamento, os indivíduos com personalidade contariam com determinadas características, tais como racionalidade e normalidade, sendo aptos condutores. Por outro lado, aqueles considerados despersonalizados foram analisados a partir de critérios de irracionalidade e anormalidade. Esta última categoria dividia-se entre os reclusos das instituições⁸ e os agrupamentos homogêneos de pessoas, nas chamadas “multidões” (Botton, 2017) sempre guiadas por seus instintos e cegas por suas desvairadas paixões.

Ao partir de uma visão de mundo elitista, Gustave Le Bon elabora sua ideia de multidão. Com isso, deixa transparecer seus posicionamentos políticos dotados de teor conservador. Para o escritor, uma das marcas que mais exercia impacto sobre a sociedade de sua época seria o poder advindo da ação inconsciente das multidões em face da ação consciente das pessoas (Le Bon, 2018). Logo, o autor difere o sentido mais comum do termo⁹, que seria composto por um grupo comum de indivíduos ocasionado por uma mesma

⁸ Sobre isto ver as obras *História da loucura* (1978) e *Vigiar e Punir* (1987), ambas de autoria de Michel Foucault.

⁹ No sentido mais comum, a palavra multidão significaria um encontro entre sujeitos quaisquer, não importando, a ocasião que os aproximassem (Cohen, 2013).

nacionalidade ou um mesmo ofício, a título de exemplo (fator que por si só não formaria uma multidão organizada), do sentido psicológico, no qual mudaria drasticamente de significado:

Do ponto de vista psicológico, a expressão multidão adquire um significado totalmente diverso. Em certas circunstâncias específicas, e somente nessas circunstâncias, uma aglomeração de homens possui características novas muito diferentes daquelas de cada indivíduo que a compõem. A personalidade consciente desaparece, os sentimentos e as ideias de todas as unidades orientam-se numa mesma direção. Forma-se uma alma coletiva, sem dúvida transitória, mas que apresenta características muito nítidas. A coletividade torna-se então o que, na falta de uma expressão melhor, eu chamaria uma multidão organizada ou, se preferirmos, uma multidão psicológica. Ela forma um único ser e encontra-se submetida à lei da unidade mental das multidões (Le Bon, 2018, p. 29).

Se a psicologia era considerada até então como o estudo da individualidade¹⁰, é detectada uma modificação de sentido, haja vista que Le Bon ao formular suas ideias defendeu a existência do poder do agrupamento sobre o indivíduo, que não mais se portaria por meio de uma personalidade própria, mas segundo os sentidos expressos pela coletividade, além disso, “Tal inserção indivíduo-coletivo foi fundamental na construção do conceito de massa, que diferentemente da simples multidão de ideias desconexas, englobaria um pensamento unificado e homogêneo” (Botton, 2017, p. 36). Dessa maneira, criou-se a psicologia social¹¹, buscando conceituar tais transformações.

Por conseguinte, um sujeito individual comporia ao vincular-se com outras pessoas uma espécie de amálgama para formar um único ser, cuja existência não seria longa, mas efêmera, constituindo, portanto, de forma momentânea o que o autor denominou de “alma coletiva” que o levaria agir e a pensar de maneira completamente diversa da forma que normalmente agiria ou pensaria estando só, visto que na solidão, dominaria suas vontades, paixões e impulsos, perdendo completamente essa capacidade de controle ao se unir à multidão. Para o estudioso Serge Moscovici “Dicho de otro modo, la desaparición de las características individuales, la fusión de las personalidades en el grupo, etc., son las mismas,

¹⁰ Anos mais tarde Sigmund Freud, ao discorrer sobre as oposições estabelecidas entre a psicologia individual e social, esclareceu que: “É certo que a psicologia individual se dirige ao ser humano particular, investigando os caminhos pelos quais ele busca obter a satisfação de seus impulsos instintuais, mas ela raramente, apenas em condições excepcionais, pode abstrair das relações deste ser particular com os outros indivíduos. Na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e portanto a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado” (Freud, 2011, p. 14).

¹¹ Acerca de seu local de origem, Moscovici esclarece: “Si la psicología de las multitudes nació en Francia, y no en Italia o en Alemania, ello se debe a la conjunción entre las oleadas de revoluciones y las escuelas de hipnosis, entre las secuelas de la Comuna de París y las de los hospitales de Nancy o de la Salpêtrière” (Moscovici, 2013, p. 111).

independentem ente del nivel de riqueza o de cultura de sus miembros” (Moscovici, 2013, p. 102).

Essa multidão, de acordo com o pensamento leboniano, se deixaria conduzir pelo inconsciente¹². Destarte, aquele que adentrasse em seus limites, desceria nos degraus da escala da civilização. Dessa maneira, vemos as nuances elitistas imbuídas em seu pensamento, ao colocar as multidões em um eterno estado de barbárie. Desta feita, para Cohen (2013) a multidão psicológica de Gustave Le Bon seria caracterizada por meio da perda de consciência individual por um lado, em face do ganho de uma personalidade inconsciente por outro, ganho este traduzido na forma do inconsciente coletivo.

Sobre as razões que acarretariam a concepção das características que moldam as multidões, Gustave Le Bon (2018) aborda três motivos. O primeiro deles corresponderia a um sentimento de invencibilidade, conseguido através da união com outras pessoas, já que sozinho ninguém se sentiria invencível. O segundo seria o contágio mental, fenômeno que segundo o autor deve ser relacionado às questões atreladas à hipnose. Para ele, os sentimentos e as ações são contagiosos na turba, podendo levar alguém a cometer sacrifícios pessoais, abdicando de si em prol dos interesses coletivos.

Na sua visão, isso é contra a natureza do homem e só acontece na aglomeração ensandecida. A terceira e mais relevante razão diria respeito à sugestionabilidade (o contágio seria somente um efeito dela), nela o indivíduo desprovido de sua personalidade consciente obedece a todas as orientações de quem o fez cair nesse estado. Para o autor, isso se aproxima de um “estado de fascinação do hipnotizado nas mãos de seu hipnotizador” (Le Bon, 2018, p. 35-36), perdendo sua vontade própria e capacidade de raciocínio, podendo cometer atos que jamais cometeria em seu estado de consciência habitual.

Seguindo adiante, todas as multidões seriam instáveis e irritadiças, sendo as características de sua raça um fator crucial para sua constituição, por isso poderiam ocorrer variações de grau na classificação de sua instabilidade. Em um tom racista, defendeu que todas as multidões sem exceção seriam femininas, todavia, as mais femininas de todas seriam as latinas, em comparação com as hordas anglo-saxãs (Le Bon, 2018). Por isso, essas turbas tomadas como irracionais, deveriam se submeter ao controle de um líder que as guiaria de acordo com suas próprias vontades, já que este último teria conservada sua personalidade e consciência individual.

¹² Sobre o inconsciente, Le Bon afirmou: “A vida consciente do espírito representa apenas uma pequena parte comparada à sua vida consciente” (Le Bon, 2018, p. 33).

Independentemente da classe social (mas, sobretudo nas classes mais populares), qualquer pessoa poderia ser dominada por um condutor em potencial, que lhe instruiria como uma espécie de guia. Todavia, para o francês, esse líder não seria dotado do dom da clarividência, posto que para ele, esta só o levaria à dúvida e à inércia, características opostas aos dois tipos de condutores presentes em sua classificação. Os primeiros seriam homens cheios de bravura, energia e vontade, mas dotados de vontade transitória para realizarem suas ações. O segundo tipo diria respeito aos líderes cuja “vontade persistente que possuem é uma faculdade infinitamente rara e infinitamente poderosa que faz tudo se dobrar” (Le Bon, 2018, 115). Logo, a disposição para realizar algo seria dotada de um ânimo perene para o segundo tipo.

Segundo a lógica de Le Bon, ser um líder já não diria respeito à origem de nascimento ou a bens materiais, mas a qualidades constituintes daquele que almejaria este título, principalmente a sabedoria de controlar as multidões, aliando-a ao conhecimento em sua respectiva atuação, fosse ela realizada no exército ou na indústria, por exemplo¹³. Dessa maneira:

“Chef” comme mot et comme figure vaut de plus en plus pour tous les niveaux hiérarchiques et à travers bien des domaines d’activité. La figure commence à se dessiner fortament et à s’imposer comme une forme sociale disponible à chacun, ne relevant plus des avantages de la naissance et de l’argent mais d’une sélection et d’une formation. Le “chef” qui se fait lui-même offre une formule hiérarchique utilisable pour remplir les cadres des usines qui croissent, des armées qui se massifient et de la politique faite de partis mois notabilisés¹⁴ (Cohen, 2013, p. 220).

Logo, se a multidão somente se curvaria aos mandos de um líder altivo que com sua força adentraria no estado caótico de seus liderados, Le Bon se propôs a ensinar o que um líder deveria ser, não importando a área de atividade deste, como supracitado acima. Para isso, entra em cena outro aspecto da personalidade desse chefe, ou seja, aquilo que o escritor francês denominou de “prestígio”. Esse elemento corresponderia então ao “fascínio que um indivíduo, uma obra ou uma doutrina exerce sobre nosso espírito” (Le Bon, 2018, p. 122). Toda a criticidade daquele atingido por essa característica seria abalada por essa espécie de poder, que andaria igualmente acompanhada pelo assombro e pelo respeito.

¹³ Na França, Le Bon foi bem recepcionado pelos círculos militares e industriais à época de sua publicação, sendo *Psychologie des foules* o livro de cabeceira do empresário do ramo do automobilismo Louis Renault (Cohen, 2013).

¹⁴ “Chefe” como palavra e como figura é cada vez mais válido para todos os níveis hierárquicos e em muitas áreas de atividade. A figura começa a emergir fortemente e a impor-se como uma forma social acessível a todos, não mais apoiada nas vantagens do nascimento e do dinheiro, mas na seleção e na formação. O “chefe” que se criou a si próprio oferece uma fórmula hierárquica que pode ser usada para preencher as fileiras de fábricas em crescimento, exércitos massivos e políticas compostas por partidos menos notáveis. (T. da A.)

De acordo com Le Bon (2018), o prestígio invoca sentimentos considerados inexplicáveis, sendo um instrumento poderoso para alcançar a dominação. Em razão disso, o escritor acredita que sem ele, nem deuses nem monarcas poderiam ter reinado. Como visto na classificação da categoria de líderes, o autor o dividiu em duas formas distintas: o prestígio adquirido e o prestígio pessoal. A primeira não seria um atributo inato ao condutor, dizendo respeito ao nome, à riqueza, a determinadas posições ocupadas por ele ou a títulos e condecorações¹⁵. Esse tipo, além de ser artificial e mais recorrente, não necessita ser acompanhado de algum valor pessoal.

A segunda categoria pode coexistir com a primeira, mas pode existir de maneira independente desta, exercendo-se de maneira magnética sobre as pessoas. Essa atração torna-se tão forte que “obedece-se a elas como o animal feroz obedece ao domador que tão facilmente poderia devorar” (Le Bon, 2018, p. 124). Para explicá-la, o autor faz referência a personalidades religiosas tais como Buda e Jesus e a figuras políticas como o imperador Napoleão Bonaparte. Para o pensamento leboniano, esse grupo se trata de grandiosos líderes que se firmaram por meio de seu fascínio.

Outrossim, mais do que somente criar as bases fundacionais de uma nova ciência, isto é, de uma nova teoria psicológica, o estudioso almejava influenciar os rumos da política a partir de suas ideias, técnicas e vocabulários (Cohen, 2013). Para justificar seu argumento, Le Bon inclusive afirmou:

Desde de que um certo número de seres vivos esteja reunido, quer se trate de um rebanho de animais ou de uma multidão de homens, instintivamente eles se colocam sob a autoridade de um chefe, isto é, de um condutor ou líder. Nos grupos humanos, o líder possui um papel considerável. Sua vontade é o núcleo em torno do qual se formam e se identificam as opiniões. A multidão é um rebanho que não poderia prescindir de mestre (Le Bon, 2018, p. 111).

Ao evocar a figura do mestre condutor, Le Bon nos remete à metáfora do pastor que guia seu rebanho. Não obstante, sobre isso, Michel Foucault, acerca da imagem do pastor na seara da política, sustenta a ideia do poder pastoral para tratar do tema da governamentalidade¹⁶. Em sua obra *Segurança, Território e População* (2008), o estudioso

¹⁵ A respeito disso, o autor explicita que: “Um militar de uniforme, um magistrado de toga sempre possuem prestígio” (Le Bon, 2018, p. 122).

¹⁶ Para Foucault, a governamentalidade corresponde a três fatores: “1 – o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. 2 – a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina, etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos

sustenta o argumento de que a noção de governo dos homens não pode ser atribuída aos antigos gregos, embora estes igualmente se utilizassem de metáforas para se referir àquele que estivesse à frente dos encargos da cidade por meio de palavras específicas como o timoneiro ou inclusive o piloto. Nesse sentido, o capitão da embarcação governava o navio, mas não os marinheiros, que eram governados indiretamente.

Em função disso, Michel Foucault (2008) busca em um Oriente pré-cristão e posteriormente cristão, a ideia de governo dos homens, onde o rei ou o deus seria o pastor em relação às pessoas submetidas ao seu poder. Segundo essa lógica, para o intelectual francês embora o pastor conduzisse todo o rebanho, os animais só seriam bem conduzidos se nenhuma ovelha escapasse de seu domínio, motivo pelo qual seria seu dever vigiar cada uma de forma individual. O poder pastoral se trataria de um poder individualizante. Em razão disso:

Essa marca do poder pastoral será o traço destacado por Foucault em suas análises. O fato de que o poder pastoral exerça efeitos de individualização e totalização sobre os indivíduos que governa por meio de tecnologias específicas de poder é aquilo que será assimilado pelas tecnologias governamentais a partir do século XVI. Assim, o poder pastoral não apenas inaugura as artes de governo e desenvolve o pressuposto de que os homens são governáveis, como funda a ideia de que é preciso governá-los em todos os seus detalhes, aspectos e ações, um a um e, ao mesmo tempo, a todos, de modo que o governo se configura como uma dimensão à qual não se escapa (Costa, 2018, p. 427).

Destarte, a ideia de pastorado foi desenvolvida pela Igreja Católica enquanto instituição. Por conseguinte, com essa racionalidade cristã, inaugurou-se “[...] toda uma arte de conduzir, de dirigir, de levar, de guiar, de controlar, de manipular os homens” (Foucault, 2008, p. 218). O pastor seria o guia dos caminhos a serem percorridos pelos indivíduos, por isso a analogia feita por Le Bon, ao compará-lo com seu comandante que controlaria as temidas multidões, que seriam o seu rebanho.

No entanto, além de Gustave Le Bon, um dos nomes mais relevantes para o pensamento do século XX, Sigmund Freud, por sua vez, também se debruçou sobre o estudo das lideranças e das multidões. Primeiramente no ano de 1913 com *Totem e Tabu* (2011) no qual a figura do chefe surge em meio ao mito do pai da horda. Nessa obra, o psicanalista argumenta sobre o abatimento e a cerimônia de devoração desse violento pai primevo, um ser temido e invejado por seus filhos que ao se unirem em grupo ousaram cometer o parricídio¹⁷.

específicos de governo e de um conjunto de saberes. 3 – resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado” (Foucault, 1982, p. 291-293).

¹⁷ O autor revela posteriormente que “Em 1912 adotei uma conjectura de Charles Darwin, segundo a qual a forma primeva da sociedade humana foi a de uma horda governada irresistivelmente por um macho forte. Procurei

Tal ato, para ele corresponderia ao princípio das “organizações sociais, as restrições morais, a religião” (Freud, 2011, p. 141), elementos que juntos correspondem aos pilares que serviram de base para fundar a civilização.

Posteriormente, em 1921 o austríaco lançou seu texto *Psicologia das massas e análise do eu*¹⁸ (2011), escrito cujo mote parte de uma minuciosa análise que dissecou a já referida *Psicologia das Multidões* (2018), a partir da articulação entre a psicologia individual e a psicologia social proposta pelo pensamento leboniano, com o intento de realizar uma análise de cunho social. Para o psicanalista, apesar de sua importância no estudo da psicologia social, as formulações de Le Bon não acrescentam nada de novo ao estudo dessa área. Porém, ao fazer sua própria interpretação, Freud complementa as ideias propostas pelo francês ao afirmar que existiriam outras possibilidades de compreender a formação das multidões/massas, o que levaria a uma análise mais apurada da alma coletiva. Para ele:

Provavelmente foram reunidas, sob a denominação de “massas”, formações muito diversas, que requerem diferenciação. As afirmativas de Sighele, Le Bon e outros dizem respeito a massas efêmeras, que se juntam rapidamente com indivíduos heterogêneos, por interesse passageiro. É inegável que as características das massas revolucionárias, principalmente na grande Revolução Francesa, influenciaram as suas descrições. As informações contraditórias se originam da consideração das massas ou associações estáveis, em que os seres humanos passam toda a sua vida, e que tomam corpo nas instituições da sociedade. As massas do primeiro tipo são como que superpostas a estas, como as ondas curtas, porém altas, sobre os imensos vagalhões (Freud, 2011, p. 34).

Em suas análises, Sigmund Freud (2011) buscou uma resposta embasada pela psicologia para tentar entender a transformação das pessoas quando estas se aglutinariam visando a formação de uma multidão. Para ele, a sugestão dos indivíduos e o prestígio do líder defendidos por Le Bon, não constituiriam motivos suficientes para explicar o forte vínculo que os uniriam. Na visão do psicanalista, o francês teria voltado grande parte de suas análises para a questão da modificação comportamental dos sujeitos em estado de massa.

Ao citar trechos de Gustave Le Bon seguidos por seus próprios comentários sobre a *Psicologia das Multidões*, Freud afirma que o último não respondeu o que causaria a unidade da multidão. Se esta se aglutinou, haveria algum fator responsável por causar essa ligação. Desse modo, “Para a constituição do grupo, são então necessárias, de um lado, a presença de

mostrar que as fortunas dessa horda deixaram traços indeléveis na história da linhagem humana” (Freud, 2011, p. 84).

¹⁸ Na tradução de *Psicologia das massas e análise do eu* aqui utilizada, cuja tradução foi feita pelo estudioso Paulo Roberto de Souza, cabe destacar que Freud usa a palavra massa em diversas acepções, tais como: multidão, grupo, aglomeração, entre outros.

um chefe, de outro uma ‘estrutura libidinal’, unindo os membros do grupo ao chefe” (Enriquez, 1990, p. 61). Logo, entra em cena a concepção de libido aplicada pelo vienense.

Por conseguinte, Freud (2011) observou que as emoções, o afeto e os sentimentos poderiam responder a essa questão relacionada ao poder, considerando que o sujeito de uma multidão é alvo de uma transformação de sua atividade anímica, tendo por isso sua afetividade profundamente intensificada. Segundo essa teoria analítica freudiana, o amor, não só relacionado à pulsão dos instintos sexuais, mas às várias acepções que podem ser contempladas¹⁹ por esse termo (o amor fraterno, por exemplo) corresponderia ao liame que conectaria as multidões ao chefe, motivo pelo qual a concepção desta se daria por meio de um ato de amor pelo personagem dito central nessa relação (Enriquez, 1990), isto é, o líder.

Essa conexão entre os indivíduos da multidão é recíproca e ocorre por uma espécie de identificação estabelecida por meio de “algo afetivo importante em comum, e podemos conjecturar que esse algo em comum esteja no tipo de ligação com o líder” (Freud, 2011, p. 65). O psicanalista não se restringiu a uma rígida explicação relacionada apenas a hierarquia presente na relação entre o líder e os seus comandados, já que trouxe à luz a concepção de relação libidinal, delineando os contornos para uma nova compreensão sobre a autoridade (Botton, 2017).

Além disso, o médico modificou, por sua vez, a partir da divulgação dessa teoria que tomou a palavra amor em suas várias acepções (embora para ele a psicanálise não tenha sido original ao compreender o amor de maneira mais ampliada), a interpretação sobre o que se discutia à época sobre o campo da psicologia das massas. De acordo com o pai da psicanálise:

Então experimentaremos a hipótese de que as relações de amor (ou, expresso de modo mais neutro, os laços de sentimento) constituem também a essência da alma coletiva. Recordemos que os autores não fazem menção destes laços. O que corresponderia a eles está evidentemente oculto por trás da tela, do biombo da sugestão. Para começar, apoiaremos nossa expectativa em duas reflexões sumárias. Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a que poder deveríamos atribuir este feito senão a Eros, que mantém unido tudo o que há no mundo? Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles” (Freud, 2011, p. 45).

Logo, no que diz respeito a esta concepção do poder sobre as multidões envolvendo a afetividade, Freud (2011) formula a sua classificação morfológica das mesmas. Conforme o

¹⁹ Ao se referir sobre a libido que fundamenta sua teoria, o psicanalista parte do seguinte princípio: “É uma expressão proveniente da teoria da afetividade. Assim, denominamos a energia, tomada como grandeza quantitativa - embora atualmente não mensurável -, desses instintos relacionados com tudo aquilo que pode ser abrangido pela palavra ‘amor’” (Freud, 2011, p. 43).

psicanalista, de um lado há as massas efêmeras e naturais, como as descritas por Le Bon e de outro lado há as massas de caráter duradouro, porém artificiais, cuja organização necessitaria de uma coação externa para evitar sua dissolução. Sobre estas últimas, temos como modelos o Exército e a Igreja, especificamente a igreja católica.

Nessas duas instituições haveria uma espécie de ilusão sobre a existência do chefe (nesse caso, ele seria de caráter simbólico). Na Igreja, ele seria representado pela figura de Jesus Cristo, que amaria a todos por igual. Para o autor, “Tudo depende dessa ilusão; se ela fosse abandonada, imediatamente se dissolveriam tanto a Igreja como o exército” (Freud, 2011, p. 47). Logo, essa figura de liderança se relacionaria com essa multidão a partir da imagem de um benevolente irmão mais velho, podendo inclusive substituir a figura paterna para ela. Dessa forma, esse laço que cada indivíduo desse agrupamento estabelece com Cristo é também a ligação que cada um estabelece entre si.

Quanto ao Exército, o chefe se apresenta por meio da figura do general. Nesse tipo de estrutura “Cada capitão é como que o general e o pai de sua companhia, cada suboficial, de sua unidade” (Freud, 2011, p. 48). Semelhante a Cristo, este amaria os integrantes da multidão na figura de seus soldados, de forma igual, não havendo distinção de afeto entre eles²⁰. Por isso, tanto no Exército quanto na Igreja, cada sujeito se encontra conectado libidinalmente aos seus respectivos líderes (general e Cristo). Entretanto, por outro lado, esses indivíduos também se acham ligados uns aos outros. Todavia, acerca da igualdade nessas relações Freud esclarece que:

Já vimos, ao abordar as duas massas artificiais, a Igreja e o Exército, que o seu pressuposto é que todos sejam amados igualmente por uma pessoa, o líder. Mas não esqueçamos que a existência de igualdade vale apenas para os indivíduos, não para o líder. Os indivíduos todos devem ser iguais entre si, mas todos querem ser dominados por um só. Muitos iguais, que podem identificar-se uns com os outros, e um único, superior a todos eles - esta é a situação que se acha realizada numa massa capaz de subsistir. Ousemos então corrigir o enunciado de Trotter, segundo o qual o homem é um animal de rebanho, dizendo que ele é antes um animal de horda, membro individual de uma horda conduzida por um chefe (Freud, 2011, p. 83).

Pelas lentes do prisma freudiano, das massas/multidões humanas emerge mais uma vez a imagem do homem muito forte no meio de um grupo de iguais companheiros, tal como na ideia da primeira horda já enunciada em *Totem e Tabu* (2011). Por isso, fatores como atrofiamento de uma personalidade individual consciente, o surgimento de pensamentos e

²⁰ Quanto ao a essa formação da massa artificial do exército, Freud ainda elucida que: “A esta concepção da estrutura libidinal do Exército se objetará, com razão, que nela não há lugar para as ideias de pátria, de glória nacional e outras assim, tão importantes para a coesão do Exército. A resposta é que esse é um outro caso, menos simples de ligação de massa, e, como mostram os exemplos de grandes comandantes, César, Wallenstein, Napoleão, tais ideias não são indispensáveis para a existência de um Exército” (Freud, 2011, p. 48).

sentimentos orientados na mesma direção, a predominância da afetividade, junto de uma inclinação rápida para realização de determinados propósitos, podem ser correlacionados a “um estado de regressão a uma atividade anímica primitiva, como a que nos inclinamos a atribuir à horda primeva” (Freud, 2011, p. 185).

Essa horda primeva, portanto, pode ser reconstituída em qualquer agrupamento humano já que o indivíduo primevo se acha de certa forma conservado em cada homem, e “os homens são habitualmente governados pela formação da massa” (Freud, 2011, p. 85). O psicanalista depreende então que a psicologia da massa seria a mais antiga psicologia humana, posto que a psicologia individual só teria despontado após a primeira.

Posto isso, Freud (2011) sustenta a ideia de que a inquietação, o caráter compulsivo e o fenômeno de sugestão que modelam a massa, devem suas origens a essa horda primeva. O líder desse ajuntamento corresponde ao temeroso pai primordial. Consequentemente, “a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão” (Freud, p. 91). A partir disso, há a renúncia do ideal do Eu movida pela substituição do ideal da massa consubstanciada no chefe.

Portanto, pode-se dizer que as teorias oitocentistas pensadas por Gustave Le Bon e as teorias formuladas por Sigmund Freud décadas depois, para se pensar sobre questões envolvendo as dinâmicas do poder, a política, as características atribuídas aos chefes e igualmente aos sentimentos emanados pelas chamadas multidões, tiveram grande impacto para o século XX nos lugares nos quais essas obras foram traduzidas e propagadas, como no Brasil governado pelo presidente Getúlio Vargas. Fato que observaremos a seguir.

1.3 O poder centralizador: a liderança política no governo Vargas

A historiadora Maria Helena Capelato, em sua obra *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo* (2009), examina a utilização dos discursos sobre a figura do líder no continente americano, especificamente na América do Sul, projetando suas análises nas figuras do presidente argentino Juan Domingo Perón e do presidente brasileiro Getúlio Dornelles Vargas. Para a pesquisadora, “Valendo-se das técnicas sofisticadas de comunicação com objetivo político, os representantes do varguismo e do peronismo procuraram canalizar a participação das massas na direção imposta por esses regimes” (Capelato, 2009, p. 21). Logo, guardadas as devidas diferenças entre ambos, se pode dizer que eles fizeram uso dos artifícios advindos das teorias da liderança, da difusão de imagens e símbolos para legitimar a iminente ascensão política em seus respectivos países.

Sobre Getúlio Vargas, político o qual nos voltaremos nesta pesquisa, a partir de sua chegada ao poder alcançada pela Revolução de 1930, este e seus ideólogos buscaram a construção de um país que rompesse com os ideais liberais da denominada Primeira República (1889-1930). Nessa conjuntura, as consequências de acontecimentos como a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa de 1917 provocaram não somente na Europa, mas em várias partes do mundo uma crise ao sistema liberal²¹. Com isso, críticas à democracia parlamentar de caráter individualista foram tecidas, emergindo uma preocupação com as classes mais populares. Outras maneiras para que se controlassem as massas com a finalidade de evitar sublevações de cunho socialista foram discutidas. Um dos artifícios encontrados para a realização do controle social se deu pelo fortalecimento do Estado, dirigido por um líder tão forte quanto. Este homem, dotado de determinadas particularidades, comandaria os rumos de sua nação (Capelato, 2017). Sobre as nuances envolvidas na construção de Vargas como esse chefe carismático, Angela de Castro Gomes elucida que:

Vargas é a primeira grande figura da República brasileira; mas não o é naturalmente ou por acaso. É a primeira por não ter antecedentes que rivalizem com seu prestígio e por se constituir, de fato, no primeiro modelo exemplar do que devia ser e fazer um presidente da República, isto é, a autoridade política maior de um país que era grande em tamanho e organizava-se como uma federação de estados. É preciso lembrar que, durante a Primeira República, não surgira uma mística presidencial no Brasil. Porém, não devido ao poço de incompetência a que foi lançada pelos teóricos autoritários do Estado Novo, no pós-30, no afã de desqualificar um passado que queriam tornar sinônimo de ultrapassado: de uma República "Velha" [...]. No Brasil, a ideia do chefe de Estado como materialização do poder público apoiado pelo povo só seria experimentada no pós-1930, segundo um projeto autoritário de cunho corporativo, que era uma negação dos procedimentos clássicos do liberalismo, então em descrédito (Gomes, 2013, p. 30).

Dessa maneira, a concepção do mito Vargas emergiu durante os anos de seu governo ditatorial. Antes de sua chegada ao poder, ele foi considerado um entre os vários indivíduos que participaram da revolução, não sendo, portanto, amplamente conhecido. Isso mudou na ocasião do Governo Provisório. Nas eleições indiretas de 1934, articuladas pela Assembleia Nacional Constituinte, o político disputou com Borges de Medeiros e Góis Monteiro, o que demonstra a instabilidade política que rondava o país. Já eleito, seu cargo presidencial foi alvo de debates e contendas. Em razão disso, Getúlio não mediu esforços para fazer uso de todos os instrumentos políticos que dispunha, projetando conforme lhe convinha, sua imagem à de um Estadista e líder nacional (Gomes, 2005).

²¹ Sobre a crise do sistema liberal nesse período, sugerimos à leitura do trabalho de Victor Coelho, intitulado *A técnica como totalidade: a mitologia política de Ernest Jünger no entreguerras* (2020).

Correlacionando os discursos da ideologia varguista ao que estava sendo propagado no Brasil à época, podemos observar a maneira como os mesmos foram fortemente inspirados a partir dos enunciados contidos nas teorias de André Maurois (1939; 1996) e de Gustave Le Bon (2018). Ademais, a obsessão pela figura do chefe durante o século XX pode ser observada na obra *O Estado Nacional*, de autoria do jurista Francisco Campos, um dos principais ideólogos²² do regime:

Uma época não são seis meses de história. Uma época é uma atmosfera, uma ambiência, um clima. Com o Dez de Novembro começou para o Brasil uma atmosfera, uma ambiência, um clima. Em primeiro lugar, o clima da ordem: não apenas o da ordem nas ruas, mas, antes de tudo, e sobretudo, o clima da ordem no Estado. O Estado passou a ser uma ordem, isto é, um sistema animado de um espírito e de uma vontade, unificado em torno de uma pessoa, que é em política a primeira categoria da realidade. O Estado tem um chefe. A política deixou os bastidores das combinações para ser o que é, efetivamente, nas grandes horas dignas de serem prolongadas no tempo e vividas em toda a plenitude: as decisões tomadas por um homem que se sente em comunhão de espírito com o povo de que se fez guia e condutor, responsável por ele diante da história e do destino. No regime das combinações, o Estado era um ponto ideal de imputação. A autoria real das decisões perdia-se no anonimato das coletividades fortuitas ou ocasionais, que se apresentavam em público como responsáveis por uma decisão que era de todos sem ser de nenhum ou de ninguém. Todos os artifícios, mecanismos e processos do demoliberalismo tinham por fim impedir que o povo identificasse, escolhesse ou aclamasse o chefe, isto é, a autoridade encarnada na pessoa, único meio de ser a autoridade humana e responsável (Campos, 2001, p. 192).

Na passagem em questão, Campos refere-se à criação do Estado Novo, período autoritário marcado pela censura contra a imprensa. Até então, o presidente havia governado o país de forma provisória, sendo eleito de maneira indireta no ano de 1934, como mencionado anteriormente. Contudo, em 1937, foi desfechado o golpe, dando início ao estado de exceção²³ estadonovista. Conforme as análises de Boris Fausto (2013) Vargas não precisou fazer muito esforço para deflagrar o golpe, visto que diversos setores das classes mais altas da sociedade aguardavam pela ordem, sendo ouvidas e atendidas pelo governo.

O Estado Novo foi um processo iniciado em 1930 para consolidar a centralização da política e da burocracia. Esse projeto de um poder centralizado tinha como foco dificultar instabilidades políticas e sociais provocadas por antigos antagonismos políticos causados pelas oligarquias regionais. Dessa forma, esse regime se alicerçou em uma estrutura

²² Nessa conjuntura de autoritarismo, um seleto grupo de intelectuais como Francisco Campos, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral entre outros, teve por tarefa formular a doutrina do regime visando difundir-la em um “esforço conjunto de homogeneização dos discursos do poder, particularmente o ideológico” (Lenharo, 1986, p. 53). Todavia, Lúcia Lippi Oliveira (1982) defende que o Estado Novo não produziu uma doutrina oficial de forma explícita (o mais próximo disso seriam os próprios discursos de Vargas). Para a autora, esses intelectuais, além de doutrinadores, podem ser vistos como “intérpretes da nova ordem”.

²³ Sobre esse tema, podemos destacar a obra de Giorgio Agamben intitulada *Estado de Exceção* (2004).

sustentada pelo Poder Executivo, tendo em vista que o Poder Legislativo (representado pelo Congresso) foi fechado em 1937, enquanto o Poder Judiciário se encontrava sob as ordens da Presidência da República. O cargo de presidente formava o ponto mais alto do Poder Executivo, por vezes se amalgamando a própria imagem do presidente, e sendo também complementado pelos ministérios e pelos interventores estaduais indicados por Vargas (Napolitano, 2018).

Nessa atmosfera ditatorial, Campos (2001) ainda defendeu que o povo e seu chefe compunham as duas entidades do novo regime. Vargas seria líder não só no sentido simbólico ou jurídico do termo, posto que ocuparia o lugar de “Chefe popular da Nação”. Toda sua autoridade transcenderia a autoridade legal e seria colocada em prática através de seu prestígio e de sua autoridade de chefe. Segundo esse ponto de vista, só um “Estado de Chefe” poderia ser considerado um Estado Nacional que conseguiria alcançar a meta de sua unificação.

Segundo essa doutrina, o prestígio e a autoridade, portanto, seriam marcas distintivas do líder. A primeira já havia sido anunciada por Le Bon (2018), o que demonstra a inspiração advinda do autor francês para fundamentar a ideologia estadonovista. A segunda marca pode ser entendida a partir do conceito formulado pelo sociólogo Richard Sennett (2012) como a ligação existente entre pessoas que se encontram em uma relação de desigualdade. O vínculo de autoridade para este autor é alicerçado e construído a partir de imagens que evocam por um lado a força e por outro a fraqueza, constituindo, portanto, “a expressão emocional do poder” (Sennett, 2012, p. 13). De acordo com esse pensamento, Vargas ocuparia o lugar da força enquanto o povo brasileiro tomaria o lugar do lado mais fraco, precisando, assim, ser guiado e protegido por seu chefe. Não por acaso, o presidente Vargas ficou conhecido pela alcunha de “pai dos pobres”.

Não obstante, para colocar em prática seu projeto de estabelecer estruturas de poder que permitissem sua conservação à frente da Presidência da República, era necessária uma minuciosa organização. Nessa esteira, uma das significativas ações efetivadas pela ditadura varguista foi a criação em 1939 do Departamento de Imprensa e Propaganda, também conhecido como DIP:

Vinculado diretamente à Presidência da República, o DIP produzia e divulgava o discurso destinado a construir uma certa imagem do regime, das instituições e do chefe do governo, identificando-os com o país e o povo. Nesse sentido, foram produzidos livros, revistas, folhetos, cartazes, programas de rádio com noticiários e números musicais, além de radionovelas, fotografias, cinejornais, documentários cinematográficos. Nesse conjunto, destacam-se a imprensa e o rádio como os meios mais utilizados para a divulgação da propaganda política (Capelato, 2009, p. 81)

Dirigido pelo jornalista Lourival Fontes (ideólogo admirador do fascismo italiano), o órgão em questão era subordinado de forma direta ao controle do Presidente da República, sendo crucial para a propagação da imagem do regime. A sua organização era dividida da seguinte maneira: “divulgação, radiodifusão, cinema, teatro, turismo e imprensa” (Velloso, 1982, p. 72). O Departamento de Imprensa e Propaganda tinha ainda órgãos filiados em diversos estados brasileiros, os denominados Deips.

Todo esse aparato institucional ocasionado pelo funcionamento do DIP fazia parte de uma tendência que “vinha desde os primeiros tempos de sua presidência quando, em 1931, foi criado o Departamento Oficial de Publicidade” (Fausto, 2013, p. 103), e contribuiu para a construção de uma marcante e simbólica propaganda oficial nunca vista antes na história do país, haja vista que entre suas principais atribuições estavam a de difundir as propagandas oficiais e exercer o controle da censura sobre tudo o que viria a ser publicado na imprensa brasileira. Assim:

Foi só a partir do Estado Novo que sua figura começou a ser projetada como a de um grande e indiscutível líder nacional. Em 1938 a máquina política do Estado, tendo cabeça o DIP, começou a articular, possivelmente, uma das mais bem sucedidas campanhas de propaganda política de nosso país. Getúlio Vargas era seu personagem central, e desde este ano até 1944 o empreendimento não cessou de crescer. Festividades, cartazes, fotografias, artigos, livros, concursos escolares, e toda uma enorme gama de iniciativas foi empreendida em louvor do chefe do Estado Novo. Seu nome e sua imagem passaram a partir daí a encarnar o regime e todas as suas realizações (Gomes, 2005, p. 219).

A ideologia alicerçante dessa propaganda também pode ser observada pela ótica do ineditismo, posto que a mesma foi encarada como peça central para se colocar em prática o projeto político estadonovista. Nesse sentido, a estudiosa Monica Pimenta Velloso (1982) ao se debruçar sobre a função ideológica do período argumenta que ao se pensar sobre a função da ideologia, não é necessário deixar de lado toda a ação coercitiva do regime, pois se faz importante refletir sobre a “dupla articulação consenso-força”. Ademais, de acordo com Foucault (1979), o poder não se exerce somente de forma repressiva ou mesmo negativa, já que igualmente tem a capacidade de produzir determinados saberes e determinados discursos que podem atravessar o corpo social.

O largo uso de propagandas políticas por diversas vezes dotadas de teor sentimental e da repressão a todos os opositores foram estratégias utilizadas para garantir a legitimidade do governo (Capelato, 2017). Desta feita, a imprensa foi diretamente vinculada aos interesses do Estado, e os veículos de comunicação só poderiam continuar a serem veiculados caso dispusessem do registro concedido pelo DIP.

Conforme o estudioso Alcir Lenharo (1986), Getúlio Vargas em seus discursos por diversas vezes fez alusão ao lugar ocupado pelos meios de comunicação, especialmente ao papel ocupado pela imprensa na sociedade brasileira, de forma a ressaltar o seu gerenciamento como importante instrumento de controle e de modificação da opinião pública²⁴. Não por acaso, a profissão de jornalista foi chamada pelo presidente de “sacerdócio cívico”, já que os trabalhadores desse ofício foram considerados responsáveis por delinear os contornos do pensamento nacional em voga, sendo fundamentais para a manutenção do poderio estatal.

Segundo Capelato (2009), esses profissionais foram cooptados não só através de coação oficial, mas igualmente por acordos travados entre certos setores da imprensa e do governo. Além do mais, Vargas ouviu algumas reivindicações dos mesmos, a exemplo da regulamentação da profissão, o que permitia a garantia de direitos trabalhistas. Mas, os periódicos deveriam divulgar notícias e realizações do governo (a exemplo de comemorações de datas festivas, inaugurações de obras e visitas, tanto do presidente quanto de seus ministros), além de expor fotografias do presidente. Estima-se que 60% das matérias publicadas eram fornecidas pela Agência Nacional, existindo uma correlação entre a censura e a propaganda, tendo em vista que ao mesmo tempo em que se proibia determinadas notícias (a exemplo de divulgar a existência de oposição ou de descontentamento ao governo, problemas econômicos, de transporte ou até mesmo acidentes), havia a imposição de certos assuntos favoráveis à conveniência do regime.

Além do uso de periódicos, o rádio também foi utilizado com o intento de produzir a difusão de discursos oficiais, mensagens e notícias. Sua transmissão no país firmou-se na década de 1930, período no qual os ideólogos estadonovistas argumentam pela defesa de um projeto educativo, cuja finalidade seria a formação da consciência nacional, característica necessária para o projeto de integração nacional, assim, um dos maiores defensores dessa perspectiva foi Roquette-Pinto (Capelato, 2009).

Já no ano de 1931, surgiu o programa *Hora do Brasil*, sendo posteriormente reestruturado após a criação do DIP. Tal programa tinha em seu bojo três propósitos distintos, sendo eles informativo, cultural e cívico, sempre de forma a celebrar o espírito patriótico e a exaltar as ações pretéritas consideradas gloriosas. O supracitado órgão tinha como diretor Lourival Fontes, apresentou ao governo um plano para que se criasse uma rádio estatal de

²⁴ Sobre o papel da imprensa nesse período, Francisco Campos escreveu que: “O instrumento mais poderoso de governo não pode ficar à mercê do interesse privado. Se a Imprensa dispõe da técnica e do poder de formar a opinião pública, não poderá empregar a técnica e exercer o poder senão no interesse público e para fins públicos” (Campos, 2001, p. 68-69).

grande porte, com propósitos propagandísticos, a exemplo do que já ocorria na propaganda alemã, articulada pelo ministro Joseph Goebbels, porém, esse projeto não teve o devido apoio para sair do papel (Capelato, 2009).

No entanto, o varguismo, inspirando-se no fascismo italiano projetou suas preocupações, sobretudo no controle da imprensa, em comparação ao controle exercido sobre o rádio. Em vista disso, mesmo considerando a importância fundamental da rádiotransmissão para o período, “o discurso veiculado pelos meios de comunicação tem sua matriz na imprensa escrita” (Velloso, 1982, p. 73), motivo pelo qual esse tipo de mídia mostrou-se como um dos meios mais eficientes para se difundir e legitimar o regime.

Nesse sentido, atendendo ao projeto de poder imposto pelo governo, a revista mensal *Cultura Política*, editada e publicada diretamente pelo Departamento de Imprensa e Propaganda entre março de 1941 a outubro de 1945, estava encarregada da produção do discurso propagado pelo regime. Dirigida pelo ideólogo Almir de Andrade, em seus números foram produzidos o que se pode denominar de as “coordenadas do regime” (Velloso, ano, p. 74) estadonovista.

Comercializada nas bancas do Rio de Janeiro e de São Paulo, foi por meio de seus discursos que se estabeleceram os fundamentos para o projeto centralizador empreendido pelo Estado Novo. Acerca disso, é válido ressaltar que essa centralização não se restringiu ao nível político, visto que a situação governamental demandava centralizar igualmente o poder simbólico para efetuar sua legitimação (Velloso, 1982). Em sua primeira edição, em um texto introdutório intitulado *A evolução política e social do Brasil*, Andrade esclareceu o propósito da publicação aos leitores:

As páginas desta Revista procurarão definir e esclarecer êsse rumo. Elas serão, nêsse sentido, um espelho do Brasil. O que somos, o que pensamos, o que realizamos em todos os setores da nossa atividade creadora — na política, na economia, na técnica, nas artes, nas letras, nas ciências — ficará estampado nestas páginas, através do depoimento de todas as gerações que hoje vivem, em todas as cidades e rincões do Brasil. Uns após outros esses depoimentos virão, do norte e do sul, do litoral e do centro, de velhos e moços, de gerações da República e do Império, de antes e de após-guerra. Eles falarão pelo Brasil. Porque eles são o Brasil (Andrade, 1941, p. 5).

A *Cultura Política*, desde o princípio, se colocou como uma revista de “estudos brasileiros” (como elucida seu subtítulo), divulgando, portanto, mudanças políticas e sociais ocorridas no Brasil, e as intervenções do governo em diversos setores. Além disso, ela tinha como um de seus objetivos propiciar discussões sobre problemas que tratassem sobre as questões regionais, porém, exigia como condição que estas sempre se limitassem à conjuntura nacional (Velloso, 1982).

Por meio de sua venda e circulação, a revista cumpria, deste modo, um específico e crucial papel para o regime autoritário, funcionando como um núcleo de informações privilegiadas no qual “A preocupação explícita em atualizar, centralizar e controlar as informações na imprensa dão conta do alto grau de organização e eficácia do projeto ideológico” (Velloso, 1982, p. 75).

A publicação exerceu também a função de interpretar o pensamento de Getúlio Vargas em uma seção intitulada “O pensamento político do chefe do governo”, na qual Almir de Andrade, ao discorrer sobre o pensamento de Vargas, explicou que “Não se pode imaginar tarefa mais delicada que a de expôr, explicar e interpretar o pensamento político do Chefe da Nação no nosso regime, sobretudo quando êsse chefe foi o creador da ordem [...]” (Andrade, 1941, p. 157).

Em razão disso, o exemplo acima, revela que a revista em questão não se furtou de projetar a figura do presidente Getúlio Vargas como o maior e mais importante líder da história nacional, estando alinhada aos discursos que tratavam sobre o chefe e sobre o comando. Sobre isto, em ocasião da terceira edição da mesma, ainda no ano de 1941, Azevedo Amaral, ao escrever o texto *Evolução política republicana*, afirmou:

Personificando os sentimentos, as aspirações e a vontade do Brasil como nenhum outro homem de Estado o fez em toda a nossa história, o chefe da revolução de 1930 tornou-se o mandatário da Nação para executar a obra de reorganização, que deveria constituir o empreendimento a ser levado na última etapa da evolução da política republicana. A influência do chefe nacional despertou no povo forças de ação cívica, com as quais êle pôde plasmar instituições novas, chegando na lógica dêsse processo evolutivo ao coroamento da obra renovadora com a Constituição de 10 de Novembro de 1937 (Amaral, p. 172, 1941)

A publicação coloca-o na posição daquele homem excepcional, a do indivíduo criador da ordem. Segundo essa perspectiva, o presidente Vargas constituiria um exemplo do homem de ação, capaz de realizar grandes feitos em prol do bem da pátria e consequentemente de todos os que nela habitam. É dessa maneira que “Tanto quanto pelas suas qualidades de estadista, a figura do atual Presidente da República se impôs pelo seu exemplo de energia e de trabalho” (Andrade, 1942, p. 9), sendo assim, saberia comandar a nação por suas qualidades políticas e pessoais que o qualificaram para ocupar seu elevado cargo. Outrossim, não se pode esquecer a vinculação direta da *Cultura Política* com a produção do discurso oficial. Por isso:

A presença de Vargas como centro simbólico do novo Estado é uma construção recorrente em praticamente todos os artigos da *Cultura Política* que tratam da questão da ordem política no período. Neste caso, como se viu, utilizava-se uma escrita sofisticada e toda uma bateria de argumentos fundados na moderna ciência social da época. Esta análise cientificista era contudo apenas um dos níveis de

produção e divulgação do projeto político que estava sendo construído. A ampla propagação deste projeto e, especialmente, sua operacionalização recorreram a outro tipo de linguagem e a outros meios de comunicação (Gomes, 2005, p. 209).

Logo, por ser de caráter nacional, seus discursos serviram de exemplo e de inspiração para a fabricação de semelhantes simbologias em âmbito regional e local. Por conseguinte, tais discursos que tinham como mote versar sobre os poderes e a capacidade de liderança de Vargas também foram difundidos por meios de biografias de cunho oficial. Esses textos, além de narrarem à vida do presidente, tiveram como missão apresentá-lo na posição de líder predestinado do Brasil.

1.4. Os usos políticos do gênero biográfico

Considerando a complexidade do período que vai de 1937 a 1945, no qual se lançaram as bases para a construção de uma identidade nacional e para a legitimação do então governo, o gênero biográfico configurou-se como uma profícua fonte para compreendermos a discursividade construída em torno da figura de Getúlio Vargas nos anos em que o político esteve ocupando o cargo de presidente da República²⁵.

A escrita sobre a personalidade do político, sua trajetória e suas realizações, portanto, não se revelou como uma atividade empreendida por intelectuais que gozavam de maior prestígio e reconhecimento (como os intelectuais presentes na *Cultura Política*), mas por escritores de menor renome (Botton, 2017). Nesse sentido, sobre essa segmentação da atividade intelectual, Velloso esclarece que:

A divisão do trabalho intelectual no interior do projeto ideológico do Estado Novo demonstra o quanto este projeto foi eficaz, coerente e coeso. Podemos dizer que esta divisão atinge duas dimensões: a primeira se opera entre os “produtores” do discurso - os grandes intelectuais - e os seus divulgadores - os intelectuais médios; a segunda diz respeito à divisão ou diversificação no próprio campo de produção, onde os intelectuais priorizam aspectos distintos para explicar a “nova ordem” (Velloso, 1982, p. 100).

Por conseguinte, nesse momento, o mercado editorial do Brasil vivenciava um período de expansão, marcado também por uma modernização das técnicas de produção, divulgação e distribuição de livros. Dentre as razões que motivaram esse crescimento, se pode elencar a diminuição da importação de publicações estrangeiras, acarretada pela desvalorização da moeda nacional após a crise de 1929 e a ampliação da escola secundária, o que acarretou uma

²⁵ A ascensão de Getúlio Vargas como grande liderança nacional provocou uma extensa produção de textos biográficos (Capelato, 2009).

maior produção de compêndios. Foi durante essa expansão que ocorreu a propagação de obras de teor biográfico (Fraga, 2012).

No entanto, essa escolha não ocorreu somente em decorrência de questões editoriais. Para além da divulgação e popularização de livros com preços mais acessíveis, em que o público seria constituído por um diverso grupo, esses novos leitores não mais estariam circunscritos só às classes mais altas, já que as camadas consideradas médias e populares igualmente passariam a consumir esse tipo de leitura. Nessa decisão havia também o interesse político, posto que essas publicações permitiriam promover o estudo da personalidade política de Vargas. A escrita desse gênero foi “consoante com a perspectiva historiográfica adotada por boa parte dos intelectuais do período, que se preocupavam em relatar a vida dos grandes homens como maneira de se escrever uma história nacionalista e heroicizante” (Botton, 2017, p. 83-84).

Um exemplo disso se mostra a obra *Biografias dos Maiores Vultos do Brasil* (1937), de autoria de Eduardo de Vasconcellos. Nessa publicação, o então professor volta seus interesses para a vida de personalidades da história do Brasil, como José de Anchieta, Antônio Vieira, Marquês de Pombal, Aleijadinho, Bento Gonçalves, dentre outros. Para cada um desses “vultos”, há uma espécie de síntese que trata sobre a trajetória, realizações e citações das obras de todos eles. No texto que corresponde ao prefácio, o autor faz o seguinte apontamento acerca da miríade de indivíduos escolhidos para compor seu livro:

Reunindo nesta obra os vultos mais representativos do patriotismo, do pensamento e da ação na História do Brasil, pensamos prestar algum serviço à nossa infância e à nossa juventude.

Construtores que foram da nossa Pátria, que tanto dignificaram pelos seus trabalhos e pelas suas virtudes, esses varões ilustres valem como padrões dignos de serem imitados.

Não basta, sem dúvida, o ensino abstracto de educação moral e cívica para formar o cidadão: mais do que isso impressiona e educa a narrativa da vida e da obra daqueles que se sacrificaram pelo bem da Pátria (Vasconcellos, 1937, p. 7).

Sob tal perspectiva, intelectuais brasileiros como Gilberto Freire, Rui Barbosa e Euclides da Cunha, foram influenciados pelo pensamento do historiador oitocentista escocês Thomas Carlyle²⁶ acerca do papel dos heróis ao longo da história. Para esse pensador, a história da humanidade só poderia ser tecida a partir da história dos chamados “grandes homens”. Segundo esse ponto de vista, o grande homem seria portador de diversas qualidades dignas de um verdadeiro herói (Andrade, 2006).

²⁶ Sobre isso, ver a obra de Thomas Carlyle intitulada *On heroes, Hero-Worship, and the Heroic in history* (1906).

Logo, essas teorias se fizeram presentes na conjuntura da América-Latina nas décadas de 1930 a 1940, fator que permitiu a articulação entre a escrita historiográfica e biográfica dos indivíduos considerados ilustres, autores de grandes realizações que influenciaram os rumos da nação. Esse atravessamento “atendia muito bem às demandas de uma narrativa que relegava às massas o caráter paciente e expectador dos cursos históricos gerenciados pelos homens distintos e superiores” (Botton, 2017, p. 84).

Nessa atmosfera, o governo de Getúlio Vargas tomou para si a tarefa de desenvolver diversas medidas nos campos político e cultural com o intento de divulgar os “heróis da pátria”, os grandes homens de nossa história dignos de serem dispostos no panteão nacional, segundo os critérios estabelecidos conforme os interesses desse regime (Fraga, 2012). De acordo com esse raciocínio, esses indivíduos deveriam ser constantemente lembrados pelas gerações vindouras como perfeitos exemplares de conduta, devendo ser seguidos como exemplos para a população brasileira, em razão da ilibada reputação atribuída aos mesmos:

Dessa forma, o gênero literário, histórico e psicológico da biografia passou a adquirir uma configuração política fundamental, permitindo uma tríplice afirmação reiterativa: 1) da trajetória de uma vida que delineava, por extensão, a história coletiva a legitimar os pretensamente verdadeiros rumos da nação, da pátria, do povo e das massas. 2) o perfilamento de grandes nomes políticos a serem utilizados como modelos morais e subjetivos; 3) a confirmação das teorias psicológicas da personalidade e da liderança a partir do exemplo e da vida desses homens singulares (Botton, 2017, p. 85).

Por esse prisma, a figura do presidente, portanto, não poderia ficar à margem dessa interpretação. A partir disso, esses discursos irão construir sua imagem a partir do ideário de guia da nação, um homem dotado de características extraordinárias para uma pessoa comum, o que nos faz relacioná-lo ao dominador chefe carismático pensado por Max Weber (1999), já anteriormente mencionado. Em razão disso, o político seria alguém com pulso firme para segurar as rédeas dos destinos do Brasil.

Nessa toada, o historiador François Dosse (2009), ao tratar sobre o que ele denomina de “Idade Heróica” da produção biográfica, afirma que da Antiguidade à Modernidade, esse gênero ocupou a pedagógica função de difundir valores considerados importantes de uma geração para a outra subsequente. Por essa razão, não só narraria a trajetória de uma vida, já que por outro lado também retrataria os modos de viver e os modelos de conduta a serem seguidos posteriormente.

Sob esse prisma, podemos destacar a biografia de Getúlio Vargas publicada em 1942 intitulada *Um homem que governa*, de autoria de Alfredo Pessôa. Para divulgação da obra, em

ocasião do aniversário do autor em fevereiro de 1943, o jornal carioca *A Noite*, periódico à época pertencente ao governo federal afirmou:

Fez anos ontem o Sr. Alfredo Pessoa, diretor da Divisão de Divulgação do Departamento de Imprensa e Propaganda, precisamente em Londres, onde foi chefiando a Embaixada de jornalistas brasileiros especialmente convidados pelo governo de S. M. britânica para uma visita às ilhas. Alfredo Pessoa é, sem favor algum, uma das individualidades mais dignas de admiração, pelo seu caráter íntegro, pelo seu sentimento de justiça e pela sensibilidade apurada do seu espírito. O Estado Nacional encontrou no seu entusiasmo cívico e patriótico uma irrestrita solidariedade em pensamento doutrinário, bem expresso na obra que escreveu e publicou antes de partir, com o título “Um homem que governa” (*A Noite*, 26 de fevereiro de 1943, p. 4)

Isto posto, para escrever sobre a vida do presidente, fica claro que o jornal supracitado alçou Pessoa aquele exemplo de homem modelo (como seu biografado), imbuído dos ideais patrióticos e de fidelidade ao regime, fatores necessários para bem cumprir a tarefa à qual se comprometeu e tornar público seu estudo, que podemos denominar de “radiografia política” (Botton, 2017, p. 84) de Vargas.

Nessa tônica, o jornal teresinense *Gazeta*, o qual nos deteremos mais minuciosamente no próximo capítulo desta pesquisa, também divulgou o livro de Alfredo Pessoa em outubro de 1942. A pequena nota foi inserida em uma seção intitulada “Livros e Folhetos”, sendo um texto de divulgação da Agência Argus. De modo semelhante ao lançamento da nota carioca, houve comparações entre a conduta do autor e a conduta do presidente, fato observável no seguinte trecho: “Casa-se o caráter aprimorado e forte do biografo com a rigidez moral do biografado” (*Gazeta*, 1942, p. 2).

Contudo, não podemos esquecer que o jornal *A Noite* se tratava de uma publicação atrelada ao regime, enquanto o periódico piauiense *Gazeta* sofria pela censura imposta pela ditadura do Estado Novo. Como consequência, as notas escritas em ambos os veículos de comunicação foram lançadas com a finalidade de propagandear a obra enaltecedora do diretor de divulgação do DIP.

Em seu escrito *Um homem que governa*, Alfredo Pessoa apresenta uma “Síntese biográfica e doutrinária” do político gaúcho. Nessa síntese são apresentados datas e fatos significativos da vida de Getúlio, como seu nascimento em São Borja em 19 de abril de 1883, bem como breves discursos proferidos pelo político em diversas ocasiões. Após essa primeira parte, o livro é composto pelo compilado de diversos textos do autor, escritos entre os anos de 1938 a 1941.

Cada texto é antecedido por uma frase utilizada como título. Dessa maneira, o primeiro “A surpresa de uma revelação”, defende a centralidade do poder em face de sua dispersão na sociedade (ao se referir a democracia e ao então parlamento). Segundo essa lógica “Só a concentração do comando dá autoridade, e só com inteira autoridade há plena responsabilidade” (Pessoa, 1942, p. 155). Para o escritor, um governo do povo pelo povo, seria equivalente a um estado de anarquia. Esse ambiente colocaria pessoas sem nenhum preparo para resolver problemas sem a devida qualificação da parte destas.

Pessoa (1942) ainda esclarece seu argumento ao expressar que somente Vargas seria o indivíduo apto para resolver os obstáculos a serem superados pelo Brasil. Por esse motivo, é categórico ao afirmar que o golpe foi uma providência primordial. Desse modo, somente após o 10 de novembro de 1937 que a personalidade do “Chefe da Nação” deixou de passar despercebida. Antes disso, apesar de ser um homem respeitável, era considerado alguém sem as virtudes políticas necessárias para ocupar seu cargo. Desta feita, na introdução de sua obra, o autor destaca que:

Só, pois, um homem de excepcionais qualidades práticas poderia fazer prevalecer o ponto de vista nacional. E o Presidente Getúlio Vargas o fez mais tarde, depois de uma experiência dolorosa, a que só os homens da sua têmpera cívica seriam capazes de submeter-se.

Cada grupo revolucionário queria ditar programas. Todos os revolucionários - salvo meia dúzia de exceções - se achavam com o “direito” de mandar. A crítica aos atos do governo se fazia abusivamente nos cafés, nos clubes, nas esquinas, com a cumplicidade indesculpável de elementos tidos como insuspeitos.

Mas um homem com o dom especial e profundo de conhecer os outros homens velava pela ordem. Risonho, afável, tolerante, generoso e forte, ouvia a tudo e a todos, e ia seguindo o seu caminho, sem intransigências; o caminho que o seu aguçado sentido político lhe indicava (Pessoa, 1942, p. 27-28).

Como consequência, essas virtudes qualificadoras de liderança política foram reveladas (fato que justifica o nome desse texto) após o Estado Novo, fazendo-o um homem paciente, já que esperou pelo momento oportuno para mostrar-se na forma do verdadeiro “herói moderno”, capaz de conduzir seu povo. Por causa disso, o autor encerra esse capítulo afirmando que:

Em torno do Presidente Vargas cria-se, então, uma mística. Passou-se a aceitar que tudo o que faz é para melhor. A confiança nos seus propósitos renasce mais forte.

Generoso, honesto, corajoso e sem guardar rancores, é ele incontestavelmente um chefe que bem merece dos seus concidadãos. Não sabemos se somos nós os primeiros a penitenciar-nos publicamente do estado de desesperança em que vivíamos, mas a verdade é que o homem, que viveu despercebido, revelou-se de tal forma que, hoje, o seu nome congrega em torno de si todos os corações patrióticos capazes de lutar em defesa do ideal político, que é a construção, imortal, de uma Pátria feliz, forte e venerável (Pessoa, 1938, p. 158-159)

O autor privilegia a imagem do chefe que saberia tocar nos corações dos brasileiros para o bem da nação. Essa expressão de cunho emocional pode ser compreendida a partir da perspectiva de que “O que se pedia ao povo não era o respeito ao presidente, traduzido no cumprimento de deveres cívicos. O que pedia ao povo era que amasse 'seu' presidente, da mesma forma como, este amava 'seu' povo” (Gomes, 2005, p. 230). Tal afirmação vai ao encontro do já apresentado pensamento de Sigmund Freud (2011) em suas análises sobre a teoria libidinal, fator fundamental que conectaria o chefe às massas.

Mais adiante, Pessôa (1942) anuncia que as honras do cargo presidencial se tornaram insuficientes para ser um chefe, já que esse posto exigiria grandes sacrifícios, além de “qualidades invulgares” em prol da felicidade da Pátria. Por isso, ser um líder não seria simplesmente tratar de dirigir ou de coordenar. Para controlar a força emanada pela nação brasileira, era preciso ter pulso firme e prudências notáveis, características raras de serem encontradas em outrem além do presidente. O autor ainda argumenta que caso Vargas não tivesse ascendido no cenário nacional como o grande líder após novembro de 1937, sua ausência desencadearia uma sequência de infortúnios, levando ao agravamento de diversos problemas nacionais.

Na visão do escritor, o presidente teria, portanto, além das qualificações políticas pertinentes, respaldo moral para exercer sua função. Segundo esse discurso, Getúlio Vargas constituiria o “exemplo regenerador de Chefe, que é o primeiro a ter uma conduta pessoal exemplar” (Pessôa, 1942, p. 175). Em razão disso, Capelato (2009) esclarece que para ser um verdadeiro chefe, certas qualificações devem ser atribuídas a esse indivíduo tomado como um ser especial. Nessa esteira, chamá-lo de bondoso, corajoso, sábio, forte, generoso, entre outros adjetivos, reforçariam essa lógica discursiva de ratificá-lo como um líder autêntico aos olhos dos brasileiros.

Já em um simbólico texto intitulado “O Chefe”, o autor nos traz um pedagógico escrito em forma de diálogo. Ao aludir sobre o dia 15 de novembro de 1937, durante as primeiras comemorações da Proclamação da República após a deflagração do golpe, observamos a conversa travada entre dois personagens: pai e filho, espectadores do desfile de tropas do exército, marinha, ministros de Estado, dentre outros. Durante o toque do hino nacional, Vargas faz-se presente entre a multidão. Seu discurso provoca “extraordinário entusiasmo popular” (Pessoa, 1942, p. 209). Enquanto discursa, o político faz elogios à nova Constituição e volta seu olhar por alguns momentos à estátua do proclamador, marechal Deodoro da Fonseca.

Após isso, o presidente é recebido calorosamente pelas pessoas que ali estavam, caminhando pelas ruas, praças e avenidas, enquanto “O povo delira de entusiasmo, ratificando o poder que a nova Constituição lhe confere” (Pessôa, 1942, p. 209). Diante da presença de Vargas, moças jogavam em sua direção pétalas de rosas, e colegiais com os seus quepes ao alto gritavam palavras patrióticas. Após a partida de Vargas, finda a cerimônia, o filho indaga seu pai sobre a celebração presenciada por ambos:

-Já viu, meu pai, coisa igual? Por que isso não foi feito antes?

-Não o foi porque o Presidente não força as consciências. Antes, aponta o caminho, e deixa que as ideias amadureçam. Governa com a opinião pública. O golpe em favor da concentração do poder atende a uma fatalidade social, mas só veio no momento propício, quando todos sentiam que não era mais possível suportar aquele regime de irresponsabilidade, regime de dispersão de forças, confusão, rivalidade, que, no fundo, procurava o desprestígio da administração, em benefício dos aproveitadores da má política. Hoje, porém, há autoridade, há confiança, e pode-se com orgulho proclamar a nossa crença inabalável nos grandes destinos do Brasil.

-Sim. Temos um Chefe (Pessôa, 1942, p. 210).

Novamente, o autor reitera a defesa do golpe do Estado Novo e o poder centralizador dele decorrente em benefício da Pátria, o que marca a ideia central de seu argumento ao justificar a figura de Getúlio como o único portador da autoridade e de outros atributos necessários para ser o maior chefe do Brasil. Temos assim, o líder predestinado para ocupar seu papel, o homem clarividente que ao estar adiante do curso dos acontecimentos, levará o país para as veredas da prosperidade.

Além da obra de Pessôa, a imagem do presidente projetada a partir do perfil de um grande líder pode ser encontrada no livro *Getúlio Vargas: o homem e o chefe* (1944) de autoria de Leopoldo Peres, político, escritor e advogado amazonense. A obra em questão é iniciada por prefácio do então ministro do trabalho Marcondes Filho. Em seu escrito, o ministro trata Vargas como um grande estadista, o político precursor de uma nova história para o país. Ele relata ainda que as características da personalidade do presidente inspiraram, portanto, um estudo histórico, psicológico e filosófico. Logo, a individualidade do político ultrapassaria a esfera da individualidade encontrada em uma pessoa de trato comum, por exemplo, pois Vargas, com toda sua capacidade de dirigente, por meio de suas realizações e igualmente de seus pensamentos, firmou no Brasil sua unidade não só no sentido material, mas também no sentido espiritual.

Peres, ao discorrer sobre os diversos aspectos atribuídos a personalidade de Getúlio Vargas, sendo esta última compreendida por ele como detentora de particularidades dominadoras e fascinantes, elucida aos seus leitores que ao se tratar sobre a temática de sua obra:

O Homem e o Chefe nele, de feito, constituem apenas o lógico, espontâneo desdobramento de uma individualidade específica, dotada dos mais altos atributos pessoais e cívicos, nunca, porventura, em tal maneira associados nos rumos de um mesmo itinerário humano.

As virtudes que enobrecem e exalçam, no plano da vida interior, nas categorias do espírito, ou na escala ética dos valores, transportam-se, realmente, do Homem para o Chefe, assegurando dêsse modo o ascendente, a projeção e o influxo irresistíveis da sua autoridade no drama da sua época e na consciência do seu povo.

Bondade, generosidade, magnanimidade, o dom por excelência de compreender e perdoar [...] equivalem, no Homem, à fortaleza e à coragem, à retidão, à perseverança, à clarividência e a vontade do Chefe, em cuja armadura intemerata se descobrem, um por um, e no clímax de condensação subjetiva, todos todos aqueles maravilhosos predicados indispensáveis à sutil e complexíssima arte de comandar, a que refere Maurois (Peres, 1944, p. 17-18).

Nessa perspectiva, nenhuma ação poderia ser praticada sem o conhecimento do presidente, já que sua clarividência foi uma de suas idiossincrasias mais destacadas na difusão desse tipo de material. Desta feita, isso vai contra ao pensamento de Le Bon (2018), já que para este último a clarividência abriria precedente para a dúvida. Porém, consoante à perspectiva defendida por Peres, essa característica servia como relevante distinção para o lugar de estadista, já que o presidente se adiantaria aos cursos da história, agindo para o bem nacional, como foi observado nos escritos de Alfredo Pessôa (1942). Seus empreendimentos políticos tomavam, por sua vez, traços proféticos. Isso foi alegado por se levar em consideração que o presidente, por representar uma figura disruptiva no cenário político brasileiro, estava por fabricar uma nova história para o Brasil desde sua subida ao poder após os acontecimentos de 1930 (Gomes, 2005, p. 220).

Peres se propôs a traçar o perfil psicológico do presidente sempre enaltecendo suas qualidades de chefe e sua desenvoltura para controlar a alma das multidões. Não por acaso, é dito que seu ensaio biográfico conseguiu realizar “‘a transmissão verídica’, a reprodução exata da personalidade do Presidente, focalizada em todos os prismas [...] em todas as arestas luminosas da inteligência e do coração” (Peres, 1944, p. 34). Ao se utilizar dessa perspectiva de natureza psicológica, esse gênero textual dialogava com variados discursos que além do caráter biográfico também podem ser analisados como tratados científicos e políticos que alicerçaram a teoria da liderança e igualmente da autoridade de Vargas (Botton, 2017).

Ademais, as qualidades de líder de Getúlio faziam dele um homem considerado completo, um sujeito especial difícil de ser encontrado, fosse no Império ou até mesmo durante a fase da República. Sua singularidade se devia a sua “inteligência, serenidade, energia, tolerância, habilidade” (Peres, 1944, p. 36-37). Todos esses atributos agregados plasmaram sua figura. Na perspectiva defendida por Peres:

Essas qualidades fundamentais teriam de constituir, na biografia do sr. Getúlio Vargas, o lastro profundo, o embasamento ético, o alicerce inderrogável da sua personalidade de condutor de povos e chefe de Estado. Não as possuísse êle em tão elevado índice de expressão individual; não fôsse êle um homem de exceção, pela força intrínseca dos valores morais, e por certo não estaria à altura da obra imortal que lhe eternizará o nome na memória das gerações. “O indivíduo e o homem político - assinalou Ludwig na história de Bismark - são inseparáveis: seus sentimentos se subordinam uns aos outros, sua vida privada e sua vida pública se desenrolam simultaneamente. Assim que o estadista e o chefe revelam apenas, no plano mais amplo da ação política, a natural, lógica e espontânea projeção dos atributos imanentes do homem, suas ireprocháveis virtudes privadas, sua magnanimidade, suas reservas inesgotáveis de energia e brandura, tolerância e retidão. O estadista é a réplica do homem: o homem, o estadista e o chefe, o tríptico imponente de uma única, rara e poderosa individualidade. Sua doutrina é igual à sua existência, como no dístico ateniense que o escritor dos Líderes da Europa aplica à vida gloriosa de Masaryk (Peres, 1944, p. 37).

De acordo com o escritor, apesar de serem amplos e variados, os estudos acerca da personalidade do presidente dificilmente viriam a se esgotar algum dia no porvir. Por isso, sempre existiriam novos aspectos a serem examinados de forma cuidadosa por estudiosos da temática. Isso se explicaria pelo fato deste se tratar de um político dotado de raríssimas qualidades (que só poderiam ser encontradas em poucos indivíduos escolhidos). Getúlio Vargas corresponderia ao complexo político, ao profundo homem que governaria o Brasil:

Por mais que a julguemos estudada, em quase todos senão todos os seus motivos essenciais, há sempre, na personalidade do Sr. Getúlio Vargas, novos aspectos, novos temas, novos prismas a desafiarem a argúcia e o interesse do analista. Sua fisionomia moral, seu universo subjetivo, seu biotipo psicológico, se assim me posso exprimir, configuram um políedro de múltiplas faces cristalinas, cada uma delas a refratar, com o desenho e o colorido da paisagem anímica, o inteiro panorama espiritual do seu tempo e do seu povo (Peres, 1944, p. 129).

A disseminação desse tipo de discurso sobre a personalidade do presidente tinha como objetivo “descobrir o homem total a partir de uma verdadeira semiótica investigativa e psicológica, que esmiúça cada traço, cada detalhe, cada ínfima minúcia ou passagem da vida do biografado” (Botton, 2017, p. 91), procurando compreender e explicar para as massas/multidões sobre as características e a sabedoria inigualável de seu líder. O conjunto desses atributos seria refletido a todos, por isso o uso da metáfora comparando sua personalidade às variadas facetas contidas no poliedro.

Sobre os vários ângulos vistos por meio da imagem de Vargas, Angela de Castro Gomes (2005) esclarece que o presidente constitui uma figura de caráter complexo e ambíguo. Durante sua trajetória de vida política, foi delineado como o grande, sábio e corajoso estadista. No entanto, além das qualidades políticas de grande líder, também lhe foram auferidas características pertencentes ao homem considerado comum: simplicidade,

afabilidade e um toque de malandrice, fatores que causavam comoção e o aproximavam do povo brasileiro. Além disso, enquanto por um lado legislava sobre a questão social, por outro lado em seu governo muitas pessoas foram perseguidas, censuradas, torturadas e até mesmo mortas, o que reforça seu perfil multifacetado.

Ainda segundo Peres, Getúlio Vargas surge como o predileto filho do destino. Esse verdadeiro herói nacional estava por sua vez predestinado a impor a ordem em meio a desordem, exercendo seu papel de homem providencial que conseguiria enfim executar o árduo trabalho de unificar os quatro cantos do país. Ao falar sobre essa espécie de missão de vida getuliana, Peres foi enfático:

De contínuo se vem falando - e creio fui eu mesmo dos primeiros a registrá-lo, - na missão nitidamente augural que os imponderáveis do destino parece haverem reservado ao sr. Getúlio Vargas na fase atual de nossa formação política. “Homem providencial do Brasil”, como se me afigura em 1937, antes de 10 de novembro; “agente de nossa providência histórica”, como o vislumbrou André Carrazzoni, entre vários outros pensadores que emitiram conceito semelhante ou equivalente, o caso é que, em torno à individualidade, realmente extraordinária, do sr. Getúlio Vargas, se criou e se mantém na alma, no espírito, na consciência popular, a mística de heroísmo, clarividência e predestinação, que lhe asseguram um ascendente olímpico incontestável, e de todo ponto necessário à execução da sua gigantesca tarefa (Peres, 1944, p. 22-23).

O nascimento do político, filho de um “austero general”, foi o início para o desenvolvimento de sua predestinação para o comando. Esse homem vocacionado desde a mais tenra idade, esse homem de vida considerada edificante, disciplinada e heroica, merecia, portanto, ser enaltecido e ter sua trajetória e perfil psicológico divulgado para o conhecimento de todos.

Desta feita, neste primeiro capítulo buscamos examinar as construções discursivas que alçaram Vargas ao posto de chefe máximo do Estado brasileiro durante as décadas de 1930 a 1940. Para isso, partimos da perspectiva de Yves Cohen (2013) sobre o fenômeno da liderança política e da autoridade no século XX. Analisamos igualmente as teorias que versavam sobre a fabricação do líder político em Max Weber (1999), André Maurois (1939; 1996), Gustave Le Bon (2018) e Sigmund Freud (2011) e observamos a recepção do pensamento desses autores nos textos oficiais do regime.

A seguir, nos debruçaremos sobre como essas ideias repercutiram nos jornais do Piauí, mas especificamente nos periódicos em circulação na capital Teresina. Além de ter o presidente sempre enaltecido em suas edições, essas publicações forjaram seu próprio líder regional.

CAPÍTULO II: O LÍDER POLÍTICO PIAUIENSE: LEÔNIDAS DE CASTRO MELO E A CHEFIA REGIONAL NOS JORNAIS TERESINENSES

“Getúlio Vargas não teve dificuldade em encontrar o homem que convinha ao Piauí, porque o Piauí inteiro o apontava: Leônidas Melo” (Neves, 1942, p. 67).

2.1 Leônidas Melo: de médico respeitado à rápida ascensão política no Piauí

O político piauiense Leônidas de Castro Melo nasceu no município de Barras, no ano de 1897. Filho de uma família de comerciantes sem relações com a esfera política local, pode estudar e obteve o diploma de médico em 1920 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Além dos atendimentos clínicos, Melo também ingressou na carreira do magistério, sendo professor das cadeiras de História Natural e Química no Liceu Piauiense, fator que abriu caminho para sua circulação em diferentes setores do Estado (Melo, 2020).

Em seu livro intitulado *Trechos do meu caminho: memórias à feição de autobiografia* (1976), Leônidas relata que logo depois de formado, acompanhou o deputado Armando Burlamáqui pelas principais cidades piauienses, o que lhe deu boa projeção profissional e o tornou um médico popular não somente na capital, já que sua fama de “médico de valor” repercutiu pelo interior. A respeito disso, quando seus colegas o diziam que havia tomado uma errônea decisão ao decidir retornar e se estabelecer em seu estado natal, respondia da seguinte maneira: “- A razão é simples. Gosto do Piauí e aqui pretendo viver” (Melo, p.194 1976).

A carreira de professor no Liceu “despertou a atenção de Martins Napoleão, na época diretor de Instrução Geral do Estado, na interventoria de Landri Sales²⁷, que o convidou para ser diretor do Liceu Piauiense e logo em seguida, da Escola Normal Oficial [...]” (Melo, 2021, p. 229). Em 1931, apesar de certa relutância, visto que a carreira política não havia despertado seu interesse até então, o médico acaba por aquiescer ao convite do tenente Landri Sales (que no momento governava o Piauí), e aceita o cargo de Diretor do Liceu (Melo, 1976).

²⁷ Landri Sales Gonçalves (1904-1978) era natural de Acaraú, no Ceará. Em 1922 ingressou na Escola Militar do Realengo, localizada no Rio de Janeiro, saindo dessa instituição em 1927 como aspirante-a-oficial. Porém, no mesmo ano foi classificado no 23º Batalhão de Caçadores em Fortaleza, sendo promovido ao posto de segundo-tenente. Em 1931 Getúlio Vargas o nomeou como interventor federal do Piauí, permanecendo no cargo até 1935, quando retornou para o serviço militar. Em 1939, foi nomeado como diretor do Departamento de Correios e Telégrafos. Em 1941 ascendeu ao posto de major. No início de 1945, Sales foi promovido ao cargo de tenente-coronel. Fonte: LANDRI SALES GONCALVES | CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (fgv.br). Disponível em: SALES, Landri.pdf (fgv.br). Acesso em 28 de fev. 2024.

Sales pode ser considerado o agente catalisador da rápida ascensão política de Leônidas Melo, haja vista que após convidá-lo para o cargo de diretor, posteriormente o indicou para o cargo de Secretário Geral do Estado em 1933. Finalmente, o tenente o convida para ser candidato a governador do estado no ano seguinte (Nascimento, 2015). Ele é eleito indiretamente para o governo estadual, assumindo a gestão aos trinta e sete anos de idade. Acerca disso:

A escolha de Leônidas Melo para governador nas eleições indiretas de 1934, da Assembleia Legislativa do estado do Piauí, foi uma escolha direta de Landri Sales, que poderia se candidatar a governador ou a senador, mas declinou das duas candidaturas. Leônidas Melo foi eleito sem problemas pela Assembleia Legislativa, assumindo o governo em maio de 1935, conduzindo as ações administrativas pautadas nas diretrizes da interventoria de Landri Sales, que mesmo ausente, continuava um amigo fiel e conselheiro pessoal em várias questões que envolviam o estado na relação com o governo federal e na orientação administrativa estadual (Melo, p. 230, 2021).

Mesmo à distância, Leônidas continuou a contar com o auxílio e as recomendações de Landri Sales, um de seus primeiros e principais apoiadores na cena política piauiense. Além disso, o período do governo de Melo transcorrido entre os anos de 1935 a 1937 pode ser compreendido como uma espécie de continuidade das realizações de Sales. Por outro lado, houve também “a implantação da marca pessoal do novo governador, acompanhando a política getulista. Vários membros do governo anterior também compuseram a administração de Leônidas Melo” (Melo 2021, p. 230). Sobre esse apoio ao governo federal, destaca-se o alinhamento ao 10 de novembro de 1937.

Dois anos após sua escalada ao governo, Leônidas adere ao golpe de 1937. No capítulo nove de sua autobiografia, denominado “Minha participação no GOLPE DE ESTADO DE 10 DE NOVEMBRO DE 1937 (ESTADO NOVO)” (Melo, p. 273, 1976), ele relata sobre a chegada do diretor dos telégrafos em seu gabinete, em cuja chamada para sua secretária disse se tratar de assunto urgente. A mensagem endereçada ao governador dizia respeito a vinda de um hidroavião da Expresso Condor, cujo emissário, até então anônimo, o aguardava na coroa do rio Parnaíba.

Em suas memórias autobiográficas, Melo (1976) escreve que ele junto de seu ajudante, o Cel. Torquato, tomaram um bote e foram ao encontro do avião. No momento que a porta da aeronave se abriu, viu que a pessoa desconhecida que o esperava era o deputado Negrão de Lima, que teria confessado que andava em missão reservada a mando da Presidência da República, tendo por isso, dialogado com vários governadores do país antes da conversa com Melo. Segundo as reminiscências de Leônidas, Lima o informou que o

presidente Vargas, em decorrência da séria situação que se agravava no país, considerava imprescindível fortalecer imediatamente o Poder Executivo. Os dois homens, então, supostamente teriam travado o seguinte diálogo:

A porta do avião se abriu, Negrão de Lima veio a meu encontro. Trocamos cordial abraço. A tripulação recolheu-se à cabina. Ficamos sós e Negrão falou:

[Negrão de Lima] Está disposto a dar um Golpe de Estado, de feição ditatorial, mas sem derramamento de sangue. O presidente quer conhecer o pensamento dos governadores. Os que julgarem o golpe necessário e benéfico à Nação continuarão no Governo dos seus Estados, como Interventores.

Apesar do aturdimento que experimentei por alguns instantes, respondi o que realmente pensava e achava da situação nacional.

[Leônidas Melo] - Negrão, disse-lhe eu, o Presidente tem inteira razão e creio que todos os governadores sentem a necessidade de fortalecimento do Poder Executivo. Com a atual agitação política e subversão da ordem por infiltração comunista pouco poderá fazer um Governador em benefício do Estado que governa...

[Negrão de Lima] - Então esta é a sua resposta?

[Leônidas Melo] - Negrão, esse é o meu pensamento e apoiarei o ato do Presidente.

[Negrão de Lima] - Pois aguarde o Golpe que será dado possivelmente a quatro de novembro. Penso que tudo irá correr tranquilamente pois as Forças Armadas acham que a situação nacional não permite nem comporta no momento a realização de eleições, e o Presidente conta com o seu apoio (Melo, 1976, p. 277).

Apesar de já apoiar o presidente em situações anteriores, como no Estado de Guerra decretado pouco mais de um mês antes da deflagração do golpe, a partir dessa conversa, podemos observar a adesão definitiva de Leônidas ao governo autoritário de Getúlio Vargas. Além do mais, uma recusa do piauiense teria como consequência o seu afastamento do cargo. Nesse sentido, os políticos “precisavam trabalhar em sincronia política para ambos colocarem em ação a política em seus territórios de governo” (Melo, 2021, p. 228).

Ao final do supracitado diálogo, Melo (1976) alega que teria perguntado a Negrão de Lima se Landri Sales estava a par de tudo, todavia, o deputado lhe assegura que apenas o alto comando das Forças Armadas sabia do plano. O governador indica aos seus leitores que indagou se poderia falar reservadamente com Landri acerca disso, pois caso Sales não soubesse de nada, o convenceria a apoiar o Estado Novo, o que demonstra a confiança que Melo tinham no antigo governador do Piauí (embora confesse em seu livro que não sabia até então qual o posicionamento de seu mentor político), sendo aconselhado a não falar nada para ninguém e muito menos se afastar de seu cargo ou da sede do governo estadual, o Palácio do Karnak, por qualquer motivo.

Sobre esse episódio, o pesquisador Francisco Alcides do Nascimento (2015) chama atenção para o fato de que mesmo que Leônidas não soubesse qual o real objetivo que motivou a vinda de Negrão de Lima até a coroa do Parnaíba, não podemos tomar o interventor como alguém ingênuo, posto que ele detinha conhecimento acerca da situação pela qual o país

estava passando, considerando que há pouco tempo havia governado em Estado de Sítio. A Presidência da República também estava dispondo de medidas centralizadoras de poder com a justificativa de combater o tão temido levante comunista. Entre essas medidas adotadas, se pode destacar a Lei de Segurança Nacional, juntamente da implantação do já mencionado Estado de Sítio.

Leônidas Melo (1976) ainda relembra que quando o golpe foi desferido, não em quatro de novembro como havia advertido Negrão de Lima, mas no dia dez desse mesmo mês, houve intensa movimentação no Karnak. No entanto, ele seguiu à risca os conselhos do deputado federal, não relatando os planos do governo central a ninguém e “comportou-se nos dias posteriores ao Golpe como se ele fosse ser substituído por outra pessoa. Afirmando que no período diversas pessoas deixaram de frequentar o Palácio de Karnak” (Aguiar Junior, 2014, p. 36).

Em relação ao fato de ser inquirido sobre qual assunto fora tratado no avião (já que a notícia de que havia se encontrado com um emissário do governo central se espalhara), Melo afirmou que “Todos os secretários ficaram certos de que o assunto tratado no avião fora apenas a possibilidade de intentona comunista” (Melo, 1976, p. 279). Entretanto, o político disse que ao chegar do encontro ocorrido com o deputado, enviou ao presidente um telegrama cifrado, entregue por ele mesmo ao diretor regional dos telégrafos, cujo conteúdo dizia respeito ao seu apoio ao golpe:

Urgentíssimo - Pessoal - Recomendado.
 Presidente Getúlio Vargas - Palácio Catete - Rio
 “Acatarei e apoiarei decididamente qualquer ato ou providência V. E.x^a julgue necessário em benefício Nação”.
 Leônidas Mello, Governador (Melo, 1976, p. 279).

Porém, quando questionado por alguém se já sabia previamente desse acontecimento, respondia que havia sido informado por meio do telégrafo e da transmissão da rádio, como todos que ali estavam. Todavia, esse cenário se modificou em 24 de novembro, em torno das vinte horas, horário em que os meios de comunicação informaram para as pessoas os nomes dos interventores. Nessa toada, considerável parcela desses políticos correspondia a ex-governadores de seus respectivos estados, que por consequência, manifestaram apoio ao presidente da República (Aguiar Junior, 2014).

Ao ocupar o cargo de Interventor Federal do Piauí, Leônidas foi tomado como o homem modelo daquele momento no estado, se conservando em seu posto até a queda de

Getúlio Vargas em 1945²⁸. A partir de seu bom trânsito na sociedade teresinense, foi considerado, então, um indivíduo detentor de uma sólida capacidade de competência em todas as atividades que se propunha a realizar. Por esse motivo, “materializava os principais elementos que a ideologia varguista procurava afirmar como o ideal de cidadão” (Melo, 2020, p. 65) e foi retratado pelo discurso de caráter oficial como um indivíduo aglutinador dos atributos do verdadeiro líder, a exemplo dos jornais teresinenses *Diário Oficial* e *Gazeta*, como analisaremos adiante.

2.2 A imprensa vinculada ao Estado: o periódico *Diário Oficial*

Em território piauiense, a imprensa de caráter oficial deu início a sua modernização durante o governo do tenente Landri Sales. Entretanto, durante a interventoria de Leônidas Melo, ela se converteu no lugar mais importante de impressão do estado, sendo a responsável pelas publicações de cunho oficial do governo, e até mesmo de instituições privadas da região (Melo, 2021).

Ao longo da ditadura do Estado Novo, apenas dois jornais circularam de forma considerada regular, sendo eles o *Diário Oficial* e a *Gazeta*. Ambos eram submetidos ao crivo de um sensor do DIP ou DEIP. Cabe ressaltar que na época em questão, “o governo criou mecanismos que lhe permitiam manipular a relação com as empresas do setor da informação, especialmente a escrita. O monopólio de importação do papel pelo Estado criou dependência do setor” (Nascimento, 2015, p. 55-56).

O *Diário Oficial* foi editado pelo Departamento Estadual de Imprensa e a princípio somente deveria informar para a população atos relativos ao governo. Não obstante, se transformou em um periódico noticioso, tendo em vista a demanda causada pelo baixo número de jornais na capital. Para isso, a partir da anuência de Leônidas, foi assinado contrato com a agência de notícias *United Press Association*, que tinha o Rio de Janeiro como sede, para que dessa maneira se transformasse em um impresso diário, com atributos semelhantes aos jornais privados (Nascimento, 2015). O jornal também publicava variados anúncios de caráter publicitário.

²⁸ Leônidas foi sucedido no cargo de interventor em 9 de novembro de 1945, embora sua destituição tenha acontecido em 29 de outubro do mesmo ano, data da derrocada de Getúlio Vargas e dos outros interventores. Isso pode ter ocorrido devido a sua própria interpretação de um telegrama enviado por Eurico Gaspar Dutra, no qual solicitava que o político desse acolhida ao coronel Leônicio Ferraz, seu substituto. Em razão desse episódio, Melo foi o último interventor federal do Brasil a deixar seu posto (Aguar Junior, 2014).

Artur Passos foi nomeado diretor do *Diário Oficial*, que se transformou no mais importante periódico em atividade do estado durante os anos em que foi publicado. Passos era jornalista, escreveu sobre temas relacionados à política, biografia, e folclore, além de crônicas e contos. Sendo um homem bem relacionado na cena pública teresinense, foi ele o encarregado de reestruturar a imprensa oficial do Estado, e responsabilizado também pela tarefa de publicar e distribuir o jornal (Melo, 2021).

Nessa reestruturação da imprensa de caráter oficial piauiense, o próprio *Diário Oficial* noticiou a compra de novo maquinário pelo estado em 1939, além de noticiar a visita de Leônidas Melo que inspecionou a realização de obras no prédio da redação. Dessa forma, o governador “se demorou por espaço de meia hora a percorrer as seções do jornal e de obras gráficas e a ordenar alterações julgadas necessárias [...]” (Diário Oficial, 1939, p. 1).

Para além da função informativa, incorporada pelo impresso com a divulgação de notícias internacionais e nacionais (essas últimas fornecidas pela Agência Nacional), ele também cumpriria a sua função primária como instrumento de doutrinação política estadonovista, e exerceria consequentemente o seu papel de porta-voz oficial dos ideais pregados pelo governo central no Piauí (Melo, 2021). Como exemplo disso, em agosto de 1939, um comunicado assinado pelo DIP, chamava atenção para o aspecto da importância da pátria e de sua necessária valorização por parte dos cidadãos:

Podemos, portanto, orgulharmo-nos de nossa Pátria, uma chama a exalta, transfigura e diviniza: - a responsabilidade duma consciência comum a todos os cidadãos. O sentimento de patriotismo encontra a sua razão de ser e os mais esplêndidos exemplos nas atitudes sempre claras, sempre definidoras, do eminente Presidente da República. Deante do quadro de disciplina de nossas energias espirituais e materiais a palavra Pátria tem hoje um significado mais extenso, e, por ser tão evocativa, sugere um invariável compromisso de fé por parte daqueles que verdadeiramente amam este Brasil renovado e poderoso (Diário Oficial, 1939, p. 8).

Em seus discursos, a publicação frequentemente divulgava as realizações de Getúlio e de Leônidas de Castro Melo, sempre os colocando como os principais líderes políticos da nação e do estado, respectivamente. Não por acaso, o *Diário Oficial* divulgou a cerimônia ocorrida pela inauguração da fotografia do presidente nas dependências de sua redação por meio da chamada “A HOMENAGEM HOJE PRESTADA PELA IMPRENSA OFICIAL AO PRECLARO CHEFE DA NAÇÃO” (Diário Oficial, 1938, p. 1). Para dar mostra do cenário solene suscitado por esse momento, é relatado que não só os jornalistas se fizeram presentes nesse ato. O interventor federal e outras autoridades da região também compareceram à homenagem prestada a Vargas.

Outra simbólica homenagem feita ao presidente pelo periódico ocorreu no 5º aniversário do Estado Novo. Segundo a publicação, “É um dever de gratidão do brasileiro exaltar, no dia de amanhã, a figura inconfundível de Getúlio Vargas, o fundador do Estado Nacional” (Diário Oficial, 1942, p. 1). Todavia, mais do que o mencionado trecho, o que torna essa edição significativa para pensarmos a fabricação de Vargas como chefe político na imprensa piauiense, é a imagem abaixo:

Figura 1 - Propaganda do 5º aniversário do Estado Novo



Fonte: Diário Oficial (PI), Ano XII, 1942.

Podemos observar que essa edição trouxe em sua capa a figura de Getúlio localizada ao centro do mapa brasileiro, enquanto a palavra “Brasil” em letras maiúsculas atravessa a figura do político. Esse tipo de imagem tinha como meta fortalecer o ideário estadonovista no estado, e a partir dos significados refletidos por tal simbologia, se objetivou demonstrar para a população da região que a pessoa de Vargas e o Estado Nacional se tornaram um só elemento, isto é, os dois se fundiram em um único ser não sendo mais possível pensar em algum deles sem pensar simultaneamente na presença do outro.

Essa forte exaltação à figura de Vargas durante o Estado Novo também ocorreu durante seu aniversário ocorrido 1942, momento este em que o interventor federal se reuniu com seus auxiliares de governo para planejar as comemorações exigidas pela referida data no

estado, especialmente a programação que seria realizada na capital Teresina. Nesse momento, é noticiado pelo jornal que Leônidas chegou a afirmar que o presidente “consubstancia os anseios e as melhores esperanças do povo brasileiro, sendo, há onze anos, seu esclarecido guia e seu previdente chefe e protetor” (Diário Oficial, 1942, p. 1).

Compreende-se que pela importância dessa data para o regime²⁹, as comemorações relativas ao natalício do presidente foram cuidadosamente pensadas pelo governo estadual. A programação das festividades foi divulgada com frequência em edições subsequentes do periódico, de forma a convocar a população para participar de maneira ativa das solenidades de consagração ao chefe máximo brasileiro. Visando essa participação popular dos habitantes da capital, é relatado que em 19 de abril do referido ano, seriam realizadas as atividades listadas abaixo:

As 5 horas - Alvorada pela banda da Força Policial do Estado, à praça Pedro II.

As 7 horas - Concentração escolar no mesmo local, falando, na ocasião, sobre a personalidade do eminente Chefe da Nação o Sr. Dr. Lindolfo do Rêgo Monteiro, Prefeito de Teresina, estando presentes o Sr. Interventor Federal e altas autoridades federais, estaduais e municipais.

As 9 horas - Missa em ação de graças na igreja de São Benedito, comparecendo o Chefe do Estado, todos os auxiliares do governo e altas outras autoridades.

As 15 horas - Preleção em todos os Grupos Escolares do Estado sobre a individualidade do ilustre Presidente Getúlio Vargas, sendo feita então distribuição de livros escolares às crianças pobres.

As 16 horas - Grande festa esportiva no campo da Fiação.

As 20 horas - Festa operária de grande amplitude, falando na ocasião vários representantes das classes trabalhistas do Estado; retretas nas praças Rio Branco e Pedro II, e cinema ao ar livre.

Nota: - Em homenagem ao aniversário do Presidente Getúlio Vargas serão inauguradas 20 escolas nucleares e o Grupo Escolar “Cassiana Rocha”, na cidade de Periperi (Diário Oficial, 1942, p. 4).

O aniversário do político tinha o simbólico poder de congregar em suas festividades, diversos segmentos sociais do estado. Assim, “Foi com o Estado Novo que teve início uma série de comemorações oficiais que procuravam destacar certas datas, envolvendo a população em um calendário festivo” (Gomes, 2005, p. 216). Emblemáticas homenagens seriam prestadas ao chefe do executivo, a exemplo do prefeito de Teresina, o também médico Lindolfo do Rêgo Monteiro, que discursou sobre a personalidade de Getúlio para variadas autoridades. Tal temática foi largamente discutida e analisada em âmbito nacional pelos defensores do presidente. Segundo esse tipo de pensamento, Vargas possuiria em sua

²⁹ Para Angela de Castro Gomes, “o aniversário do Presidente, o Dia do Trabalho e o aniversário do Estado Novo - constituíam três-ocasiões chave para a comunicação entre Vargas e a massa de trabalhadores” (Gomes, 2005, p. 217).

personalidade todos os requisitos que o qualificariam como grande líder, a exemplo do que já analisamos anteriormente.

O setor operário também se fez presente, contando com a fala de representantes da classe operária. Sobre a participação dos trabalhadores nas comemorações de 19 de abril, é divulgado pelo *Diário Oficial* que em agradecimento dos trabalhadores do Piauí ao presidente, as homenagens “terão a assistência de todas as associações de classes dos municípios deste Estado, que mandarão emissários especiais para este fim, ou delegarão poderes aos seus companheiros desta Capital” (*Diário Oficial*, 1942, p. 4).

Além do mais, a distribuição de livros didáticos foi elencada como atividade comemorativa na lista da programação. Nesse período, os conteúdos a serem publicados nos livros escolares estavam em consonância com os objetivos do governo para educação, levando-se em consideração o seu papel crucial para disseminar as ideias do regime. Essas obras foram utilizadas como “elementos privilegiados para estabelecer conexões entre os programas e a sala de aula e, nesse sentido, entre Estado e sociedade, assim como entre professores e alunos” (Capelato, 2009, p. 230). Entre as celebrações voltadas para o campo da educação, foi incluída ainda a inauguração de instituições educacionais na cidade de Piripiri, logo, essas homenagens não foram realizadas somente em Teresina.

É importante ressaltar que essas comemorações cívicas durante a interventoria de Leônidas Melo no estado não podem ser compreendidas simplesmente como meras solenidades. Ao serem colocadas em prática, “foram utilizadas com o intuito de atingir um número elevado de piauienses em torno da constituição do Nacionalismo e do fortalecimento do Estado Novo em território piauiense” (Aguiar Junior, 2014, p. 37), constituindo importante instrumento político para o governo federal e conseqüentemente, para o governo regional estabelecerem e solidificarem suas estruturas de poder político no país e respectivamente no estado piauiense.

Os louvores a Getúlio Vargas por seu aniversário e também por sua habilidade de grande líder continuam na supracitada edição do *Diário Oficial*, desta vez, nas palavras de Alzira Simão:

Feliz, pois, é a nação que tem por chefe um administrador sapiente e dinâmico como o tem o Brasil, e mais feliz ainda é pôvo que desfruta dessa administração. Se todos os países do glôbo terrestre possuísem dirigentes à feição de S. Excia. não se despedaçariam as nações, como está acontecendo hoje com a velha Europa [...]. Orgulhem-nos, pois, brasileiros, do nosso chefe onídomo, e nêle depositemos toda a nossa confiança, côncios de que êle saberá proporcionar a todos nós os direitos que requer os estados de cada um. Todo brasileiro amigo da paz e do progresso, todo brasileiro dotado de fé na vitória certa e infalível do Brasil, há de se constituir um testemunho do governo “VARGAS” - Governo atento às mais recônditas carências

na Nação, cuja voz está viva nestas minhas palavras de crença e afirmação (Diário Oficial, 1942, p. 5).

Segundo Aguiar Junior (2014), à época da publicação do texto, Simão era moradora da cidade de Flores, urbe vizinha da capital piauiense, conhecida atualmente pelo nome de Timon, e localizada no estado do Maranhão. Ela tinha como ofício a carreira do magistério, porém, por volta do ano de 1935, a mesma havia sido estudante do 2º ano da Escola Normal Oficial.

São latentes os sentimentos de admiração, gratidão e fé expressados pela professora ao se referir ao presidente, seja a partir da figura do “chefe administrador sapiente”, ou buscando persuadir os leitores sobre outras qualidades de Vargas. De acordo com essa concepção, o povo brasileiro seria composto por pessoas privilegiadas por tê-lo como guia da nação, em comparação ao que estava acontecendo no continente Europeu, que não possuía um político com pulso firme para percorrer pelos caminhos da paz e do progresso e dessa forma conseguir atender as necessidades de todos.

Para defender esse ponto de vista, em consonância com o regime, a autora faz menção ao sentimento de comunhão nacional. Segundo ela, esse sentimento seria inspirado pelo presidente Getúlio em variados níveis sociais. Conforme essa perspectiva, “todas as classes do País, do mais alto personagem até o mísero operário [...] far-se-ão representar nas solenes manifestações que hoje serão prestadas a S. Excia.” (Diário Oficial, 1942, p. 5), em homenagem ao líder do executivo.

Nessa esteira, além do engrandecimento de Getúlio Vargas e de sua legitimação como líder nacional, Leônidas Melo foi tratado pelo *Diário Oficial* por meio da ótica do chefe laborioso, o incansável interventor, e inclusive como o homem de confiança do presidente da república no Piauí. Por contar com o apoio de Vargas, haja vista o seu alinhamento junto ao governo autoritário desde o princípio, a imprensa oficial o retratou a partir da imagem do político que não media esforços para direcionar o Piauí na rota da prosperidade.

Em edição especial pelos sete anos do governo de Melo, menos de um mês depois de colaborar para o periódico, mais uma vez Alzira Simão contribuiu por meio do envio e da publicação de um texto de sua autoria. A exemplo do texto escrito em tributo ao presidente Vargas, Simão novamente se vale de um estilo laudatório para construção de seu argumento favorável ao interventor:

O Piauí, na administração de S. Excia., tem tomado verdadeiros impulsos na sua vida material. Voltado para a solução de todos os problemas estaduais, muito tem feito para retemperar todas as fibras do Estado, desde a formação da juventude a

que vem assistindo com desvêlo no interesse repetido pela sua formação física, intelectual e moral, a consolidação de todas as classes, desde as mais representativas até o operariado. Os piauienses tem a plena e confortadora persuasão de que o Piauí tem a presidir os seus altos destinos a um homem que reúne no cérebro e no sentimento aquele complexo de dotes reclamados por tamanhas responsabilidades e tão excelsa vocação. A estabilidade de S. Excia., na direção do Piauí lhe tem permitido conhecer todos os problemas estaduais, resolvendo alguns, e enfrentando, corajosamente, outros (Diário Oficial, 1942, p. 94).

Para a autora, se Vargas era o homem gerador da comunhão de todas as classes do país, que devotamente seriam gratos a sua pessoa, o interventor federal provocaria comunhão parecida na esfera estadual. Por isso, ao término de sua colaboração, adverte: “Ufanem-se, pois, todos os piauienses do seu grande chefe, confiantes de que êle saberá encaminhar o Piauí, em marcha ascensional, para a conquista dos seus mais puros ideais” (Diário Oficial, 1942, p. 94).

Nessa mesma edição dedicada a saudar os sete anos do governo estadual, outra pessoa que colaborou junto ao jornal foi o escritor e intelectual parnaibano então residente no Rio de Janeiro, Berilo Neves³⁰. O artigo de Neves se chama “As razões de um milagre” (Diário Oficial, 1942, p. 67), cujo ponto nevralgico se concentra em abordar o progresso ocorrido no Piauí nos anos anteriores. Primeiramente, o autor se volta para Landri Sales, e simbolicamente aponta que este “substitui a palavra política pelo vocábulo administração” (Diário Oficial, 1942, p. 67). Essa palavra foi empregada para transmitir a ideia do homem que carrega consigo a habilidade de gerir de maneira eficiente os interesses do estado, e pode ser relacionada à ideia de liderança analisada na primeira parte desta pesquisa, visto que os homens portadores da insígnia de chefia também poderiam ser encontrados na esfera administrativa.

A referida ideia de líder-administrador teria sido incorporada e melhorada por Leônidas à frente do governo posteriormente, quando ocupou a cadeira da interventoria. Ao ser escolhido por Vargas para continuar a frente do Piauí, Melo soube agir para promover o desenvolvimento do estado através de sua sapiência e de seu trabalho, razão pela qual “No Piauí, este setenário é mais do que um triunfo administrativo: é um prodígio político-social” (Diário Oficial, 1942, p. 67). Tal pensamento é expressamente defendido por Neves, quando este aponta que:

Quem fez o Piauí de hoje, não foi a cera com o seu preço, o babaçu com a sua utilidade, o couro com a sua valia industrial, os óleos vegetais com sua importância

³⁰ Berilo Neves era contista e cronista e exerceu a carreira militar. Segundo o pesquisador Daniel Ciarlini (2015), como jornalista, Neves escreveu para importantes veículos de comunicação da imprensa carioca durante as décadas de 1930 a 1950, a exemplo do *Jornal do Commercio*, *A Noite*, e as revistas *Careta* e *O Malho*.

estratégica. A maior riqueza do Piauí está na sua excelência do seu governo, na honestidade do seu condutor: Leônidas Melo. Ele é o homem-taumaturgo, porque é o homem de bem, o trabalhador modesto, estadista esclarecido, o auxiliar leal. Quereis a prova disso? O Piauí sempre teve cera de carnaúba - mas nunca tivera um Leônidas Melo. Assim como o Brasil de hoje não é o café, mas Getúlio Vargas, também o meu Estado não é o produto cego de fenômenos econômicos, de sua natureza transitórios - mas, sim, a consequência lógica de um belo govêrno, de um esplêndido talento, de um grande e nobre coração! (Diário Oficial, 1942, p. 67).

O autor faz uso do exemplo do “homem-taumaturgo” para exprimir aos leitores piauienses a perspectiva de que Leônidas seria o líder capaz de operar verdadeiros milagres no campo socioeconômico. Conforme a apropriação dessa alegoria formulada por Neves, de nada adiantaria toda a riqueza extrativista disponível no estado, se a região não dispusesse de um indivíduo dotado da envergadura política/moral para bem conduzi-la segundo sua particularidade de “trabalhador modesto e estadista esclarecido”. Em um cruzamento simbólico, o autor compara Melo ao presidente Vargas, posto que sem Getúlio o Brasil não estaria em uma boa posição de progresso, semelhantemente o Piauí sem a presença de Leônidas de forma idêntica não estaria em ascensão. Por fim, graças aos dois líderes (ao chefe do executivo e ao chefe do estado), “Nenhum Estado da Federação lucrou mais com o ambiente do Estado Novo do que o Piauí” (Diário Oficial, 1942, p. 67).

Tal construção de Leônidas, que o tratava não só como líder, mas como um homem voltado para o seu ofício, fazia parte de um projeto do governo central, cuja intenção dizia respeito ao fato de transformar os sentidos como o trabalho era visto pela sociedade da época. Para o Estado Novo, era preciso rechaçar a perspectiva que encarava a ocupação profissional de maneira negativa. De acordo com os apontamentos de Angela de Castro Gomes “Isto implicava que o homem assumisse plenamente sua personalidade de trabalhador, pois ela era central para a sua realização como pessoa e sua relação com o Estado” (Gomes, 2005, p. 201).

Por isso, a existência da constante preocupação traduzida na forma de converter os brasileiros em sujeitos de labor (Capelato, 2009). Nesse sentido, seriam considerados trabalhadores todos aqueles que pudessem colaborar de alguma maneira para servir à nação. Logo, “o trabalho passaria ser um direito e um dever do homem; uma tarefa moral e ao mesmo tempo um ato de realização [...]” (Gomes, 1982, p. 152).

Esse tipo de discurso, por exemplo, foi utilizado na campanha publicitária da companhia Serviços Aéreos Condor Ltda. De maneira entusiástica, a empresa afirmou que desde sua fundação, nunca se negou a tarefa de servir à pátria brasileira. A seguir, se colocou como “animada pelo amparo das altas autoridades do país, sob a égide do Presidente Getúlio Vargas, estadista padrão moderno” (Diário Oficial, 1942, p. 7). Desse modo, ao divulgar seus

serviços prestados na capital e em algumas cidades do interior do estado, a Condor não deixou Leônidas à margem desse tipo elogio:

No nosso Estado, a “Condor” se ufana de haver encontrado, na pessoa do ilustre Interventor Federal, dr. Leônidas Melo, um dos grandes animadores de seus esforços no sentido de dotar o interior do Brasil de uma perfeita rede de comunicações. Por esse motivo, não se furta ao prazer de rememorar nesta página, que foi sob o governo desse grande brasileiro que se desenvolveu os seus serviços no nosso Piauí (Diário Oficial, 1942, p. 7).

É dito ainda que Melo expandiu a linha aérea do Piauí com a intenção de melhorar a comunicação e ampliar os meios de transporte da região. Não por acaso, a empresa se refere a sua figura o chamando de “ilustre administrador” (Diário Oficial, 1942, p. 7). O interventor, até o final do texto, é referido como um operoso político dotado de iniciativa para promover o desenvolvimento de seu estado.

É interessante analisar a ordem seguida pela peça publicitária para elogiar o presidente e o interventor, posto que se observa a presença de uma hierarquia ao se engrandecer primeiro as qualidades de Vargas, para em seguida a companhia voltar seus louvores a Leônidas. Também podemos observar isso após a leitura do título “A ‘Condor’, em cooperação com os poderes públicos, serve ao Brasil” (Diário Oficial, 1942, p. 7) no qual vemos as figuras de ambos os políticos:

Figura 2 - Publicidade da Serviços Aéreos Condor Ltd



Fonte: Diário Oficial (PI), Ano XII, 1942.

A exemplo do texto, em que Vargas por ocupar o cargo de líder máximo da nação é o primeiro elogiado, a imagem acima mostra que a primeira figura da propaganda corresponde a fotografia do presidente, seguida da fotografia do interventor, representando, por sua vez, a

liderança política no Piauí. As formações de hierarquias semelhantes a essas serão recorrentes em outras publicações da imprensa piauiense para se referir aos chefes políticos, como analisaremos adiante.

Em 15 de agosto de 1939, data alusiva ao aniversário do interventor, o *Diário Oficial* publicou em primeira página um elogioso texto sobre o político, seguido de uma breve biografia contendo datas seguidas de informações pessoais e profissionais. Antes de entrar no âmbito biográfico, o escrito inicia seu conteúdo afirmando aos leitores do jornal que:

Trabalhando pela prosperidade do Piauí, e conseqüentemente, pela grandeza do Brasil, tornou-se o Sr. Dr. Leônidas Melo um grande benfeitor do Estado e dos piauienses, que modulam, no dia de hoje, data do aniversário natalício do grande brasileiro, os ritmos de seus corações, pela alegria que canta no lar honrado do preclaro governante. É que sua Excelência tem se conduzido de maneira a merecer os aplausos irrestritos de todas as classes, sobretudo das que preponderam na vida política e econômica do Piauí, que mais de perto sentem e com razão experimentam os efeitos salutareos da ação desse magnífico homem público, de excepcional atividade construtora e de forte patriotismo. Governar sempre foi missão espinhosa, mas governar nos tempos que correm constitui função que poucos estarão à altura de desempenhá-la (Diário Oficial, 1939, p. 1).

Na passagem acima, é evidenciado que o ofício de Leônidas não se restringia a trabalhar e lutar pelo progresso de sua terra natal e pelo bem-estar de seus conterrâneos, pois ele se encontrava a serviço da nação e do presidente Vargas. Por isso a “grandeza” do estado faria parte da grandeza nacional, razão pela qual o Piauí, por sua vez, estaria inserido no projeto de integração do Brasil pensado pelo chefe do executivo e seus ideólogos. Ademais, “difundi-se que o predomínio do localismo e o jogo de interesses particulares, conduziam para a desarticulação nacional, promovendo o atraso nos diversos setores da sociedade” (Melo, 2021, p. 270). Esse discurso de caráter oficial visava fortalecer o governo estadonovista e suas estruturas no estado piauiense.

Melo ainda é tratado como o homem escolhido para realizar todos os feitos que lhe são atribuídos, logo, se era digno o suficiente de ser considerado um mestre das artes de governar, é porque sua sapiência o permitia “juntar a arte à ciência; estudar as almas pacientemente; medir a profundidade dos abismos e as altitudes dos píncaros da consciência humana [...]” (Diário Oficial, 1939, p. 1). Segundo esse tipo de discurso defendido à época, por ser detentor de todas essas qualificações que o distinguiam como líder, o interventor não poderia fugir de sua “missão”, ou seja, dirigir o Piauí.

Por esse motivo, um texto do desembargador Pires de Castro, ressalta que o fato da época vivida pelo interventor (o governo de Vargas), foi um momento propício para governar o Piauí. O senso diretivo de Leônidas que agia pelo bem de sua terra natal visando com isso

elevar a grandeza da nação, o levaria a ser lembrado pelos historiadores na posteridade. Dessa forma:

O governo Leônidas Melo viveu precisamente o momento que convinha esquecer agitações de um passado de demagogia para que as massas sociais piauienses melhor se aproximassem, entre si, como forças vivas da grandeza nacional.

Certamente, o historiador em homenagem à verdade, fará ressaltar não só os frutos dessas iniciativas, como também, num esplêndido relevo, a figura do condutor patricio que, mercê de nobre influxo de fraternidade política, deu ao seu abençoado torrão natal, durante um septenário administrativo, a ordem da paz necessária à vida coletiva e à segurança dos direitos individuais.

No ciclo de cinquenta anos de autonomia, o Piauí atingiu ao período áureo de governo.

Tocar-lhe é tocar no estadista que o vinculou aos valores morais do coração para encaminha-lo aos seus gloriosos destinos (Diário Oficial, 1942, p. 83).

Melo foi tratado pela figura do homem que conseguiu articular a aproximação de seus dirigidos, isto é, “as multidões/massas sociais piauienses”, portanto, só teria conseguido esse extraordinário feito por trazer dentro de si sua elevada capacidade de liderança, ao conduzir o estado rumo a um futuro promissor.

Outrossim, essa perspectiva permearia a imagem do interventor durante a realização de diversas ações. Nesse sentido, a viagem de Leônidas para a capital federal com o objetivo de participar de um congresso que reuniria todos os interventores federais do país no final de outubro de 1942, foi amplamente divulgada pelo *Diário Oficial*. Na ocasião, é relatado que Melo teria sido convocado para esse compromisso por intermédio do ministro da Justiça da época, Marcondes Filho. O político não se limitaria somente a participar dessa reunião, já que faria proveito da oportunidade para discutir os problemas do Piauí com as autoridades competentes e buscar alguma forma de auxílio para a região. Segundo o periódico, por Melo ser o chefe do estado:

Sua atuação à frente dos destinos da coletividade piauiense, de fato, tem se afirmado de modo integral, sendo de há muito, o obreiro vontadoso e precípua da grandeza crescente do Piauí. Todas as classes produtoras do Estado, todos os elementos úteis, em verdade, estão presos à benemerência do administrador ilustre, que não sabe distinguir, no beneficiar, entre os que, dentro da ordem, vivem de seu trabalho honesto (Diário Oficial, 1942, p. 1).

Na edição do dia seguinte, correspondente ao dia da viagem do interventor, mais uma vez o jornal divulgou o embarque de Melo no avião da Nab em uma nota da primeira página. Ao desejar votos de boa viagem, o escrito o trata como um carismático governante, posto que:

O embarque do operoso homem público foi extraordinariamente concorrido, comparecendo ao Palácio do Governo e ao campo de aviação tudo o que o Piauí possui de mais representativo na administração, na magistratura, no comércio, nas

indústrias, nas classes trabalhistas, na sociedade em suma, numa demonstração inconcussa de estima, de aprêço e da sincera admiração que o Estado, por seus habitantes, merecidamente dedica ao seu Supremo Magistrado. Toda aquela seleta assistência -, o Sr. Interventor Federal, interino, o Bispo Diocesano, os comandantes das forças federal e estadual, o chefe do Poder Judiciário, o presidente do Departamento Administrativo, os auxiliares do govêrno, figuras destacadas do comércio, etc. -, formulava votos pelo êxito da viagem, e pela felicidade pessoal do grande e incansável trabalhador, que há longos anos se vem se dedicando, com afinco, ao progresso do Piauí e ao bem-estar de seus conterrâneos (Diário Oficial, 1942, p. 1).

Melo é destacado pelo prisma de um político querido por seus governados, tendo em vista o relato da emoção causada por sua partida temporária em várias classes sociais da capital, que foram ao seu encontro durante o embarque. Para o jornal, isso seria consequência de sua grande dedicação ao povo por ele conduzido. Nessas recorrentes construções discursivas da imprensa de caráter oficial, podemos observar como sua figura foi delineada a partir do ideal de cidadão modelo da ideologia defendida pelo governo autoritário da época. Por isso, além da incumbência de dirigir os caminhos do Piauí, o interventor igualmente deveria seguir como um perfeito exemplo de conduta para a população do estado.

Após a chegada de Leônidas à capital federal, é informado ao público piauiense que alguns jornais do Rio de Janeiro noticiaram em suas páginas a chegada do político na cidade por motivo de sua participação no congresso de interventores. Sobre essa divulgação, é importante destacar que “No Piauí, a interventoria de Leônidas Melo era divulgada por diversos meios de comunicação no estado e fora dele” (Melo, 2021, p. 303)³¹.

O título “Como a imprensa carioca registrou a chegada ao Rio do Interventor Leônidas Melo” (Diário Oficial, 1942, p. 1), ilustra bem como o jornal procurou mostrar aos seus leitores que Leônidas gozava de prestígio político não só em seu estado natal. O jornal piauiense não poupou elogios ao interventor por seu reconhecimento pelos periódicos cariocas. A publicação regional elaborou, então, um compilado do que foi escrito sobre Melo em alguns jornais da capital da República, reproduzindo pequenos excertos:

O “Diário da Manhã”, “O Globo”, o “Diário da Noite” o “Jornal do Comércio” e a “Vanguarda” registraram o fato de maneira cativante. A “Manhã”, estampando uma fotografia demonstrativa da recepção feita ao Chefe do Executivo Piauiense, expressou-se: “Tendo viajado de avião, chegou ontem a esta capital o Sr. Leônidas Melo, Interventor Federal no Estado do Piauí. Ao seu desembarque, que se verificou

³¹ Acerca da disseminação de notícias sobre Leônidas Melo fora do Piauí, se pode mencionar os trabalhos do Centro Piauiense: “Essa entidade tinha como objetivo atuar com os piauienses que chegavam ao Rio de Janeiro, prestando auxílio em diversas demandas, tanto no sentido de assistência econômica, como no auxílio em busca de empregos, moradia e outras necessidades. Outro ponto importante era trazer informações do estado para os residentes na capital federal, distante muitos anos do Piauí. No Estado Novo, o Centro Piauiense no Rio de Janeiro ganhou um novo fôlego de existência, mais precisamente em 1939, com o apoio do interventor Leônidas Melo e da iniciativa dos piauienses residentes na capital federal [...]” (Melo, 2021, p. 365).

no Aeroporto Santos Dumont, compareceram os representantes dos ministros da Guerra, Justiça e Agricultura, elementos representativos da Colônia Piauiense aqui radicados, e amigos do Chefe do Gôverno da referida unidade da federação [...]. “A Noite”, dando também o clichê do nosso preclaro governante, escreveu as palavras que se seguem: “Pelo avião da carreira, da Nab, chegou ontem a esta capital o Sr. Leônidas de Castro Melo, Interventor Federal no Piauí. Sua Excelência, que vem tomar parte na reunião dos interventores, teve concorrido desembarque, vendo-se entre as numerosas pessoas que o foram receber no Aeroporto Santos Dumont os Senhores Primeiro Tenente Souza Lima, representante do Ministro Eurico Gaspar Dutra, titular da pasta da guerra; [...] Major Landri Sales, Diretor do Departamento de Correios e Telégrafos; Sr. Freire de Andrade, ex-deputado federal; Dr. Bugyja Brito, Presidente do Centro Piauiense; Major Berilo Neves, professor do Colégio Militar; Senhores Roland Jacob e Pedro Machado, do alto comércio piauiense [...] jornalistas, amigos e admiradores do Chefe do Executivo Piauiense (Diário Oficial, 1942, p. 1).

Melo, é retratado por meios dos periódicos do Rio de Janeiro como um querido e importante interventor. Isso demonstra os motivos pelos quais o “Chefe do Executivo Piauiense” foi bem recepcionado por autoridades de variados setores sociais (grande parte delas também originárias do Piauí), no momento de seu desembarque. Outro fato notório se trata do laço entre Leônidas e Landri Sales, que durante o Estado Novo se tornou responsável pela direção dos Correios e Telégrafos. Sales foi ao encontro de Leônidas ainda em sua chegada ao aeroporto. Cabe ressaltar que Melo sempre foi recepcionado por Landri quando partia em viagem com destino ao Rio de Janeiro, já que o ex-interventor ao deixar o Piauí, havia retornado para o seu posto no Exército na capital federal (Nascimento, 2015).

Após o embarque do interventor e a recepção de boas-vindas feita a ele em seu primeiro dia de viagem, foi a vez da imprensa oficial do Piauí divulgar a agenda de atividades do político na capital carioca, colocando-o como um atarefado homem público. O primeiro de seus compromissos a ser noticiado para os leitores corresponde ao seu encontro com o presidente Getúlio Vargas “com o qual conferenciou demoradamente sobre vários assuntos de interesse local, detalhando as dificuldades financeiras que pesam sobre o Estado em consequência da falta de exportação” (Diário Oficial, 1942, p. 1).

Segundo o *Diário Oficial* (1942), é informado que Vargas garantiu a Leônidas que solucionaria os problemas piauienses debatidos entre ambos. Após o encontro com o presidente, o interventor ainda se reuniria com Marques dos Reis, então presidente do Banco do Brasil. Posteriormente, Melo seria convidado pelo interventor federal do Rio de Janeiro, Comandante Amaral Peixoto, para realizar uma visita às obras que estavam sendo construídas na baixada fluminense. Ao final, é divulgado que o político piauiense ainda visitaria o Conselho Nacional de Petróleo.

A recorrente divulgação da viagem de Leônidas com o intuito de participar da reunião dos interventores federais pelo *Diário Oficial*, pode ser compreendida como um instrumento de propaganda política. Por essa ótica, foi útil mostrá-lo como o prestigioso e requisitado líder patriótico, o grande homem que não se cansava de trabalhar em prol de seu estado e de seus governados. Nesse prisma, seu retorno ao Piauí também foi noticiado com antecedência visando aos mesmos fins da exposição de sua partida. Ao longo do trajeto de volta para o estado nordestino, Melo igualmente estaria sob os holofotes da imprensa oficial, e a seguinte programação a ser cumprida pelo político foi divulgada:

O Chefe do Executivo Piauiense embarcará na Capital da República a 25, em avião da Condor, devendo saltar em Parnaíba, no dia seguinte ao meio dia. Depois de receber as homenagens que lhe estão sendo preparadas na importante cidade nortista, Sua Excelência viajará para Periperí em automóvel da Estrada de Ferro Central do Piauí, e daí até Teresina em carro do Estado. Em todas cidades servidas pela ferrovia serão feitas expressivas demonstrações de aprêço e consideração ao governante ilustre. Vários amigos e auxiliares de Sua Excelência irão encontrá-lo em Periperí, de onde em comitiva, o acompanharão ao Palácio do Govêrno. A notícia do breve regresso do Interventor Federal no Piauí tem despertado justificado comportamento entre seus auxiliares, amigos e admiradores que, hoje mais do que nunca, tudo esperam de sua experiência e comprovado patriotismo a frente dos destinos de nossa terra (Diário Oficial, 1942, p. 1).

É significativo a publicação informar que Melo iria ser acolhido pela população da região, especificamente das cidades atravessadas pela ferrovia, no lugar de regressar diretamente para a residência oficial do governo em Teresina. Por causa disso, a população desses lugares nos quais ele deveria passar, foi mostrada como uma população grata ao interventor por seu trabalho na direção dos interesses do estado. As homenagens prestadas ao político ao longo do caminho serviriam para expressar essa gratidão, conforme o que foi anunciado.

Faltando poucos dias para o retorno de Leônidas à capital do estado, é publicado o texto “O regresso do Interventor Leônidas Melo - O Piauí recepcionará condignamente seu eminente governante” (Diário Oficial, 1942, p. 1), que procurou mostrar os preparativos para a ocasião. O interventor interino, o desembargador João Osório Porfírio da Mota planejou as homenagens que seriam direcionadas a Leônidas juntamente com o apoio de outros auxiliares da administração. Desta feita, ao ser recebido pelas autoridades locais no aeroporto em seu retorno, é divulgado que no momento em que Melo desembarcasse em Teresina:

O carro governamental será escoltado do aeroporto ao Pálacio do Govêrno pelo Piquete de Cavalaria, recebendo o Chefe do Estado as continências do estilo duma guarda de honra formada uma companhia da Fôrça Policial, na praça Pedro Segundo. O operariado do Piauí, numa significativa demonstração de apoio espontâneo e gratidão, realizará, na hora da chegada do Interventor Leônidas Melo,

sob os auspícios do Delegado Regional do Trabalho , uma grande concentração, também na praça Pedro Segundo. Em nome de seus amigos, dando as boas vindas a Sua Excelência, falará, em Karnak, o Dr. Pires Gaioso. Essas demonstrações de respeito, de consideração e de estima prestadas a um administrador operoso e íntegro, amigo sincero de sua terra e de sua gente, contarão certamente com o apoio e a solidariedade da comunhão estadual, que tem em Sua Excelência o intérprete máximo de seus anseios, concretizados numa brilhante cruzada de realizadas concluídas e em marcha, que a crise em perspectiva, estranha à boa vontade e aos atos do govêrno, não empanará, nem por certo há de chegar a interromper o seu desdobramento extenso e profundo. O obreiro do progresso do Piauí terá agora mais uma oportunidade de sentir que o labor construtivo de sua gestão tem sido perfeitamente compreendido, e que o seu espírito público encontra correspondência consoladora no sentimento cívico de seus governados (Diário Oficial, 1942, p. 1).

Leônidas seria recebido, com honras reservadas a quem ocupasse o posto de chefe de estado. Em razão disso, a exemplo do momento de sua partida, por ser o líder de relevância regional, foi congratulado não só pelas autoridades políticas, militares, amigos e pessoas de sua família, mas também pela classe operária, visto que como “o obreiro do Piauí”, o político seria apoiado pelo povo por meio de uma “comunhão estadual” envolta de “apoio e solidariedade”. Podemos observar as intencionalidades da publicação, cujo ponto central se tratava de apresentá-lo como um governante amado e respeitado por sua população. Por conseguinte, não só seu retorno deveria ser celebrado por todos, mas a sua pessoa deveria ser admirada.

Conforme esse discurso, Melo, ao ser projetado como líder da região é tomado como “intérprete máximo de seus anseios”, dos anseios do povo que nele confiava por ser “um administrador operoso e íntegro”. Tal perspectiva é semelhante àquela ideologia do Estado Novo que colocava Getúlio Vargas como alguém notável, um verdadeiro homem excepcional. Consequentemente, isso faria do presidente brasileiro o intérprete da consciência coletiva da nação por ser o dirigente do país e por ter a capacidade de saber conduzi-lo (Gomes, 2005). A exemplo do chefe do executivo, que foi considerado o modelo ideal de político a ser seguido por todos os governantes do país, o comandante estadual, por seus predicados de distinto homem público, conseguiria traduzir as aspirações de seus dirigidos, sendo, portanto, um “amigo sincero de sua terra e de sua gente”.

O *Diário Oficial* segue ainda elevando a imagem de Leônidas nas edições seguintes ao dia de sua chegada, fazendo de seu retorno (assim como sua ida), um grande acontecimento público e político registrado por suas páginas. Após sua estadia de quase um mês na capital federal, e depois de ter participado de importantes compromissos, entre ele a reunião de interventores “presidida pelo Ministro da Justiça, que é o titular detentor do pensamento político do Sr. Presidente da República [...]” (Diário Oficial, 1942, p. 1), o jornal divulga que o interventor foi acolhido de forma calorosa pelos piauienses, que “tudo esperam

de sua experiência, de seu prestígio e de sua eficiente capacidade diretiva” (Diário Oficial, 1942, p. 1).

À vista disso, o periódico não se furtou de publicar mais detalhes da recepção feita ao político durante sua volta para Teresina. Após ser recebido e escoltado até o Palácio do Karnak por diversos automóveis, em uma comitiva na qual o carro de Melo foi “antecedido de batedores motorizados e seguido do Piquete de Cavalaria” (Diário Oficial, 1942, p. 1), é relatado que:

Na Praça Pedro Segundo, onde se desdobrava uma grande concentração operária e uma extensa formação de estudantes dos cursos secundário e normal de vários estabelecimentos desta capital, recebeu o Chefe do Estado, duma guarda de honra da Fôrça Policial, as contingências a que tem direito, seguido a pé, acompanhado de grande comitiva, entre alas de estudantes que o saudavam com palmas, até Karnak. Ali, grande era o número de pessoas amigas que aguardavam o ilustre recém-chegado, sendo por todos saudado com viva efusão. Compacta multidão, apesar do inconveniente da hora, enchia a Avenida Antonino Freire, da antiga praça da Independência ao antigo adro da igreja de São Benedito, partindo da mesma grandes aclamações no momento em que o Interventor Piauiense seguia a pé (Diário Oficial, 1942, p. 1).

Melo teria causado forte comoção nos lugares por onde passava pela capital. Logo, teria sido ovacionado não só pelos operários como já foi evidenciado anteriormente, mas também pelo grupo formado pelos estudantes teresinenses. O *Diário Oficial* mais uma vez fez uso desse evento como um artifício de propaganda política do governo carregada de determinadas simbologias. Todavia, mais do que difundir esse tipo de publicidade positiva ao interventor, o âmago dessa construção simbólica por meio do discurso correspondia a pretensão de legitimar Leônidas em seu cargo de interventor de acordo com os princípios do governo central. Entretanto, não podemos esquecer que o periódico em questão fazia parte da imprensa oficial do estado, e estava, portanto, cumprindo a função para o qual foi planejadamente destinado, ou seja, propagar a ideologia imposta pelo governo aos cidadãos do Piauí. Essa comoção não ficou só a cargo do texto em si, já que a matéria do retorno e da recepção do interventor veio acompanhada pela seguinte fotomontagem:

Figura 3 - O retorno de Leônidas Melo ao Piauí



Fonte: Diário Oficial (PI), Ano XII, 1942.

No primeiro plano, vemos a chegada do interventor em Teresina. É possível ver o avião no qual ele desembarcou localizado ao fundo da fotografia. Enquanto isso, ao centro se encontram Leônidas e sua esposa, seguidos pelas autoridades civis e militares (devidamente paramentadas com a indumentária de seu ofício) que o aguardavam. A ideia que fundamentou a imagem acima procurou transmitir para o público piauiense uma mensagem de contentamento causado pelo regresso de Melo ao estado.

Sua volta não teria passado despercebida, tendo em vista que de acordo com esse discurso, se trataria de um importante político, um homem amado pelos seus governados por suas ações benfazejas para o Piauí, e por isso merecedor de todas essas demonstrações. Melo, ao ser considerado um autêntico líder, era um homem aclamado por onde passava. Para o historiador Antonio Melo (2021), esse tipo de fotografia não possuía somente o papel de ilustração das matérias e notas sobre o governo, mas servia como um artifício estrategicamente utilizado para educar o olhar da população em relação às ações governamentais.

A fotografia colocada abaixo da montagem em segundo plano, mostra o político já no Palácio do Karnak após o desembarque no aeroporto. Nesse momento, Leônidas, ao lado de autoridades que compunham o governo, agradeceu “as boas vindas que lhe foram

apresentadas pelo Dr. Pires Gaiosio” (Diário Oficial, 1942, p. 1), então presidente do Departamento Administrativo.

Coube a Gaiosio, inclusive, a tarefa de proferir um discurso no Karnak parabenizando o interventor não só pelo êxito de sua viagem, mas também por seus atributos pessoais e profissionais como médico de formação e político. Sua fala foi então reproduzida no *Diário Oficial*. Dessa forma, no encerramento de sua exposição, teria proferido as palavras que seguem:

E nós piauienses de mais a mais nos aproximamos e nos conduzimos junto ao nosso governante para reafirmar a confiança de sua ação e serenidade. O ânimo de vossos governados o sr. dr. Leônidas Melo é agora confortado com o vosso regresso e afirma como penhor de amizade de certeza e convicção que o clínico e administrador enfrenta com robustecido valor as ameaças e as inquietações da atualidade. Dentro de um regime de integração nacional o Piauí vive tranquilo porque governante e povo vibram em compreensivo e completo entendimento (Diário Oficial, 1942, p. 2).

Gaiosio reitera os valores políticos que compunham o governo do Estado Novo, e em consequência os valores da administração de Melo em seu discurso, o saudando por seu retorno e sua intrepidez na condução das demandas da interventoria. Esse tipo de pensamento, portanto, foi divulgado não somente na imprensa de cunho oficial do Piauí, visando legitimar as figuras de Vargas e de Leônidas, mas também em outro periódico que circulava de maneira considerada regular na capital do estado, a *Gazeta*.

2.3 Do timoneiro do Brasil ao timoneiro regional: as construções discursivas do jornal *Gazeta*

O jornal *Gazeta* foi fundado no ano de 1904 por Benedito Lemos, sendo publicado de maneira contínua e semanal até 1915. De acordo com Oliveira (2016), nessa primeira fase de funcionamento, o jornal estava localizado em sua própria tipografia, na Praça Saraiva, em Teresina. Após um hiato de quase uma década, seu retorno aconteceu em 1926, sendo impresso na ocasião por meio da Gráfica Excelsior, de propriedade de Antonio Lemos, então diretor-gerente da publicação. Ao contrário de seus primeiros anos, nessa segunda fase suas impressões não eram de caráter semanal, já que variavam entre a média de 10 a 20 dias, fato que em certa medida atrasava o conhecimento de diversas notícias ao seu público leitor. Em 1943, a *Gazeta* adotou o nome de diário, embora contraditoriamente não fosse colocada em circulação todos os dias.

Para além da divulgação de variadas notícias nacionais e internacionais, e das sempre recorrentes propagandas políticas oficiais exigidas pelo governo de Getúlio Vargas, o jornal igualmente publicava em suas páginas anúncios publicitários, curiosidades, anunciava livros e almanaques, além de fazer as vezes de coluna social da capital (Oliveira, 2016). Tal organização foi uma forma encontrada pela linha editorial para atrair novos leitores e conservar seus assinantes já fidelizados. Além disso, a *Gazeta*:

[...] dispôs de táticas que buscavam aproximação com o regime em vigor. Essa proximidade facilitou para que a publicação dispusesse de mais artifícios para prever saídas naquele período. Desse modo, a astúcia, inicialmente, utilizada por esse jornal foi a interação com os governantes, meio que viabilizou a circulação do periódico e colaborou para que o *Gazeta* garantisse seus interesses naquele período em que o país convivia com forte intervencionismo estatal em diversas atividades. O interventor Leônidas Mello foi uma personalidade política constantemente referenciada no jornal. Devido a posição de poder ocupada pelo mesmo que poderia ser coercitiva através da punição de jornalistas e veículos jornalísticos ou até mesmo positiva por meio de trocas de favores entre Estado/Meios jornalísticos, textos que se referiam positivamente a ele foram frequentes nas publicações que circularam até o ano de 1944 (Oliveira, 2016, p. 113).

A exemplo do discurso oficial que alçou Vargas ao posto de principal líder do país, o periódico teresinense, empregou discurso semelhante, para se referir ao interventor, colocando-o, logicamente não como o principal chefe, haja vista que segundo a hierarquia do governo federal, esse lugar só seria ocupado pelo presidente. Em razão disso, Leônidas, foi consagrado à liderança piauiense, ou seja, o líder regional. De acordo com o que era publicado, ele foi cuidadosamente tratado como um indivíduo forte para guiar o estado pelo caminho do progresso.

Todavia, é preciso levar em consideração o trabalho da censura estadonovista frente ao conteúdo que seria veiculado nos jornais, que precisavam ser registrados e sofriam fiscalização de censores do DIP e do DEIP estadual, ou até mesmo por autoridades do estado que considerasse prejudicial ao governo alguma notícia publicada. Dessa forma, para Nascimento, a publicação do jornal teresinense:

Submeteu-se ao controle do DEIP, embora o seu proprietário tivesse mantido postura de independência ao longo da carreira de jornalista e fundador de jornais. Durante a guerra, o jornal *Gazeta* concentrou as suas vistas no conflito. Sofreu censura como todos os jornais nacionais. Publicava notícias de interesse do governo e mantinha uma seção de crônicas sociais (Nascimento, 2015, p. 58).

Os periódicos regionais como a *Gazeta*, recebiam de maneira diária informações para serem divulgadas pela Agência Nacional, enquanto as notícias estrangeiras ficavam sob a responsabilidade da britânica Agência *Reuters*. Se notícias consideradas censuradas e

impróprias circulassem, seriam cortadas as cotas do papel pelo governo (Melo, 2021), o que impossibilitaria a sobrevivência do jornal, por isso, era importante divulgar notícias alinhadas ao governo.

Nessa perspectiva, podemos observar que a *Gazeta* não se restringiu somente a publicar simples e aparentemente inofensivas propagandas que beneficiassem o Estado Novo, a figura de Vargas ou a de Leônidas Melo. Isto posto, ressaltamos que o periódico em questão se utilizou de *táticas*³² para se manter no poder e continuar a circular em território teresinense (Certeau, 1998).

A partir disso, as ações realizadas por Getúlio Vargas se destacavam de forma frequente na imprensa do Piauí, que por sua vez o mostrava não pelo prisma de um político autoritário, mas sim pela ótica de alguém com inclinações progressistas (Aguiar Junior, 2014). O presidente era o líder que enfim concretizaria os ideais de avanço que transformariam o país. Para construir os alicerces de ratificação dessa imagem e conseguir sustentá-la de modo a se perpetuar no poder, ocasiões como as do aniversário de Getúlio em dezenove de abril eram amplamente propaladas, como observamos nas edições do *Diário Oficial* já analisadas nesta pesquisa.

Desse modo, a exemplo do que fez a imprensa oficial do estado, podemos observar a edição do natalício do presidente, desta vez no ano de 1943. Por constituir um dos principais acontecimentos comemorativos celebrados no país, o jornal estampou sua capa com uma fotografia do político:

³² De acordo com Michel de Certeau, o conceito de tática corresponde à arte utilizada pela parte mais enfraquecida em face das estratégias utilizadas pelo lado mais forte (Certeau, 1998).

Figura 4 - Capa da Gazeta com a imagem de Getúlio



Fonte: Gazeta (PI), Ano XXII, 1943.

A imagem acima corresponde a uma edição especial da *Gazeta*. No início, é possível visualizar os dizeres escritos em letras maiúsculas, colocados em destaque no topo da página: “Ao presidente Vargas o Brasil, unido e forte, rende hoje seu preito de homenagem”. Enquanto isso, vemos o busto de Vargas, em uma fotografia colocada quase ao centro. Ele se encontra posicionado de perfil, e abaixo de sua imagem, está escrito “Presidente Vargas, o Guia da Nacionalidade”.

O texto que compõe a capa inicia sua exposição fazendo referência à Revolução de 1930, visto que graças a ela o mundo conheceu “a individualidade extraordinária que é o Presidente GETÚLIO VARGAS, a cuja direção serena e segura, o Brasil vem marchando há 12 anos e alguns meses” (Gazeta, 1943, p. 1). Quanto a individualidade fora do comum pertencente ao político, faria jus à personalidade forte de um grande estadista, fator que inspirou diversos estudos sobre a sua personalidade, como mencionado na primeira parte deste trabalho. Outro trecho que chama atenção, igualmente diz respeito ao tipo de homem raro que o país tinha sob a sua direção:

Mas, quizeram os deuses que à frente da fantástica empresa fosse posto esse homem de rara enfibatura, dotado de invejável inteligência e incomparável senso diretivo, para quem a obra temerosa tem sido de fácil execução, estando hoje o Piauí com as suas normas profundamente alteradas para melhor, operando S. Ex^a. num ambiente de paz que apenas foi perturbado em começo pelo espírito de revolta, felizmente dominado de pronto pela potente capacidade do Grande Timoneiro (Gazeta, 1943, p. 1).

A exemplo do célebre piloto que guia a embarcação de André Maurois (1996), Vargas é comparado ao “Grande Timoneiro”. Esse tipo de construção discursiva tinha como objetivo construir a maneira como o presidente pretendia ser visto pela população, corroborando para legitimar o seu poder político através da imprensa, já que somente o timoneiro que se sobressaísse sobre todos os outros teria capacidade e disposição para permanecer guiando o leme do Brasil.

Por conseguinte, no 5º aniversário do Estado Novo, no ano anterior, a *Gazeta* também se utilizou da imagem do timoneiro para se referir ao presidente, De acordo com a publicação: “Para maior vulto do valor do Chefe que o Brasil tem ao seu leme, [...] a ação de S. Excia., serena e forte, se vem desenvolvendo, pondo todo o País em condições de confiar em si mesmo, sob a orientação de seu exímio timoneiro” (Gazeta, p. 3, 1942). Podemos notar uma recorrência nesse tipo de metáfora utilizada pelo jornal em questão, no que diz respeito à liderança de Getúlio.

Portanto, a imagética do chefe que guia o timão, ou que manuseia o bastão de chefia configurou a autoridade de Getúlio Vargas, e validou a fabricação de sua figura como verdadeiro e único líder da nação. Isso tinha como objetivo que tal autoridade não se limitasse somente à esfera do discurso (no presente caso, as páginas dos periódicos), mas que fizesse parte do dia a dia dos brasileiros. De acordo com Alcir Lenharo:

Qualquer aproximação ao estudo da propaganda no período detectará, necessariamente, o peso das instâncias micropolíticas atuando sobre o cotidiano dos indivíduos; ao atuar dessa maneira, o poder dissemina-se pelo social para obter um controle de caráter muito mais persuasivo do que diretamente repressivo. As instâncias moleculares atingidas não ficam circunscritas a determinados espaços sociais; por isso mesmo dão acabamento à obra da máquina da propaganda, podendo os condutores dos micropoderes ir do mundo do trabalho ao âmago do cotidiano de cada um para intervir em suas expectativas e sonhos, reorientar seus projetos de vida, docilizar seus corpos e mentes” (Lenharo, 1986, p. 43).

Notemos que, de acordo com esse discurso, a intencionalidade era colocar Vargas como o autêntico chefe do país. Isso pode ser compreendido ao final do texto em questão, quando ao saudar o líder do executivo pelo seu natalício, a *Gazeta* salientou que:

O Brasil estaria bem se não o tivessem atingido as setas do pavoroso “Eixo” mas, por certo está melhor com aquela prova a mais do filho que o ama e do Chefe que o defende. Sobremodo justas são, portanto, as muitas demonstrações de júbilo que nesta data os Brasileiros prestam ao Presidente GETÚLIO VARGAS por motivo da passagem do seu aniversário natalício, que já deixou de ser um acontecimento de família para se tornar em brilhante e faustosa efeméride nacional (Gazeta, 1943, p. 1).

Na mesma edição comemorativa, o artigo “Um homem de Valor”, de autoria de Joaquim Ferreira da Silva, Segundo Sargento da Reserva, se refere ao presidente como um perfeito exemplar de homem político e laborioso. Para o autor, graças a sua sabedoria, Vargas não tinha dificuldades em guiar os rumos tomados pelo país, apesar das incertezas geradas pelo delicado momento de guerra. Ao defender que seriam justas as homenagens ao chefe do executivo, Silva destaca que:

E a nós, brasileiros, que sem nenhum favor reconhecemos na pessoa do maior Magistrado da Nação o reflexo, bem acentuado, do grande homem de Estado, impossível nos era deixar passar despercebida essa magna data em que se comemora o natalício do grande vulto da Nação, por todas as camadas sociais, sem distinção de classe; porque vemos na personalidade do Sr. Presidente Vargas um homem de governo sem preconceitos, que sabiamente, à frente de tinos do Brasil tem sabido conduzir-se com hombridade e à altura de merecer os maiores aplausos por todos os seus atos pautados dentro das normas estabelecidas num regime de ordem e progresso, confiança e estabilidade (Gazeta, 1943, p. 4).

Após todas as felicitações revestidas sob a forma de homenagem direcionada a Getúlio Vargas, o jornal informa sobre a programação das festividades ocorridas em Teresina em honra ao chefe do executivo, como desfile de estudantes em frente ao busto de Getúlio, missão em ação de graças com a presença do interventor e discursos de autoridades. Entre as atividades dessa programação, é noticiada a simbólica inauguração do retrato do presidente no salão nobre do prédio onde se localizava a sede do Serviço de Defesa Passiva Antiaérea. Dessa maneira:

Às 16 horas na sede do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea, se verificou a aposição do retrato do Presidente Vargas no salão nobre do respectivo edifício, produzindo na ocasião, excelente discurso o Tenente-Coronel Evilásio Vila-Nova, competente Diretor Regional do Serviço de Defesa Passiva Anti-Aérea neste estado. Encerrando o ato, o Interventor Leônidas Melo, que o presidia, teve palavras eloquentes e judiciosas a propósito da efígie do Presidente, que êle disse não ser mais uma simples fotografia de um homem, porém um símbolo que se confundia com o da Pátria na ascensão e grandeza do Brasil (Gazeta, 1943, p. 1).

No entanto, a publicação não se limitou à capital, e divulgou as comemorações do aniversário do presidente na cidade piauiense de Campo Maior na edição de nove de maio, em uma seção intitulada “Gazeta do Interior”. Entre acontecimentos semelhantes aos de Teresina,

como desfile cívico e missa em ação de graças, é relatado que em Campo Maior teria ocorrido a inauguração da escola municipal “Darcy Vargas”, nome da então primeira dama brasileira. Ao final do dia, em sessão solene no Cine-Teatro Municipal, discursaram o chefe de secção do D.E.I.P. João Neves de Jesus e prefeito municipal Ney Baumann. É ressaltado que em suas falas, ambos “se ocuparam da personalidade do Chefe da Nação” (Gazeta, 1943, p. 4).

Outrossim, em 1942, com o regresso de Leônidas após a referida viagem feita ao Rio de Janeiro para participar de congresso realizado com todos os interventores do país, a *Gazeta* o retrata como um governador que arduamente trabalhava em prol do desenvolvimento de sua terra natal. Logo, na capital federal Melo não se limitou a participar do evento para o qual fora convidado, e “desdobrou-se em solicitude pelos interesses do Estado que, em bôa hora, há sete anos e meses lhe foi posto sob a esclarecida direção” (Gazeta, 1942, p. 4).

Acerca da supracitada viagem de Melo ao Rio, é divulgado ainda que o “incansável político”, teria solicitado ao presidente Vargas auxílio para a resolução das dificuldades econômicas enfrentadas pelo Piauí após estopim da Segunda Guerra, fator que causou considerável queda nas exportações do estado, oriundas principalmente da economia extrativista. Segundo o texto divulgado, o momento belicoso veio atrapalhar a crescente pujança da região. Desta feita, por toda a dedicação do interventor:

Percebe-se, claramente, que o Chefe do Governo piauiense assume, na defesa dos interesses do estado que governa, os mesmos tons de um pai carinhoso pugnando pelos justos interesses de um filho. Conforta, realmente, no meio da borrasca, o ter-se ao leme do barco a mão de um timoneiro como o Interventor Leônidas Melo (Gazeta, 1942, p. 4).

Novamente, a *Gazeta* busca relacionar a liderança política à simbólica figura do timoneiro. Porém, no lugar de Vargas, referido por duas vezes de tal forma como citado acima, dessa vez Leônidas foi o escolhido, pois como chefe estadual, guiar as direções do Piauí se tratava de seu dever. Na mesma matéria, Melo é por sua vez referenciado como “um pai carinhoso”, reverberando na região os enunciados discursivos de cunho paternalista que pairavam em torno do líder nacional, discursos esses empregados com a intenção de despertar emoções na população.

Nesse sentido, conforme os apontamentos do estudioso Pierre Ansart (2019), a linguagem empregada na política faz uso de imagens imbuídas de persuasão. O “arauto político” precisa ser cauteloso com as palavras escolhidas para serem enunciadas, visto que estas devem provocar conotações consideradas benéficas, evitando que sejam associadas de maneira negativa.

Por isso, “As palavras privilegiadas são, portanto, aquelas de largo espectro de conotações, aptas a suscitar imagens” (Ansart, 2019, p. 70). De acordo com Ansart, o uso desse tipo de figura de linguagem como o empregado pela *Gazeta* para se referir aos líderes políticos, “o timoneiro” e “o pai”, que dirigem e controlam as veredas a serem percorridas, constituem exemplos de metáforas que:

Participam eficazmente da dramatização do acontecimento e, mesmo que não sejam levadas ao pé da letra pelos participantes, difundem as fantasias propícias à intensificação das reações. Sua reprodução e abundância evidenciam o quanto a vida política, longe de se desenrolar na calma das análises objetivas, é atravessada por desejos e por um trabalho permanente sobre os desejos: a profusão das fantasias serve de revelador da intensidade desses investimentos. A grandiloquência, o lirismo, a declamação, por mais singulares que sejam, são sinais das intensidades afetivas e da dimensão do trabalho despendido para cultivá-las (Ansart, 2019, p. 71).

A vida política está atravessada por diversas mensagens cuja intencionalidade se trata de exercer sua influência nos vínculos, nas ojerizas, nos sentimentos, em relação a personagens (como os heróis da pátria e os chefes políticos), ou mesmo em determinadas instituições. Nesse cenário, o periódico ocupa papel crucial, já que seja ele uma publicação de caráter informativo ou mesmo um jornal de artigos de opinião, nele serão produzidas informações que irão gestar sentimentos de interesses, temores, esperanças, entre outros, nas pessoas (Ansart, 2019).

Partindo desses ideais, o texto intitulado “Oito anos de Governo” (*Gazeta*, 1943, p. 1), buscou convencer o seu público leitor sobre o quão nefasta foi a República Velha para o trabalho em prol do bem-estar da coletividade. Para isso, foi utilizado o argumento de que por não existir nesse período a possibilidade de reeleição, os governantes preocupados com o povo teriam suas boas realizações interrompidas. Negando a ideia defendida de que a variação dessas gestões traria efetiva vantagem para a sociedade, são defendidas pelo jornal razões opostas a esse velho ideal, já que a alternância entre os governos agravaria a situação, podendo torná-la pior a cada nova gestão.

Esse pensamento estava de acordo com ideia propagada pelo Estado Novo de que o atraso brasileiro era uma consequência da omissão dos governos anteriores a Vargas. Logo, era necessário tornar o Brasil um território novo e fortalecido. Somente com uma grande transformação, enfim existiria um país liberto de todos os empecilhos que impediam o seu pleno desenvolvimento (Melo, 2021).

Deste modo, somente o Estado Novo, por meio do presidente, proporcionou aos governadores uma administração que não fosse limitada temporalmente, permitindo “desde que sirvam bem, levar longe a sua ação benfazeja” (*Gazeta*, 1943, p. 1). Todavia, o ponto

central dessa edição, se tratava de congratular Leônidas de Castro Melo pelos seus oito anos de governo. Para cumprir essa intencionalidade, foi anunciado o seguinte:

O Piauí, que é, sem favor, um dos estados que mais têm avultado nestes últimos dez anos, teve a felicidade de há oito dêles, vir contando à frente dos seus destinos com a personalidade do Sr. Dr. Leônidas de Castro Melo, que a princípio como Governador, e depois, como Interventor, tem sido o guia modelar, que, com inteligência e suave operosidade vem levantando as forças da sua terra, pela qual revela êle o mais acendrado amor. Pugnando incessantemente pelos progressos do Piauí, o eminente Interventor há, sem desfalecimentos, levado a sua ação clarividente e benéfica, a todas as artérias do Estado, injetando-lhes a força que se tem manifestado através da obra de vulto que aí está aos olhos dos naturais e também é admirada pelos estranhos que nos visitam ou que, lá fora, lhe têm notícia (Gazeta, 1943, p. 1).

O periódico se refere a Melo a partir de atributos de liderança, como “o guia modelar” que se encontrava “a frente de seus destinos”. Entretanto, além do texto felicitar o aniversário do governo de Melo, uma leitura mais atenta nos revela que a maneira como a matéria em questão foi disposta na *Gazeta*, também foi pensada para exaltar a pessoa do interventor federal. Não por acaso, se encontra localizada justamente na primeira página da publicação uma fotografia do político:

Figura 5 - Leônidas e seus auxiliares de governo



Fonte: Gazeta (PI), Ano XXXII, 1943.

Leônidas não se encontra sozinho, tendo em vista que existem outras fotografias ao lado da sua, compostas pelas imagens de colaboradores do regime. Entre esses vultos, há, por exemplo, a figura do prefeito de Teresina, Lindolfo do Rêgo Monteiro, que está à sua

esquerda. À frente da administração da capital desde o ano de 1936, Monteiro “caracterizou-se como um dos maiores colaboradores do governo, conseqüentemente, do getulismo no estado” (Melo, 2021, p. 239), permanecendo em seu cargo até a queda do governo autoritário, em 1945. Por outro lado, quem se encontra à direita do interventor se trata do desembargador João Osório Porfírio da Mota, então ocupante do cargo de secretário geral do estado piauiense.

A fotografia do interventor está centralizada e se sobressai acima das outras, sendo ainda a de maior tamanho entre todas, o que pode ser visto como mais uma maneira de colocá-lo simbolicamente na mais alta posição de líder do Piauí e demonstrar sua influência no estado. Nessa tônica, sobre o homem detentor de poder e suas simbólicas posições em um determinado plano, Elias Canetti sublinha que:

A hierarquia e o poder criaram para si posições fixas e tradicionais. A partir da maneira como as pessoas se apresentam dispostas uma ao lado da outra, pode-se facilmente deduzir a diferença de prestígio entre elas. Sabemos o que significa quando uma pessoa encontra-se sentada num plano mais elevado, tendo as demais em pé a circundá-la. Ou quando está em pé, e as demais sentadas ao seu redor; quando alguém aparece de súbito, e as pessoas reunidas levantam-se; quando alguém se ajoelha diante de outra pessoa; quando não convida aquele que acabou de entrar a sentar-se. Já uma enumeração indiscriminada de exemplos como esses mostra a quantidade de configurações mudas que o poder apresenta. Seria necessário investigá-las, definindo com maior exatidão o seu significado (Canetti, 2019, p. 486).

Para reforçar o seu poderio político na imprensa local, sua imagem é acompanhada por uma legenda, na qual se pode ler o seguinte enunciado: “INTERVENTOR LEÔNIDAS DE CASTRO MELO - A quem, em bôa hora, o Presidente Vargas entregou os destinos do Piauí [...]” (Gazeta, 1943, p. 1).

Ao final, o texto retoma os elogios ao 10 de novembro e sua transformação providencial para o país, já que somente graças ao golpe que “O Piauí continua a ter à frente dos seus destinos o filho ilustre que o vem felicitando com uma administração benemerita e progressista” (Gazeta, 1943, p. 6). Igualmente, é ressaltado que Melo não está só em sua missão de governar o estado, já que ao seu lado se encontra “o homem de grande coração, cheio de magnanimidade e afeto, que vem conduzindo a nau governamental suavemente, sempre de bom-humor” (Gazeta, 1943, p. 6), fazendo alusão à figura do presidente Getúlio Vargas.

Por isso, é dada ênfase ao discurso de que se Vargas comandava o que deveria ser seguido em âmbito nacional, Leônidas Melo, alinhando-se ao governo e trabalhando em prol da obra estadonovista, dirigia as ações em esfera regional, como o condutor do Piauí. Isso é

reforçado de forma recorrente em outras seções da *Gazeta* sobre o interior do estado, a exemplo da divulgação do aniversário do prefeito da cidade de Piracuruca, Antonio Souza, em janeiro de 1943. Através de uma nota, é relatado que em meio às comemorações, em um baile no qual foram reunidas pessoas do povo e indivíduos da alta sociedade, este agradeceu aos presentes. Ao término dos discursos proferidos pelas autoridades locais, é relatado que Souza:

Ressaltou que a obra administrativa que vem realizando é orientada pelo Exm. Sr. Dr. Leônidas de Castro Melo, quem melhor merecia as manifestações entusiásticas e de grande brilho como as que se estavam realizando naquele momento. Sentia-se, no entanto, feliz por ver ali congregada a maioria de seu povo para dar-lhe estímulo e solidariedade. As palavras dos oradores foram abafadas por extensas salvas de palmas. Ao champagne foram erguidos dois brindes: ao Chefe da Nação e ao Interventor Piauiense (*Gazeta*, 1943, p. 2).

Assim, é interessante observar a presença dessa hierarquia no discurso citado acima. Segunda tal lógica, Leônidas era o orientador do governo local, merecendo as homenagens oferecidas pela população piracuruquense a sua pessoa. No momento do brinde comemorativo regado a champagne, porém, somente Vargas é saudado como “Chefe”, o que explicaria sua maior projeção de liderança em comparação à chefia de Melo, que é referenciado como “Interventor”.

Ademais, os já mencionados oito anos do governo de Leônidas, não foram preteridos na já mencionada cidade de Campo Maior. Consoante a notícia divulgada pela *Gazeta*, o aniversário de governo foi comemorado na forma de um ato público, que “bem atesta o alto apêço que aquele ínclito governante é tido em nosso meio” (*Gazeta*, 1943, p. 4). Isto posto, durante a celebração, a maior solenidade acontecida na ocasião foi a inauguração de um posto de higiene, nomeado de Leônidas Melo, em homenagem ao interventor federal.

Quanto às comemorações realizadas na capital para festejar o aniversário de governo, é relatado na edição de nove de maio de 1943 da *Gazeta* que “o digno administrador está identificado com a população, que, dia a dia, o vai estimando mais, ante a obra de benemerência que S. Ex.^a vem realizando” (*Gazeta*, 1943, p. 1). Nesse sentido, a população teresinense teria participado com afinco da programação em honra ao seu eminente líder descrita baixo:

Todos os números do vasto programa foram fielmente cumpridos, desde a experiência de carros de bombeiros, a que nos referimos da edição anterior, e a interessante festa da Usina Elétrica, de noite, no dia 1, a disputa sportiva do “Tamoio Atlético Clube”, no dia 2, e, no dia 3, a missa em ação de graças, na Catedral; a distribuição de brevets à primeira turma de pilotos formados pelo Aéro-Clube do Piauí; o almoço oferecido no “Hotel Central” pela diretoria dessa agremiação à delegação do “Aéro-Clube de Parnaíba”; à concorrida e cordialíssima recepção no Palácio de Karnak; a aposição do retrato do Chefe do Estado no salão principal do

prédio onde funciona o Departamento das Municipalidades; a inauguração da exposição, no Teatro “4 de setembro”, de cartas geográficas dos municípios piauienses, bem como de fotografias de numerosas realizações do governo Leônidas Melo em Teresina e em alguns municípios do interior do Estado, até a brilhante sessão cívica realizada naquele Teatro, a qual fechou com chave de ouro, as solenidades tributadas ao oitavo aniversário da administração que, porfiadamente, vem operando a grandeza da nossa terra (Gazeta, 1943, p. 1).

Ainda sobre as festividades, no artigo “Um homem de Estado” (Gazeta, 1943, p. 3), novamente o Segundo Sargento da Reserva, Joaquim Ferreira da Silva, é colocado como colaborador da *Gazeta*, dessa vez na edição de 13 de maio de 1943. O autor coloca Leônidas na posição de um estimado governante que reciprocamente também sentia apreço pelo seu povo. Em razão disso, o que teria ocorrido durante as solenidades ficaria marcado de forma indelével para a população. O militar igualmente ressaltou que o governo de Melo, iniciado em 1935 e sua continuação em 1937, só pode ser possível graças ao Estado Novo, que corresponderia a uma “justa necessidade verificada de perto pela clarividente personalidade de S. Ex^a. o Sr. Dr. Getúlio Vargas, condutor incomparável dos destinos do Brasil” (Gazeta, 1943, p. 3).

Após os referidos elogios ao governo central representado pela figura do presidente Vargas, o colocando como o principal líder brasileiro, Silva finaliza sua colaboração no periódico tecendo em seu artigo diversos adjetivos para se referir ao interventor, colocando em destaque a grande bondade de seu coração. Conforme esse ponto de vista exposto pelo militar:

O nosso Interventor é dos demais simples até não mais poder. Os que o conhecem sabem que nunca em seu coração brotou um sentimento hostil contra quem quer que fôsse. O Dr. Leônidas é a bondade em pessoa. Jamais ele soube o que fôsse um gesto mau. Ouve a todos que lhe batem à porta, atendendo-os na medida do possível, consultando ao mesmo tempo os interesses dos humildes e os interesses do Estado. Corajoso e decidido, tem o Dr. Leônidas Melo a bondade que só os homens fortes alimentam em sua alma. Essa inalterável é o elemento definitivo do seu caráter com que dia a dia vai aumentando o seu patrimônio de amizades, em todo o Brasil. E os Piauienses, em geral, jamais deixarão de apoiar decididamente as suas idéias vitoriosas que ele realiza dia a dia, para o bem comum do Piauí, para o bem comum do Brasil. Porque, com o Dr. Leônidas Melo à frente do Governo, o Piauí será unido e será forte e continuará a marchar na senda da ordem e do progresso, para verdadeira conquista dos seus gloriosos destinos (Gazeta, 1943, p. 3).

Cerca de um ano depois das comemorações dos oito anos de governo, em 1944, já registrado sob o número 13.012 no Departamento de Imprensa e Propaganda (como destacado na primeira página), a *Gazeta* celebrou o aniversário de nove anos da administração de Leônidas de Melo. O jornal publicou um discurso proferido pelo próprio interventor no ano

anterior por ocasião de celebrar sua subida ao posto do executivo do estado, como pode ser observado no trecho abaixo:

Estimei que no programa com que quizestes assinalar o oitavo aniversário do meu governo houvesseis incluído esta magnificente hora de civismo. É mais uma oportunidade para pessoalmente manifestar-vos a confiança e a fé que tenho nos meus conterrâneos; a confiança e a fé que tenho na prosperidade do Piauí; no engrandecimento do Brasil; no Chefe da Nação; na Unidade e na Soberania inquebrantáveis da Pátria, asseguradas e defendidas pela união, pelo trabalho e pelo patriotismo dos brasileiros. Em horas como esta, quando vos vejo e quando vos ouço satisfeitos, quando ausculto o sentimento sincero dos vossos corações, que tão bem me têm sabido compreender, sinto que se retempera o meu espírito de homem público e se fortalecem e se redobram os meus desejos e propósitos de, a cada dia, com devotamento maior, empenhar maior esforço pelo bem-estar e felicidade do povo piauiense (Gazeta, 1944, p. 1).

O discurso em questão, havia sido realizado em solenidade ocorrida no Teatro 4 de Setembro, localizado em Teresina. Nele, Melo reforçou os ideais defendidos pelo governo central, como o patriotismo e o trabalho. Em solenidades oficiais como essa Leônidas assumiu a postura de mediador entre a população piauiense e o regime. O interventor não se restringiu somente a exercer as funções exigidas pelo seu cargo público. Nesse sentido, prestou auxílio no processo de fabricação e de disseminação de determinadas ideias orientadas pelas diretrizes impostas por Vargas no estado. Com isso, simbologias foram construídas por meio de suas ações e de seus discursos, fator que alicerçou e difundiu o projeto estadonovista no Piauí (Melo, 2021).

Com o intuito de continuar comemorando o aniversário do governo, a *Gazeta* publicou ainda uma matéria intitulada “O dia do Governo” (Gazeta, 1944, p. 1), na qual mais uma vez propaganda e exalta o início da administração de Melo no Piauí. Esse posicionamento divulgado pela publicação teresinense pode ser atestado pela seguinte passagem da notícia em questão:

Em torno da candidatura do médico ilustre, do profissional abalisado, do ex-Secretário-Geral tinham festejado as simpatias com que os patrícios do candidato a receberam. Vaticinava-se nova administração vantajosa para o Piauí, que acabava de entrar em fase de progresso e ansiava porque se não interrompesse o ritmo da nova marcha. E o Dr. Leônidas Melo inspirava a confiança de ser um ótimo mantenedor dêsse equilíbrio (Gazeta, 1944, p. 1).

Desse modo, o político é retratado a partir da imagem de um “Senhor de cultura, clarividência, amor à terra natal, gênio extremamente pacifista” (Gazeta, 1944, p. 1), que dirigia o estado há quase uma década. A exemplo de Vargas, o piauiense é colocado como

detentor do dom da clarividência, que como já analisamos, era considerada uma qualificação digna de um líder.

O discurso segue nesse tom apologético, de engrandecimento à pessoa de Leônidas Melo, exaltando suas qualidades nos âmbitos profissional, político e pessoal. Quando plasmados todos esses atributos em um único indivíduo, tem-se, portanto, o homem capaz de dirigir os caminhos, sendo por isso, o detentor da personalidade de chefe. Isso é salientado pela passagem que segue:

O Dr. Leônidas Melo, além das suas qualidades de chefe de estado, médico e professor, possui a de cavalheiro de índole suave e cativante, motivo talvez principal da estima que, dia a dia, os seus conterrâneos lhe vão, sinceramente, votando. O dia de hoje é um dia grande para o eminente Interventor, como o é para os que por ele são governados. Portanto, não só a S. Exa., mas também a estes, cabem os cumprimentos que aqui expressamos, muito cordiais e muito efusivos (Gazeta, 1944, p. 1).

Esse tipo de discurso de exaltação feito a Leônidas a partir de apropriações de simbologias e vocabulários referentes ao presidente Vargas não se limitou ao interventor federal do Piauí. Na capa dessa mesma edição, é possível observar ao lado da matéria sobre Melo, em tamanho menor, um pequeno texto saudando o prefeito municipal da cidade de Parnaíba, Mirócles de Campos Vêras, que é referido como “incansável”. O parnaibano, inclusive, é chamado de “administrador operoso e esclarecido” (Gazeta, 1944, p. 1), adjetivos já utilizados pelos periódicos regionais aqui analisados para fazer referência ao líder do executivo piauiense.

Para compor o texto, foi inserida uma fotografia de Vêras. No entanto, a exemplo da supracitada hierarquia presente na fotografia do líder do executivo estadual e dos homens que exerciam a função de auxiliares de governo, a imagem do prefeito é visivelmente menor em comparação a imagem do interventor, que também estampa a mesma página de capa do jornal Gazeta.

Em síntese, no presente capítulo analisamos os periódicos teresinenses que legitimaram Leônidas Melo como o principal líder do Piauí por meio de emblemáticas construções discursivas espelhadas a partir do exemplo irradiado por Vargas e pela ideologia do Estado Novo. Por conseguinte, na próxima parte deste trabalho, daremos continuidade a essas análises, buscando compreender a construção do prefeito Mirócles Vêras como exemplo de liderança a ser legitimado em Parnaíba, tendo como principais modelos as figuras do presidente e do interventor federal piauiense.

Capítulo III - Parnaíba e seu líder local: Mirócles de Campos Vêras como o político condutor da cidade

“Não se pode deixar de reconhecer no atual Governador da Parnaíba, uma envergadura de perfeito administrador”
(Almanaque da Parnaíba, 1937, p. 9).

3.1 O porta-voz das elites: o anuário *Almanaque da Parnaíba* e a exaltação do poder constituído

A construção de lideranças visando constituir e conservar poderes políticos e sociais não se restringiu a nível nacional com a assimilação de Vargas ao ideário internacional de chefia, fato que contribuiu para sua legitimação de chefe benemérito com caráter paternalista pelos veículos de imprensa. Logo, a influência do político foi tomada como modelo em diversas localidades do país, a exemplo de Teresina, como foi analisado anteriormente. Porém, outra cidade piauiense também repercutiu esse ideal em seu território. Foi dessa forma que:

Durante as primeiras décadas do século XX a cidade de Parnaíba não ficou alheia à ideia de constituir lideranças, demandando suas próprias figuras de chefes políticos e sociais na esfera local, regional e nacional. Tal fenômeno de apropriação e divulgação do ideário político da chefia podia ser observado nas publicações que circulavam na cidade entre as décadas de 1930 a 1940 (PEREIRA; BOTTON, 2021, p. 134).

Neste período, a cidade considerada a segunda maior do Piauí, vivenciou um próspero momento de desenvolvimento cultural e econômico em seu território. Essa escalada em direção ao progresso foi causada principalmente pelo comércio de produtos relacionados ao extrativismo vegetal, se sobressaindo a cera da carnaúba e o babaçu, itens amplamente exportados para diversos países³³. O período de ascensão vivido pela localidade e inclusive do próprio estado foi atribuído as figuras masculinas que gozavam do poderio econômico, e consequentemente, de prestígio e poder resultante de tal momento.

³³ No que diz respeito a esse apogeu econômico: “As narrativas sobre a prosperidade da cidade de Parnaíba, já desde a década de 1920, de modo geral, anunciam-se como decorrentes de uma vocação comercial, onde se desenvolveram projetos a partir dos negócios com o charque e couro, sendo ampliadas e diversificadas as iniciativas exportadoras, com produtos regionais, sob as graças de estrangeiros europeus; a princípio portugueses, e posteriormente, ingleses, franceses e alemães, até a chegada da decadência, quando a imagem de um Porto, dinâmico em exportação e importação com a frequente presença de estrangeiros desaparece” (Tourinho, 2015, p. 42), após a Segunda Guerra Mundial. No entanto, em contraponto a essa narrativa sobre o momento de fausto parnaibano, os estudos de Alvarenga (2017) pontuam que a cidade precisava de maiores investimentos para se desenvolver, e não possuía uma infraestrutura necessária para isso.

Em meio a essa conjuntura, surgiu o anuário *Almanaque da Parnaíba*, fundado em dezembro de 1923 por Benedito dos Santos Lima, conhecido como Bembém, que foi responsável por sua edição até 1941³⁴. Desde a data de sua fundação, o *Almanaque* foi publicado de maneira ininterrupta por quase sessenta anos, e trazia em suas páginas artigos de opinião, curiosidades, charadas, poesias, estatísticas e inúmeros tipos de anúncios publicitários de variadas empresas, mas principalmente de firmas locais. Lima era comerciante de origem maranhense³⁵ que se estabeleceu em Parnaíba. Segundo os apontamentos de Rego (2010), sua casa comercial foi assiduamente frequentada por homens tomados como intelectuais. Quando reunidos, promoviam debates sobre diversas temáticas.

Concebido nessa atmosfera, o anuário também cumpriu a função de servir como arauto das elites comerciantes locais, noticiando as transformações e os melhoramentos urbanísticos³⁶, e sendo “um veículo modernizador, que procurou instituir um padrão de gosto e consumo a partir do culto à civilidade, ao progresso e aos bons costumes” (Silva, 2013, p. 81). Por ser direcionada para as elites, embora também fosse consumida por um público dos setores médio e baixo, a publicação pode ser vista como um fator de distinção social, pois nem todos poderiam usufruir de suas informações tendo em vista o alto índice de analfabetismo existente à época (Rego, 2010).

Dessa forma, o discurso dotado de uma narrativa ufanista e defensora do progresso pelo qual a cidade estava passando durante a primeira metade do século XX, foi colocado para os leitores do anuário através da ótica de um desenvolvimento possível graças ao trabalho realizado pelas classes mais abastadas e influentes. Por conseguinte, a publicação sempre se alinhou ao lado de quem estivesse no poder:

No que diz respeito à vida política, o Almanack se manteve ideologicamente “conservador”, sem sectarismo, porém sempre legitimando e enaltecendo o poder constituído. Exemplo claro desse “pragmatismo” diante do poder é que muitas vezes no próprio Almanack se encontravam matérias elogiosas a grupos em disputa. A “Revolução de 30”, por exemplo, foi bem recebida, Getúlio Vargas e o interventor federal no Piauí, Landri Sales, foram destaque no anuário, embora um ano antes o governo deposto tenha sido cumprimentado pelo periódico. Outras presenças políticas constantes nas páginas do Almanack da Parnahyba eram os prefeitos municipais. Nesse sentido, o Anuário assumia a função de representar e reproduzir com certo ufanismo os “melhoramentos” urbanísticos que a cidade vivia, seja o

³⁴ “Benedito dos Santos Lima editou o anuário como diretor-proprietário. Em 1941, passou os direitos autorais a Ranulfo Torres Raposo [...]” (Rego, 2010, p. 264), um próspero comerciante local.

³⁵ Lima nasceu no Sítio São Raimundo, localizado no atual município de São Bernardo-MA em 1893 e transferiu-se para Parnaíba em 1910 (Passos, 1985).

³⁶ Para Tourinho (2015), às transformações urbanísticas realizadas em Parnaíba na primeira metade do século XX, ficaram marcadas pelas ações ocorridas durante a gestão do prefeito municipal Ademar Gonçalves Neves (1930-1934).

calçamento de ruas, a reforma de uma praça, a construção de novos centros de ensino de lazer, ou seja, vida pública e doméstica da cidade (Silva, 2013, p. 84).

Os nomes dos chamados “grandes vultos”, seletos grupo composto pelos homens que gozassem de algum tipo de relevância no comércio regional, na política, ou na escrita, por exemplo, foram colocados em destaque e exaltados com frequência nas páginas do periódico. Essa característica pode ser observada desde seus primeiros anos de circulação, e foi conservada nas edições posteriores. Nesse sentido, o estratagema realizado pelo anuário parnaibano “em estampar os nomes de prestígio político ou econômico, geralmente aliados a elogios de toda ordem vinha a calhar, posto ter conquistado a simpatia deles e seus importantes auxílios financeiros, tão urgentes ao órgão” (Ciarlini, 2015, p. 114).

O anuário, então, replicou em Parnaíba, e por consequência no estado piauiense, a propaganda e os valores pregados pelo estadonovismo. Por outro lado, esse posicionamento editorial não se tratava de uma simples escolha. Novamente, se faz importante ressaltar que propagação da imagem de Vargas nesse momento era imposta para todos os periódicos em funcionamento. Para continuar a circular e receber financiamentos, era necessário publicitar o presidente e suas realizações (Pereira; Botton, 2021), e o *Almanaque* soube habilmente realizar esse trabalho.

Ademais, nomes como o do presidente Getúlio Vargas, do interventor federal Leônidas de Castro Melo e do prefeito Mirócles Vêras foram homenageados com regularidade pela publicação. Por conseguinte, Tourinho (2015), argumenta que o primeiro governo de Getúlio Vargas, principalmente o momento do Estado Novo, está atrelado à história parnaibana no que diz respeito a imagem que se construiu sobre a cidade, e a fatores ligados a projetos de remodelação urbana, questões sanitárias e de ordenação social.

A presença do chefe do executivo no periódico parnaibano pode ser observada na edição correspondente ao ano de 1939, na qual há uma fotografia do presidente seguida de um pequeno texto enaltecedor de seu senso diretivo em meio a um momento turbulento então vivenciado pela sociedade brasileira da época. Dessa maneira, de acordo com o que foi publicado:

A figura do Presidente Getúlio Vargas, através de menos de uma década de ebulição social, à frente das grandes responsabilidades da direção da máquina estatal brasileira, atêa-se, progressivamente, no seio da nacionalidade, circundada de um halo resplandecente de prestígio, de confiança e de maior firmeza no prosseguimento do incentivo ao desenvolvimento das novas forças econômicas e sociais, a cujo impulso, de certo, se evidenciará a grandeza da Pátria. Governando os períodos mais agitados da vida nacional, de 1930 a esta parte, venceu um por um todos os óbices, surgidos na escalada da evolução do país, notabilizando-se a toda a prova, por uma energia dos atos essenciais da sua rota de Governo. Estatuído o

Estado Fôrte na atualidade brasileira, continua o Presidente Getúlio, a sua mesma norma governamental, apesar da enorme soma de poderes avocada à Presidencia, no vigente Estatuto Político oriundo da extraordinária visão patriótica que dominou os espíritos responsáveis pelos destinos do Brasil, a 10 de Novembro de 1937: - o Governo, o Povo e as Forças Armadas da Nação (Almanaque da Parnaíba, 1939, p. 19).

Vargas foi considerado o estadista “enérgico” e “sereno”, fatores que segundo essa concepção o auxiliaram a ser desvencilhar dos desafios colocados em seu caminho desde a Revolução de 1930. Todavia, as homenagens prestadas ao presidente nesta edição não se reduziram somente ao citado texto acima. Com o intuito de divulgar a alfândega da cidade e o seu então inspetor, Almir de Oliveira, é anunciado que houve uma solenidade, cujo mote seria o de celebrar o retrato de Vargas colocado no salão principal da instituição. Esse ato foi uma iniciativa de Oliveira, e soa semelhante a cerimônia ocorrida na redação do *Diário Oficial* na capital do estado em 1938, em razão da inauguração do retrato do político em suas dependências, como foi observado no segundo capítulo desta pesquisa.

Logo, é mencionado que tal realização foi executada no prédio da Alfândega da cidade “Para realçar a ação vivaz e patriótica do Presidente Vargas” (Almanaque da Parnaíba, 1939, p. 161). Para dar mostra do tom comemorativo emanado por essa situação, o anuário colocou ainda imagens do referido momento, como podemos observar na fotografia abaixo:

Figura 6 – Inauguração do retrato de Vargas na Alfândega de Parnaíba



Fonte: Almanaque da Parnaíba (PI), Ano XVI, 1939.

Na imagem reproduzida pelo anuário, o retrato do presidente está posicionado ao centro, entre outras imagens, uma à sua esquerda e outra à sua direita. Ao redor da fotografia, se pode ver diversas pessoas prestigiando a solenidade. Esses indivíduos se tratariam de representantes do comércio, funcionários da própria alfândega, além de integrantes de outros setores da sociedade local.

Outrossim, em 1941, em uma seção intitulada “Notícia da casa” (*Almanaque da Parnaíba*, 1941, p. 315), que se trata de uma matéria publicada originalmente no jornal local “*O Norte*”, e republicada pelo anuário, é relatada a distribuição do periódico referente ao ano de 1940. Para compor esse momento, se encontrava em frente à redação a banda municipal da cidade, visitantes e também convidados. Foi nesse ambiente festivo que a filha do editor Benedito dos Santos Lima, Maria Luiza, proferiu para as pessoas ali presentes seu laudatório discurso, transmitido pelo periódico. Após rememorar as origens do *Almanaque* pelas mãos de seu pai, a moça agradece “a inteligência de Mirócles Vêras e a bondade de Leônidas Mélo” (*Almanaque da Parnaíba*, 1941, p. 317), pelo auxílio prestado à publicação.

Depois de louvar os políticos piauienses, ela finaliza sua fala saudando a pessoa do presidente. De acordo com o discurso dito pela moça: “Ele é o maior brasileiro, não por ser o primeiro magistrado, - mas porque é a realidade do presente e a esperança do futuro” (*Almanaque da Parnaíba*, 1941, 317). Não por acaso, nesse mesmo ano de 1940, o anuário prestou emblemática homenagem ao presidente, ao colocar em sua capa uma imagem de Getúlio Vargas:

Figura 7 - Capa do *Almanaque da Parnaíba* de 1940



Fonte: *Almanaque da Parnaíba* (PI), Ano XVII, 1940.

A figura que ilustra a capa da publicação refere-se a uma tela nomeada “Sentinelas do Brasil”, e é de autoria do pintor maranhense Nestablo Ramos³⁷. É relatado no anuário que a mesma foi exposta durante poucos dias na cidade. Compreendemos que a imagem foi concebida com o objetivo de suscitar sentimentos patrióticos na população por meio da figura do presidente. Para alcançar esse fim, a tela é carregada de simbolismos, como o fato de Vargas estar utilizando a faixa presidencial. Além disso, na bandeira do Brasil ao lado da figura do presidente podemos ler a palavra “Ordem”, fazendo referência ao lema “ordem e progresso” presente na flâmula nacional. Isto posto, de acordo com os sentidos auferidos pela capa do periódico, o político encarnava o posto do líder escolhido pelo destino para impor a ordem nos lugares mais recônditos do país.

Getúlio foi ainda homenageado pelo impresso parnaibano em virtude do seu aniversário. Dessa vez, na edição de 1942, na qual o escritor e intelectual maranhense radicado em Parnaíba, Alarico da Cunha³⁸ compôs dois sonetos em homenagem ao político. Os versos que formam o poema seguem um tom solene e respeitoso a pessoa do presidente, como se pode depreender do seguinte trecho de um dos poemas:

Saúdo, nesta data, o grande brasileiro,
O Chefe da Nação e amigo do seu povo,
O herói que se mostrou sereno e sobranceiro,
Da Pátria salvador, fundando o Estado Nôvo!
No palôr de um soneto, a minha pena movo
Para felicitar, sincero e alviçareiro,
O nosso Presidente, e com justiça o louvo
Por ser da estóica Nau tão hábil timoneiro!
(Almanaque da Parnaíba, 1942, p.83).

No soneto, Cunha saúda Vargas por suas qualificações de liderança. Por isso, faz uso de determinados termos, como “Chefe amigo”, ou “o herói salvador da pátria”, o que denota a ideia de que o presidente possuiria características parecidas com a de um Messias, retirando o país do atraso que até então estava inserido pela Revolução de 1930, e posteriormente através da deflagração do Estado Novo. Publicações desse tipo durante o governo autoritário poderiam por vezes assumir um caráter religioso para referir aos vínculos existentes entre o líder e seus liderados, culminando a partir disso, na veneração da pátria (Lenharo, 1986).

Outro ponto que chama a atenção se trata do verso que faz menção à imagem da Nau, a embarcação conduzida pelo presidente no poema de Cunha. Esse recurso metafórico,

³⁷ Nestablo Ramos era natural de Alcântara-MA e atuava como artista visual. Segundo o Almanaque da Parnaíba (1938) ele exercia a profissão de tesoureiro da Estrada de Ferro Central do Piauí.

³⁸ Frequente colaborador do anuário, Alarico da Cunha nasceu em Timon-MA, porém estabeleceu residência em Parnaíba e trabalhou como agente na Companhia Booth de navegação. Cunha foi também um estudioso do folclore, tendo publicado textos sobre essa temática na imprensa local (Almanaque da Parnaíba, 1938).

utilizado pelo poeta para exprimir o senso diretivo do político como o exímio timoneiro, se aproxima do que foi largamente divulgado pelo jornal teresinense *Gazeta* para se referir a Getúlio.

Além disso, a nau que Cunha cita em seu poema faz parte da imagética de uma embarcação “estóica”. Segundo essa doutrina “A moral estóica concerne ao acontecimento; ela consiste em querer o acontecimento como tal, isto é, em querer o que acontece enquanto acontece” (Deleuze, 1974, p. 146). Nessa perspectiva, os estóicos procuravam viver uma vida boa e sábia. Para isso era preciso viver em conformidade com a natureza. O oposto desse modo de vida harmônico seria uma existência desequilibrada, acarretada pela má utilização da razão, “Dessa forma surgem os medos, as ansiedades, as preocupações, em suma: as paixões” (Luz, 2019, p. 112). No que diz respeito a essa alegoria utilizada pelo autor, infere-se que o presidente faria um bom uso da razão para governar o Brasil, não sendo, portanto, um político desenfreado e guiado por suas paixões.

O segundo soneto de Alarico da Cunha vem acompanhado de uma pequena fotografia de Vargas. Seus versos continuam com a temática do soneto anterior, visto que novamente o autor suscita no leitor imagens que evocam grandeza, bravura e heroísmo para se referir ao presidente, a exemplo do que podemos analisar na íntegra do soneto:

Não fôra o braço forte, indômito, valente,
E a estrutura moral em que vive escudado
O Chefe da Nação, - intrépido soldado,
A pátria cairia em mão de estranha gente
Que nos arrastaria a sucumbir. E à frente
Do abismo da anarquia a ser despedaçado,
O colossal País, de rútilo passado,
Cumpriria, por certo, um destino inclemente...
Mas, Deus que nos protege, ampara e nos defende,
Deu-nos o salvador, na hora do perigo,
E a corte do Mal diante do Bem se rende:
Foi nosso defensor o Homem de vistas largas,
Que confundiu sorrindo o bárbaro inimigo.
Grande como o Brasil - o Presidente Vargas!
(Almanaque da Parnaíba, 1942, p. 82).

A visão de Cunha sobre o presidente o concebe como o político predestinado, aquele que ao conseguir desvencilhar-se da anarquia por meio de sua força moral, defende a nação e a conduz para um bom caminho. Isso teria ocorrido pelas suas marcantes características de líder. Quando reunidas todas as virtudes de Vargas, temos assim, nas palavras do autor “O Chefe da Nação, - intrépido soldado”.

Destarte, se o *Almanaque da Parnaíba* exaltava em suas páginas o chefe do governo federal, exibindo fotografias e textos pomposos, dotados de simbolismos para se referir a

Getúlio Vargas, durante o governo ditatorial, o chefe do município, na figura do prefeito Mirócles de Campos Véras, também recebeu homenagens do anuário. Esses tributos, feitos para glorificar Véras, foram usados como um emblemático recurso para a construção de sua chefia e autoridade.

3.2 O médico benevolente e o prefeito administrador: a construção da liderança de Mirócles Véras

De acordo com os apontamentos do memorialista parnaibano Caio Passos (1982), os pais de Mirócles Véras eram oriundos de tradicionais famílias da cidade, motivo pelo qual o político sempre integrou o grupo da elite local. Ele recebeu sua primeira nomeação para o cargo de prefeito municipal através de Landri Sales, em 1934. No ano seguinte, o parnaibano se manteve no posto por eleição popular. Com o golpe do Estado Novo em 1937, Véras voltou ao seu cargo de gestor da cidade, dessa vez nomeado pelo interventor federal Leônidas de Castro Melo em dezembro do mesmo ano, seguindo à frente da condução da urbe até 1945.

Mirócles exerceu seu mandato durante período da ditadura estadonovista, fato significativo, pois isso demonstra seu alinhamento ao regime do presidente-ditador. Desse modo, “Sua vinculação com esse âmbito político de ufanismo e ampliação dos sentidos de liderança eram expressados não só em suas ações e discursos, mas também nas atribuições auferidas pela imprensa da localidade” (Pereira, 2023, p. 32).

Na supracitada edição de 1940, cuja capa foi estampada com a imagem de Vargas, podemos observar a presença de Véras, a exemplo do texto intitulado “Dr. Mirócles Campos Véras (traços biográficos)” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 105). O ponto fundamental deste escrito foi a elaboração de uma síntese publicada no periódico sobre alguns marcos pessoais, profissionais e políticos da vida de Véras, com o intento de apresentá-lo para seu público. Entretanto, antes de iniciar essa empreitada, o periódico avisa ao leitor que devido a sua personalidade inigualável:

O estudo da personalidade de Mirócles Campos Véras não pôde ser feito convenientemente nos limites destas linhas noticiosas. O que se vai ler, portanto, é, apenas um simples sumário da vida e da obra desse eminente piauiense, que, hoje, imprime na administração parnaibana o traço vivo e forte de sua personalidade inconfundível (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 105).

Esse tipo de retórica para explicar a personalidade de Véras está em consonância, portanto, com os discursos acerca da personalidade dos grandes líderes, capazes de se

distinguiam dos outros indivíduos em consequência de suas marcantes peculiaridades que delineiam o caráter de um verdadeiro condutor.

Nessa breve biografia do prefeito, o anuário trata sobre aspectos gerais que vão desde o nascimento do Mirócles em Parnaíba no ano de 1890, a seus primeiros estudos feitos na cidade e posteriormente realizados na capital Teresina. Um ponto de destaque é a sua graduação no curso de medicina, iniciada primeiramente em Salvador e finalmente concluída no Rio de Janeiro em 1912. A formação de Vêras é fundamental para compreendermos como foi forjada sua imagem de líder pelo anuário, isso porque o ofício de médico foi simbolicamente utilizado para distingui-lo pelo prisma do profissional da saúde humano. O prefeito, portanto, foi tomado como um homem dotado de benevolência e é esse ponto que constitui o âmago dos discursos de chefia envolvendo sua figura.

Conforme sublinha o *Almanaque*, Vêras era um homem de influência, um filantropo que sempre esteve ao lado das pessoas mais humildes e sem recursos para ter acesso à saúde ou alguma outra forma de assistência. Por isso, segundo a publicação, depois de formado, ao regressar para o Piauí:

Em aqui chegando, iniciou a clínica, e resolveu ficar. E aqui mesmo, na sua própria terra natal, soube conquistar fama e glória para seu nome, mercê de serviços úteis e duradouros, amplamente proclamados. Fez da medicina sua musa, e de sua vida uma obra de arte. Porque sempre foi o médico dos humildes. Porque pôs sua inteligência a serviço do bem (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 107).

Para enfatizar essa ideia, o periódico informa que após seu retorno à Parnaíba, já graduado em medicina, o político “começou sua obra renovadora. Tendo encontrado fechada a Santa Casa de Misericórdia, conseguiu reabri-la, e traçar-lhe novo rumo” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 107). Porém, é relatado que o médico não se limitou aos trabalhos em prol dos enfermos necessitados da Santa Casa, visto que “Não sabe esse eminente parnaibano o que é descanso. Fundou o Leprosário de S. Lázaro, o lactário Suzanne Jacob, a Sociedade dos Pobres e a Maternidade” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 109)³⁹.

Nessa mesma edição, por exemplo, há uma fotografia de Mirócles Vêras atuando como médico. Na imagem se pode ver o prefeito a examinar a ficha de doentes na Santa Casa de Misericórdia. O político estava ainda acompanhado pelo editor do *Almanaque*, Benedito dos Santos Lima:

³⁹ O breve texto biográfico menciona os cargos ocupados por Vêras, sendo eles: “Médico Chefe do Posto de Saneamento Rural, Médico de Higiene Municipal, Diretor Médico da Santa Casa e Médico Chefe do Centro de Saúde do Estado” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 107).

Figura 8 - Mirócles Vêras atendendo enfermos na Santa Casa



Fonte: Almanaque da Parnaíba (PI), Ano XVII, 1940.

Essa faceta da personalidade de Vêras seria divulgada de forma recorrente pela imprensa da cidade. Segundo tal interpretação, ele foi associado ao médico caridoso que “não distingue o rico do pobre” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 111). Dessa forma, isso foi ressaltado pelo periódico ao expor os motivos que o fizeram ter a ideia de fundar a Maternidade Marques Basto, depois de presenciar uma mulher pobre falecer em decorrência de um penoso trabalho de parto:

Esse fato o impressionou profundamente. E quando, mais tarde, o contou aos colegas, foi, logo, concluindo:
Com a minha responsabilidade, mãe nenhuma morrerá, aqui. E, ante a admiração dos companheiros:
Fundarei uma Maternidade. E cumpriu a palavra (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 111).

A partir desse acontecimento que o deixou consternado, a imagem de Vêras foi construída pela perspectiva do homem de ação. Para essa lógica, ele era o líder que não media esforços em prol do bem da população parnaibana, considerando sua afirmativa de fundar um lugar destinado às mães que não possuíam muitos recursos no momento de dar à luz, e sua posterior concretização. Seu constante altruísmo com as pessoas hipossuficientes da época, também pode ser associado a uma visão dotada de aspectos científicos e cristãos ao mesmo tempo:

Percebamos que os elementos hierárquicos de poder se ampliam quando o chefe municipal equaciona as demandas científicas do progresso, da cura e da exatidão - pretensamente trazidas por sua pertinência ao campo da medicina - como o elemento espiritual do cristianismo, absolutamente necessário não apenas para que se comprove a retidão moral desse indivíduo, mas que o qualifique no interior dos imperativos de época da compaixão, caridade, benemerência e auxílio aos doentes e necessitados. Essa valoração paradoxalmente católico-científica se fazia extremamente importante para considerar-se tal homem enquanto exemplar de condutor simultaneamente técnico e humano (Pereira; Botton, 2021, p. 138).

Ademais, esse tipo de iniciativa formulada por homens da elite como Mirócles Vêras, que frequentavam variados espaços de poder no âmbito político e social, pode ser visto pela ótica de um dever a ser cumprido em nome da pátria. Segundo o patriotismo defendido nesse momento, esse tipo de projeto filantrópico tinha também o objetivo de realizar uma espécie de higienização. Logo, se fez necessário “resgatar estes indivíduos a quem se atribuía a ausência de saber racionalizado sobre a gestão de suas vidas. Por isso, ofereciam conselhos pautados em preceitos científicos [...]” (Marinho, 2021, p. 207), que deveriam ser seguidos pela população mais pobre.

A partir dessas ações de cunho sanitarista, os corpos das camadas mais baixas seriam gerenciados e igualmente disciplinados por esses projetos de assistência (Marinho, 2021). Isso pode ser observado na divulgação da Sociedade Feminina de Assistência aos Lázaros e Proteção aos Pobres de Parnaíba, na qual novamente Vêras aparece sob o manto da benignidade, como seu idealizador. Sobre essa organização, Mirócles contou com o auxílio de mulheres pertencentes às classes mais abastadas da cidade. Dessa maneira, a tônica cristã é predominante no texto, posto que ao discorrer acerca da ideia de Mirócles sobre a criação dessa sociedade, é abordado no anuário que:

“Sempre haverá pobres entre vós” - está escrito nos Evangelhos. As almas nobres, aos corações bem formados, cumpre, pois, socorrer aos necessitados. É a doutrina cristã, a doutrina santa, a doutrina única. Mirócles Vêras pensou, certa vez, em organizar uma sociedade que se destinasse ao cumprimento da mais elevada missão: amparar aos que sofrem, dando-lhes o alimento, o agasalho, o conforto moral. A tarefa lhe foi fácil, pois, em apoio da magnífica iniciativa veio, logo, a família parnaibana. E nasceu a Sociedade Feminina de Assistência aos Lázaros e Proteção aos Pobres de Parnaíba, a querida Sfalppp dos esquecidos da fortuna (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 225).

Além da ajuda prestada pelas distintas senhoras, é dito que o prefeito conseguiu subsídios do estado do Piauí e da prefeitura da cidade para financiar a Sociedade, obtendo inclusive apoio do comércio parnaibano, razão pela qual “nada lhe será difícil, contando ele, como conta, com o apoio integral da sociedade parnaibana (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 225). Acerca disso, um texto assinado por João Campos sobre a assistência social em

Parnaíba, louva as ações de Véras, ao dizer que “Feliz a cidade que abriga em seu seio um homem como o Dr. Mirócles Véras, cujo pendore para os empreendimentos humanitários jamais encontrou arrefecimentos, nem mesmo diante das injustiças dos ingratos [...]” (Almanaque da Parnaíba, 1939, p. 145).

Dessa forma, supostamente movido pelos mesmos ideais de humanidade, Véras idealizou a criação da Fundação S. Lázaro, pois, “compadecido dos pobres doentes, que andavam fugindo à cidade, para lhes mostrar o corpo deformado, convocou os elementos mais representativos da sociedade parnaibana, e com eles fundou o nosso leprosário” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 227)⁴⁰. Ao término do texto, é salientado pelo anuário que por meio de mais uma iniciativa de Véras, os doentes ali acolhidos, apesar de viverem na “tristeza de uma vida infeliz, mas recebendo da ciência e da fraternidade humana e o que a fraternidade humana e a ciência podem dar” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 227).

A temática relativa às ações filantrópicas de Véras também é explorada pelo anuário para publicizar a inauguração do Lactário Suzanne Jacob, ocorrida no mês de janeiro de 1938, instituição fundada com o apoio do próspero comerciante francês residente em Parnaíba, Roland Jacob⁴¹. O lactário direcionava seus serviços para a saúde e alimentação infantil. Dessa forma, a publicação reproduziu o discurso do político, no qual o prefeito afirma que:

O LACTÁRIO SUZANNE JACOB é uma radiosa obra de fé cristã, uma modelar organização social de salvação pública e um incalculável empreendimento médico de proteção à infância [...]; O LACTÁRIO é o órgão vital de um Centro Infantil que educa, instrui, alimenta e assiste. Representa a mais eficiente empreitada de cooperação entre os governos e a iniciativa particular, aprovada pelos Congressos internacionais de Higiene e por isto é uma organização de base social; O LACTÁRIO, sob a orientação do médico especialista, fornece leite cientificamente preparado aos lactentes privados da alimentação materna; Destina-se a atenuar os efeitos da pobreza pelo leite simples, preparado ou medicamentoso e pelo prato de sopas às mães nutrízes; Atenua os efeitos da pobreza e combate a ignorância, de preceitos de puericultura, fatores essenciais da mortalidade infantil [...] (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 268-269)

De acordo com essa perspectiva divulgada pelo anuário, o prefeito não era só regido pela bondade, mas também era investido do cientificismo necessário para combater as mazelas humanas. É ressaltado que Véras se preocupava com a saúde e bem-estar dos enfermos, dos pobres e das crianças. Ele foi delineado, portanto, como o indivíduo que planeja seus atos no presente e dispõe de capacidade suficiente para realizá-los no futuro.

⁴⁰ Em seus primeiros anos, o Leprosário foi uma iniciativa de caráter privado, porém, em 1939, passou a ser gerenciado pelo governo do estado (Almanaque da Parnaíba, 1940).

⁴¹ Roland Jacob arcava com a maior parte dos gastos para o funcionamento do lactário, mas a instituição igualmente recebia doações de caráter particular e subsídios públicos. O nome do lugar foi uma homenagem à esposa falecida de Jacob (Marinho, 2021).

Mirócles Vêras era considerado, então, um amigo de seu povo, já que ao final de seu mencionado traço biográfico, se fortaleceu a ideia que segue:

Ahi está, em breves traços, o retrato de Mirócles Vêras.
Como hontem, ele é, hoje o Prefeito de Parnaíba. Não é, porém, apenas o Prefeito.
É, sim, o maior e mais sincero amigo que o povo parnaibano possui” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 111),

A concepção de conclusão sobre a vida do prefeito denota um teor de proximidade. De acordo com essa visão, ao ser mais do que somente o prefeito da cidade, visto que seria ao mesmo tempo um “amigo”, Vêras não era um homem distante de seus governados. Por essa lógica estadonovista, seu governo não precisaria de intermediários que o colocassem em comunicação com a população da urbe. Isso foi expresso pelo anuário ao publicar uma fotografia do prefeito enquanto este estava a discursar em um microfone da amplificadora municipal:

Figura 9 - Vêras discursando na amplificadora municipal



Fonte: Almanaque da Parnaíba (PI), Ano XVII, 1940.

Por meio dessa imagem, o periódico procurou transmitir a mensagem de que o próprio Vêras era o encarregado da tarefa de promover sua aproximação com os seus governados, ao utilizar o microfone da amplificadora para estabelecer um contato direto com o povo parnaibano em um dia de festividade, conforme aponta a legenda da fotografia, o que lhe confere uma maior carga simbólica. Além de todo o simbolismo emanado pela imagem, o anuário colocou na mesma página um pequeno texto, com a intenção de informar a todos que

a instalação da amplificadora municipal foi um projeto pensado e colocado em prática por Mirócles Vêras:

O rádio é, hoje, a voz que todos devem ouvir. Por esse motivo, do plano de educação popular do governo municipal de Mirócles Vêras constou a instalação de uma Amplificadora, a qual foi inaugurada em Julho de 1936. É através de seu microfone que o povo vem ouvindo e apreciando, a três anos, as alocações cívicas, palestras sobre ensino, conferências literárias e até a marcha dos negócios públicos, no seu conjunto e nos seus pormenores (Almanaque da Parnaíba, p. 244, 1940).

A rádio ainda não existia em Parnaíba quando a fotografia acima de Vêras discursando foi tirada, sendo instalada pouco tempo depois⁴². Conforme defende Cleto Sandys de Sousa (2013), as amplificadoras (também conhecidas como “serviços de alto-falante”) foram utilizadas como meio de informação de massa na cidade antes da chegada da rádio. A comunicação via amplificadoras cumpria a contento o seu papel. Realizava a divulgação de propagandas, notícias, concursos, festividades e manifestações culturais na urbe. Esse tipo de serviço foi fundamental para a prefeitura transmitir informações aos cidadãos parnaibanos e fazer pronunciamentos oficiais.

Desta feita, para formar os atributos que qualificariam o prefeito como líder parnaibano, emergiu um segundo elemento da personalidade diretiva de Mirócles, a de um capacitado administrador municipal. Segundo o periódico, Vêras corresponderia a figura do “Administrador moderno, absolutamente integrado no Estado Novo” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 109). Cabe ressaltar que o político foi referido pelo anuário como “administrador” mais de uma vez, o que pode ser compreendido como uma forma de legitimá-lo nessa posição de poder.

Foi dessa maneira que três anos antes, na edição de 1937, ao discorrer sobre as já mencionadas ações assistenciais de Vêras no campo da saúde e igualmente nas obras públicas do município, a publicação expressou para o seu público que “não se pode deixar de reconhecer no atual Governador da Parnaíba, uma envergadura de perfeito administrador” (Almanaque da Parnaíba, 1937, p. 9). Nessa ocasião, o periódico ainda reforçou que:

Não somente como Prefeito de sua terra natal, de cujos progresso e embelezamento vem tratando com o máximo esforço, técnica e capacidade administrativa; bem como médico humanitário e desvelado, o Dr. Mirócles Vêras se empenha com invulgar carinho e desinteresse, pelo bem estar dos seus munícipes. O Dr. Mirócles, além de outros empreendimentos de vulto, está ultimando as obras do edifício destinado a “Maternidade Dr. Joca Basto”; um Hangar, no Campo de Aviação

⁴² A primeira emissora de rádio a funcionar na cidade se tratava da Rádio Educadora, inaugurada em três de maio de 1940. Esse dia teria sido escolhido por ser a mesma data de aniversário do então interventor federal Leônidas de Castro Melo (Sousa, 2013).

Militar; Quartel de Polícia e Cadeia Pública; Escolas nucleares em Luiz Correia e Morros da Mariana e calçamento de diversas ruas da cidade (Almanaque da Parnaíba, 1937, p. 9).

Para comandar os destinos da “cidade líder” (Almanaque da Parnaíba, 1937, p. 9) do Piauí, coexistiam na mesma pessoa o homem da ciência, na figura do médico afeito à filantropia e ao assistencialismo por um lado, e igualmente o prefeito investido no posto de administrador municipal de outro. Esta última característica, inclusive foi utilizada também para se referir ao interventor Leônidas Melo, como o político administrador do estado piauiense.

Essa visão sobre a localidade e sobre a administração de seu governante pode ser vista também no texto “Uma cidade e um rio” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 115), do já mencionado escritor Berilo Neves. Nessa colaboração para o *Almanaque*, Neves exalta o Rio Parnaíba, e chega a expressar suas reminiscências sobre o mesmo. Em seguida, ele direciona seus louvores à cidade de mesmo nome, e também a Mirócles, o homem que a conduz. É nesse sentido, que para o intelectual piauiense:

A cidade magnífica não é, apenas, um formigueiro que trabalha: é um rosal que floresce. O deus Mercúrio não monopolizou o culto deste povo bem fadado dos deuses; também, Minerva tem o seu altar e recebe o seu grão de incenso... A escola, o hospital, a igreja, aqui, são dos melhores e mais ricos do Estado. O professor, o médico e o padre trabalham, aqui, de mãos dadas - uns polindo a inteligência; outros, amparando a saúde; outros, cuidando e esclarecendo a alma. Dirigida por um médico, Parnaíba cheira a lençóis limpos e a sabonete “Mirurgia” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 119).

A simbólica concepção de Neves, sobre o fato de a cidade ser “dirigida por um médico”, nos remete às principais características de Vêras como homem público da sociedade parnaibana, o médico gestor capaz de promover a esterilização da cidade, ao “limpá-la” por meio de suas obras de assistência e de melhoramentos urbanos⁴³, expurgando tudo o que o impedisse de manter a cidade sã. De acordo com esse ponto de vista, como consequência da operosidade do político, a segunda maior cidade do estado se desenvolvia cada vez mais, pelas mãos habilidosas de seu condutor.

⁴³ Em relação às obras públicas promovidas pela gestão de Vêras em Parnaíba, o periódico menciona que: “Homem de espírito, de sensibilidade artística, ele conseguiu, também, embelezar a cidade. Provam a afirmativa, o Jardim Landri Sales, o mais lindo do Estado, o Jardim Humberto de Campos, e a continuação da Praça de Santo Antonio, onde haverá, futuramente, um Parque Infantil. E foi, ainda, sob sua administração que se instalaram os primeiros Telefones nesta cidade. E o nosso Centro Telefônico representa, sem dúvida, uma valiosíssima aquisição do município” (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 109).

Em outra colaboração de Berilo Neves para o *Almanaque*, ao lembrar a Parnaíba de sua infância, este afirma que “As ruas eram irregulares - como o destino dos homens. Havia calçadas largas, que desfechavam, de súbito, em declives perigosos e incertos” (*Almanaque da Parnaíba*, 1942, p. 123). Essa cidade sem rumo, porém, teria se transformado, já que:

Da Parnaíba modesta da minha infância o Trabalho e o Tempo fizeram uma grande e formosa cidade. Ademar Neves, Nestor e Mirócles Veras pontilharam-na de jardins, calçaram-na de pedra, enrouparam-na à moderna, com todos os mimos da indumentária urbanística dos nossos dias. O milagre da cêra transformou-a, dando-lhe não vulgar opulência (*Almanaque da Parnaíba*, 1942, p. 125).

Nessa formulação discursiva, a cidade e seus habitantes deixaram de ser “sem destino”. Isso só foi possível pela intervenção de certas figuras, a exemplo do ex-intendente municipal Nestor Gomes Vêras, e do ex-prefeito Ademar Neves. Mirócles Vêras não ficou à margem das análises de Berilo Neves, já que foi alçado à categoria de incansável político, sempre a trabalhar pelas demandas que trariam o progresso e o desenvolvimento para a cidade. Essas características voltadas para o trabalho e para a condução dos destinos da urbe conferidas a Vêras podem ser associadas ao projeto estadonovista de chefia. Isso pode ser percebido no seguinte excerto de sua síntese biográfica reproduzida pelo *Almanaque*:

Como prefeito da cidade, ele foi, e está sendo, um realizador. Procurou resolver, está resolvendo, todos os problemas da administração municipal. Age conjuntamente com o Governo, estudando, em primeiro lugar, a posição do orçamento do município no mecanismo da economia do Estado. Antes de tudo, portanto, o equilíbrio financeiro. Trabalhar pelo bem do povo - é a sua divisa (*Almanaque da Parnaíba*, 1940, p. 109).

Para agir em prol dos interesses da cidade e também para conseguir conservar-se no poder, era de suma importância Vêras estar alinhado aos valores emanados pela presidência de Getúlio Vargas a nível nacional, e a interventoria de Leônidas Melo em nível regional para “agir em conjunto com o governo”, conforme foi colocado pela publicação. Para poder demonstrar esse alinhamento existente entre os poderes estadual e municipal de maneira mais incisiva, o anuário não se limitou ao texto citado acima, e divulgou para seus leitores a fotografia abaixo:

Figura 10 - Mirócles Vêras e Leônidas Melo no aeroporto de Parnaíba



Fonte: Almanaque da Parnaíba (PI), Ano XVII, 1940.

A fotomontagem registra o momento da chegada de Leônidas Melo ao aeroporto de Parnaíba, antes de seguir para um congresso de interventores realizado no Rio de Janeiro. Na imagem podemos ver o momento do desembarque de Melo e de sua esposa no avião da Condor, bem como o anúncio de sua partida para a capital federal em razão do importante evento. Assim que pisaram em solo parnaibano, foram recebidos de maneira cordial na cidade por Mirócles Vêras, segundo as informações publicadas pelo periódico:

Afim, de tomar parte no Congresso dos Interventores, no Rio de Janeiro, transitou, em outubro último, pelo nosso Aeroporto, o Dr. Leonidas Melo, digníssimo Interventor Federal neste Estado. S. Excia. recebeu de seus amigos e admiradores brilhante manifestação. No clichê acima, vê-se o Dr. Leonidas Melo e sua excelentíssima esposa descendo do avião, e no momento de abraçar o Dr. Mirócles Vêras, Prefeito de Parnaíba (Almanaque da Parnaíba, 1940, p. 255).

Podemos então observar o encontro dos dois maiores líderes piauienses, de acordo com os periódicos do momento. Essa reunião de Melo e Vêras foi marcada por um tom harmonioso entre os poderes. O anuário procurou demonstrar uma afabilidade entre eles na imagem e igualmente na legenda, ao mencionar o abraço que o interventor federal teria dado no prefeito. Segundo essa lógica, por meio da união dos poderes de ambos os chefes, a cidade e o estado estariam em boas mãos, através de um trabalho feito em conjunto.

Desta feita, eles não poderiam deixar de lado as diretivas do governo central, visto que dependiam dela para permanecerem em seus mandatos. A construção da chefia de Leônidas e de Mirócles foi atravessada e inspirada pela liderança de Vargas, colocada em prática no país principalmente durante o Estado Novo.

Em suma, em Parnaíba, além dos discursos sobre a chefia do presidente, do interventor e do prefeito noticiados pelo *Almanaque da Parnaíba*, vemos essa construção tomar forma em *O Livro do Centenário de Parnaíba*, obra na qual se formulou uma escala de hierarquia envolvendo os três homens marcados pelos atributos de chefia, conforme os seus respectivos cargos políticos.

3.3 A cidade que progride e trabalha: *O Livro do Centenário de Parnaíba* e a formulação da chefia em escalas

Em 1944, Parnaíba completou cem anos de elevação à categoria de cidade. Para cumprir o intento de celebrar esse marco histórico para a localidade, a gestão do prefeito municipal Mirócles de Campos Vêras organizou diversas comissões para o planejamento das festividades cívicas. No dia de natal, em vinte cinco de dezembro, tiveram início as comemorações, que perduraram até o dia trinta e um, totalizando, portanto, sete dias das mais variadas solenidades.

A divulgação do centenário parnaibano não ficou circunscrita aos limites da cidade, e muito menos ao estado do Piauí. O já mencionado jornal carioca *A Noite*, publicou a seguinte nota sobre a ocasião:

Parnaíba, o maior centro comercial do Estado e uma das mais prósperas cidades comerciais do Norte, vai comemorar, no próximo dia 25, o primeiro centenário de sua elevação à cidade. Um programa de celebrações culturais foi organizado pelas figuras de maior relevo da cidade, tendo à frente o Dr. Mirócles Santos Vêras, prefeito Municipal. De 25 a 31 do corrente se realizarão os festejos, para os quais acabam de ser convidados piauienses ilustres, residentes no Rio e em outros lugares do país. Na recente revisão porque passaram os topônimos de todo o Brasil foi conservado o nome de Parnaíba a histórica cidade, cuja evolução faz honra ao povo piauiense (*A Noite*, 1944. p. 19).

Para além do jornal com sede no Rio de Janeiro, às contribuições de Mirócles Vêras para a execução das festas em prol do município também podem ser observadas na obra intitulada *O Livro do Centenário de Parnaíba*, lançada ao público no ano seguinte, em 1945. Sua autoria é assinada por Benedito dos Santos Lima, o já apresentado fundador e primeiro

editor do *Almanaque da Parnaíba*, e por Benedicto Jonas Correia, professor e membro de uma das famílias mais ilustres da região.

Como anunciado pelo *A Noite*, as festividades tiveram início na supracitada data. A programação completa foi publicada na edição comemorativa e em seu primeiro dia, ocorreram os eventos abaixo elencados:

Hora Zero - Missa campal na Praça da Graça, cantada por um câro de duzentas vozes, sob a regência do Revmo. Padre Davi Augusto Moreira.

9 horas - Sessão solene no Cine Teatro Eden, alusiva à data, presidida pelo Sr. Dr. Mirócles Campos Vêras, Prefeito Municipal, sendo oradores: Monsenhor Roberto Lopes, Celso Augusto de Moura Nunes, Alarico José da Cunha, Benedicto Jonas Correia, Maria da Conceição Campos Silveira, Rossini Couto, Barnabé Felix de Brito, Tomaz Catunda e R. Fonseca Mendes.

16 horas - Grande partida de Futebol no Campo da Casa Inglesa, entre Parnaíba e Campo Maior, em disputa da taça Dr. João Almeida, homenagem das classes trabalhistas.

18 horas - Recepção do Exmo. Sr. Interventor Federal e de sua ilustre comitiva, na gare da F.F. São Luiz-Teresina.

20 horas - Entrega de certificados aos alunos do Ginásio Parnaibano, no Cine-Teatro Eden, e de prêmios oferecidos pelo Revmo. Padre Aureo José Ramos de Oliveira aos alunos das Séries. Discursos do professor João Batista Campos e dos concludentes Camilo Lelis Mota Lima e Teresinha Rodrigues Sales.

21 horas - Baile no Edifício Miranda Osório, promovido pelos concludentes do Ginásio Parnaibano.

21 horas - Baile público na Praça Sto. Antonio (Correia; Lima, 1940, p. 350).

Por ser o prefeito municipal, Vêras presidiu a primeira sessão solene no Cine Teatro Eden. Nessas cerimônias e celebrações de 1944, o político parnaibano foi sacramentado como líder da localidade, de acordo com a perspectiva de Correia e Lima (1945). Essas festividades contaram ainda com a participação de autoridades de outros lugares, como Leônidas de Castro Melo, que também participou das comemorações. Todas as solenidades realizadas para comemorar os cem anos da emancipação parnaibana, foram transmitidas pela Rádio Educadora (Correia; Lima, 1945), o que transmite a ideia de sua difusão nos lares da cidade, posto que, aqueles que não puderam comparecer e participar das programações compartilharam desse momento, mesmo que fosse à distância, via rádio.

O *Livro do Centenário de Parnaíba* foi pensado para homenagear o significativo momento de aniversário da cidade. Carregado de simbólicas nuances para se refletir sobre a chefia política construída na urbe, ele consiste em um amplo estudo sobre a região. Seu conteúdo versa sobre diversos aspectos: históricos, estatísticos, sociais e corográficos. Sobre este último elemento, se pode compreender “uma série de informações com a constante pretensão de esgotar todos os âmbitos da vida social, política, econômica, cultural e administrativa da cidade em sua extensão” (Pereira; Botton, 2021, p. 143).

No prefácio escrito por Correia em janeiro de 1945, é dito que o livro, escrito e impresso no período de quatro meses, corresponde a uma singela homenagem à sua querida terra natal. O autor faz questão de ressaltar a importância da cidade para o Piauí “A sua influência na vida do Estado, se nunca foi decisiva, foi, sempre, grande. Cidade que se agita, que progride, que vive. Merece, porisso, um livro” (Correia; Lima, 1945, p. 15) em razão de sua rica história, que merecia ser divulgada e enaltecida para os seus habitantes. Logo, *o Livro do Centenário de Parnaíba*, segue um tom apologético.

Nesse sentido, Correia aponta ainda, que apesar da simplicidade do estudo, seria a primeira vez que a história da cidade estaria sistematizada em um livro, visto que segundo ele “Penso, porém, seja êste livro o primeiro sistematizado que ainda se publicou sobre Parnaíba” (Correia; Lima 1945, p. 15), o que torna a publicação uma fonte relevante para se compreender essa história parnaibana construída pelos escritores. Dessa forma:

Obviamente trata-se de um intento ingênuo (no caso de acreditar ser possível totalizar uma realidade em um livro) ou nefasto (no caso de acreditar que aquela realidade era a única que merecia ser retratada e legada à posteridade. De uma forma ou de outra, é importante compreender essa obra como um espelho, não a refletir a sociedade da época mas a refletir o pensamento dessa elite intelectual acerca da sociedade da época (Pereira; Botton, 2021, p. 144).

A partir da explicação realizada por Correia, se faz necessário sublinhar qual o tipo de narrativa histórica é apresentada no livro. De maneira parecida ao que aconteceu com o *Almanaque* (e não por acaso ambas as publicações compartilham do mesmo autor, ou seja, Benedito dos Santos Lima), essa edição comemorativa corresponde a uma história da elite comercial e política contada por ela mesma aos habitantes da cidade, posto que como já observamos, era recorrente o discurso em defesa do progresso, e de como esse desenvolvimento era atribuído às classes sociais mais altas.

A elite parnaibana se autoproclamava a partir da ideia de uma sociedade que comungava dos novos sentidos do trabalho. Os homens pertencentes às classes mais altas são tratados na edição comemorativa com respeito e admiração por suas obras, fossem elas no comércio, nas letras, na advocacia, na medicina, ou na assistência social, sendo exemplos de inteligência, brilhantismo e honradez para toda a população, motivo este que os tornavam cidadãos dignos. Por isso, tal raciocínio considerava esses indivíduos como aptos a fazerem parte da narrativa histórica sobre a localidade de forma indelével, e os alçou ao panteão dos parnaibanos tidos como ilustres.

Essa leitura sobre a cidade acarretou uma obliteração das classes mais baixas do lugar na obra comemorativa, sendo apresentadas somente a partir da ótica do assistencialismo, ou

seja, indivíduos assistidos pelas figuras mais poderosas, especialmente pelo prefeito Mirócles Vêras⁴⁴. Um exemplo disso é a apresentação do Lactário Suzanne Jacob, fundado com a intenção de “amparar, pela higiene completa e alimentação adequada e sadia, a infância pobre do Município de Parnaíba” (Correia; Lima. 1945, p. 154).

Outra importante característica para se compreender o posicionamento editorial assumido pela publicação do centenário, aparece quando são revelados os nomes das pessoas que possibilitaram a concretização dessa edição comemorativa financeiramente. Esse ponto fundamental da obra foi esclarecido ao final do já mencionado prefácio de Benedicto Jonas Correia:

Finalmente, tenho a satisfação de salientar e agradecer a colaboração e cooperação do Dr. Leônidas Melo, ilustre Interventor Federal no Piauí, do Dr. Mirócles Campos Vêras, digno Prefeito Municipal de Parnaíba, e dos Srs. José de Moraes Correia e José de Mendonça Clark, respectivamente, Presidente e Vice-Presidente da Associação Comercial de Parnaíba. Foram, todos, desde o primeiro instante, quando lhes mostramos o plano geral do trabalho, inextinguíveis de dedicação e entusiasmo. O Estado e a Prefeitura pagaram a impressão deste livro, o qual, sem Leonidas Melo e Mirócles Vêras, certo, não existiria (Correia, 1945, p. 18).

Os patrocinadores da publicação parnaibana foram o estado do Piauí e a prefeitura municipal de Parnaíba, representados por seus gestores nas figuras de Leônidas de Castro Melo e de Mirócles de Campos Vêras, respectivamente. Em decorrência disso, ambos os políticos ganharam lugar de destaque nas páginas do livro festivo, já que tanto Melo quanto Vêras receberam diversas homenagens, e nesse ínterim, alguns de seus discursos também foram reproduzidos. Dessa maneira, os nomes dos chefes do estado e da cidade, sugerem a ideia de assemelhá-los em nível local aos ideais emanados pela liderança varguista. É dessa forma que:

Além do mais, tendo em vista que a publicação foi lançada no fatídico ano de 1945 que representou simultaneamente o auge e o declínio do Estado Novo brasileiro, podemos ler nessa compilação um tom simultaneamente conciliador e concorrente entre as narrativas das elites regionais com o furor ufanista da discursividade estadonovista ao esbanjar citações de intelectuais como Oliveira Vianna, Gustavo Capanema e o próprio Getúlio Vargas para assim legitimar com chancela nacional as interpretações e estruturas locais das relações de poderes (Pereira; Botton, 2021, p. 144).

No entanto, antes de exibir discursos de cunho laudatório voltados para os líderes piauienses, *O Livro do Centenário de Parnaíba* direciona sua primeira grande exaltação para

⁴⁴ Para um melhor aprofundamento sobre as classes marginalizadas presentes em Parnaíba durante a primeira metade do século XX, sugerimos a pesquisa de Josenias dos Santos Silva: *Parnaíba e o avesso da belle-époque: cotidiano e pobreza (1930 -1950)* (2012).

ninguém mais do que o presidente Getúlio Vargas, fabricando uma construção de poder que pode ser compreendida a partir de um jogo de escalas. Vargas foi o primeiro a ser agraciado por simbolizar de forma personalíssima o líder máximo nacional na “Homenagem ao Chefe da Nação Dr. Getúlio Dornelles Vargas” (Correia; Lima, 1945, p. 19), esse tributo feito ao político gaúcho abre a publicação, que endossa os discursos propalados na esfera nacional para se referir ao chefe do executivo:

A vida política do Presidente Vargas é, tôda ela, extraordinariamente brilhante. Deputado à Assembléia do Rio Grande, Deputado Federal, Ministro, Presidente de Estado, Chefe da Nação. Em todos êsses altos postos, êle soube conservar-se à altura dos acontecimentos, vendo e sentindo, acima de tudo, a unidade brasileira.

Foi o Chefe da “Aliança Liberal”, movimento popular que o elevou à suprema magistratura do país, em novembro de 1930. Até 1934, foi o Chefe do Govêrno Provisório, e, voltando o Brasil ao regime constitucional, foi eleito Presidente da República.

A 10 de Novembro de 1937, institui o Estado Nacional, dando ao país uma Constituição capaz de o salvar das perturbações extremistas: comunismo e integralismo.

Nos lares pobres, nas oficinas, nas fábricas, nas escolas, e até nos campos de guerra da Itália, o nome do Presidente Vargas é símbolo de confiança no destino do Brasil (Correia; Lima, 1945, p. 20).

Nessa parte podemos analisar uma sumária biografia da vida do presidente. São abordados acontecimentos que vão desde o seu nascimento, além de breves marcadores de sua vida profissional. No encadeamento dos fatos que compõem sua trajetória, ele é sempre tratado pelo ângulo do homem de ostensiva inteligência e personalidade extraordinária, a exemplo de ter sido “O Chefe da Aliança Liberal”, ou estar “à frente da deflagração do Estado Novo”. Por isso ninguém melhor do que ele para segurar as rédeas do Brasil na cadeira presidencial.

Essa forma de deferência feita ao presidente Vargas, aliás, pode ser observada no capítulo que trata sobre a organização do trabalho, pauta cara ao livro, posto que os autores seguiram pelo discurso de apresentar Parnaíba pelo viés de uma cidade operosa. Iniciado por uma epígrafe de Oliveira Vianna sobre os benefícios do labor para a vida do homem, o livro discute as ações tomadas pelo governo nessa seara:

Vitoriosa a revolução de 1930, o Presidente Getúlio Vargas, como Chefe do movimento triunfante, assumiu a suprema direção do País. Ali estava o homem talhado para uma situação renovadora. Não se manteve inerte, desde o primeiro momento, mas com a visão precisa da situação, procurou, sem tardança, restabelecer a ordem e o ritmo natural da vida brasileira.

Em seguida, dando cumprimento às promessas feitas à Nação, na sua memorável plataforma de Govêrno, iniciou suas atividades construtivas pelo triângulo - trabalho, educação e saúde, para cuja cabal realização criou dois novos ministérios.

Decorridos, hoje, catorze anos, o país testemunha, sente e aufere os salutareos proventos decorrentes das atividades do Ministério da Educação e Saúde e do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

No setor do trabalho, tais foram as providências postas por obra, no sentido do amparo do proletariado brasileiro, como no da harmonia entre empregados e empregadores, que, depois das tentativas fracassadas de novembro de 1935 e maio de 1938, a vida nacional vem se desenvolvendo num ambiente de segurança, de ordem e de realizações (Correia; Lima, 1945, p. 240).

Após a primeira homenagem feita ao presidente, o livro comemorativo segue sua hierarquia iniciada com o chefe do governo central. Por essa lógica, o próximo a ser homenageado se trata de Leônidas de Castro Melo, um dos financiadores da publicação. Melo é alçado ao posto de chefe do estado piauiense, sendo por isso o líder em nível regional. De acordo com a obra parnaibana:

Como um sincero, justo e merecido preito de homenagem ao ilustre e culto piauiense que há dez anos vem, com brilhantismo e elevada visão administrativa, num ambiente de honradez e largos traços de progresso para a cousa pública em todos os seus âmbitos, notadamente quanto ao levantamento das finanças do Estado e dos Municípios, com registro de grandes empreendimentos, à frente dos destinos de nosso Estado, o Livro do Centenário de Parnaíba faz, destacadamente, a ligeira, mas mui expressiva biografia de S. Excia. o Sr. Interventor Federal no Estado. Dr. Leônidas de Castro Melo, que se segue (Correia; Lima, 1945, p. 21).

Podemos observar que antes de iniciar a breve biografia de Melo, como foi o caso da homenagem feita a Getúlio Vargas, primeiramente a obra de Correia e Lima (1945) saúda o piauiense por sua capacidade administrativa ao comandar “os destinos” de seu estado natal durante uma década ininterrupta. O livro, então, dá continuidade a esse discurso, ao destacar algumas das realizações do interventor federal na região, como a fundação do Hospital Getúlio Vargas em Teresina, o aumento das matrículas de estudantes no ensino primário e a construção de estradas cujas rotas conectavam várias cidades à capital.

Esse tipo de registro panegírico escrito para se referir à personalidade de Leônidas Melo, é similar ao que foi divulgado nos periódicos piauienses já analisados. De forma frequente essas publicações engrandeciam e potencializavam suas habilidades de líder do Piauí. Essa concepção vem acompanhada da ideia de que sua permanência na função de administrador da região deveria ser mantida, em virtude de ser o homem mais habilitado do estado para isso.

Além dessa exaltação ao interventor, é registrada a participação do mesmo nas festividades do centenário, especificamente na inauguração de um monumento levantado na Praça Santo Antônio, erigido para marcar as comemorações. A fala do político foi direcionada à população parnaibana, e é reproduzida na obra. Melo traz à luz a importância do trabalho

para o desenvolvimento da cidade, e chega a dizer que Parnaíba possui “o amor ao trabalho ininterrupto, que cria a riqueza particular mas cria também a riqueza do Estado e da Nação” (Correia; Lima, 1945, 29), equiparando a localidade ao que estava sendo discutido na esfera nacional, ao replicar esse tipo de discurso.

O político piauiense, em sua oração em frente ao monumento, deu continuidade a essa perspectiva de procurar igualar a cidade e seus cidadãos ao ideário nacional estadonovista em voga no momento. Foi dessa maneira, que o interventor federal deu continuidade ao seu discurso sublinhando que:

Mas o mérito, o grande mérito do homem parnaibano, não está apenas em trabalhar; é que sabe fazer do seu trabalho uma fôrça inteligente e disciplinada, orientada no sentido do bem público, do bem coletivo. É o trabalho conscientemente patriótico, inspirado no amor ao Brasil.

E assim, meus senhores, o grande patrimônio moral, estruturado de civismo e de labor incansável, que recebestes de vossos antepassados não vos limitantes a conservá-lo porque, numa incontestável prova de mérito, numa insofismável manifestação de valor próprio, vós o ampliastes multiplicadamente. Fizestes de Parnaíba um protesto eloquente aos que procuram diminuir o valor do homem piauiense.

Olhando a vossa cidade, observando-a e sentindo-a, eu não tenho dúvidas de que está nela própria, nas suas ruas e praças bem cuidadas, nos seus prédios públicos como particulares, nos seus escritórios e casas comerciais, nos seus colégios imponentes, nas suas igrejas, a mais pujante manifestação da cultura, da fé, da capacidade da sua gente e dos seus governos.

Parnaíba é um exemplo, não apenas aos piauienses, mas a todos os brasileiros (Correia; Lima, 1945, p. 29-30).

Por todo o seu empenho e senso de civismo, a cidade deveria transcender as fronteiras geográficas regionais, ao servir de exemplo de conduta para todo o país por seu trabalho disciplinado, motivado pelo “amor ao Brasil”. Leônidas Melo demonstra ainda a sintonia parnaibana junto ao ideário estadonovista, ao parabenizar as agremiações da cidade por sua “mentalidade e respeito ao Poder Constituído” (Correia; Lima, 1945, p. 30), sinalizando que os habitantes da urbe confiavam no governo do presidente Vargas, em sua administração e na administração de Mirócles Vêras. Segundo essa interpretação, esses cidadãos estariam cooperando com as ações tomadas pelos líderes políticos que se encontravam no poder em razão de sua desenvolvida consciência patriótica.

Dando prosseguimento ao seu discurso, o interventor tece comentários de estima para o prefeito municipal de Parnaíba, ao adentrar na temática relativa à atuação de Mirócles como gestor local. Antes de tudo, Melo atribuiu ao destino a chegada e permanência ao poder dele próprio e do prefeito Vêras. A partir disso, entende-se que ambos comporiam o seletivo grupo dos homens escolhidos, ou seja, aqueles indivíduos predestinados a ocupar seus lugares de poder e chefia.

Nessa esteira, ao expressar palavras de admiração, Melo evoca não somente as características de homem político pertencentes à pessoa de Vêras. Assim, afirma seu apreço pelo homem que sabe valorizar o lugar em que nasceu. Dessa forma:

Ninguém, por certo, lhe poderá negar o mérito da obra aqui realizada; e não me refiro somente a obra material, vultosa, com que embelezou a cidade e enriqueceu o patrimônio do município. Maior que as realizações materiais é a obra de sentido cultural, marchando de par com a obra de assistência social. Se demorardes vossa atenção no exame das realizações do vosso governante e na análise serena da sua personalidade, de pronto concluireis que o Dr. Mirócles Vêras não tem sido apenas homem público, administrador. É também o filho ilustre que ama e honra a sua terra e a sua gente, às quais tem dedicado o melhor de suas energias, e pelas quais tem nobremente sacrificado muitas vezes o bem estar pessoal e até a tranquilidade do lar e da família (Correia; Lima, 1945, p. 31).

Nessa toada, Melo apresenta o prefeito pelo ponto de vista do político que sabe trabalhar em prol das obras de caráter material e pela assistência aos mais necessitados, a exemplo dos discursos disseminados pelo *Almanaque da Parnaíba*. Depois de exaltar a personalidade de Mirócles Vêras, o congratulando por sua boa performance de homem público e de cidadão parnaibano, Leônidas Melo não deixaria de manifestar seu apreço e gratidão ao Presidente Vargas.

Leônidas parte do princípio de que os últimos cem anos da cidade correspondeu a um período marcado por profundo dinamismo. Apesar disso, consoante o político piauiense “reparai que nos últimos quinze anos o ritmo de progresso se acelerou e o esforço do homem frutificou em benefícios maiores” (Correia; Lima, 1945, p. 32). É perceptível a tentativa do interventor de conferir ao governo de Getúlio um dos principais motivos (se não o principal), da aceleração do progresso econômico da cidade. Melo diz aos seus ouvintes que esse fato não diz respeito a uma simples questão de coincidência, mas:

É, ao contrário, o resultado lógico da mudança de ambiente nacional. É o resultado lógico dos novos rumos traçados à Nação. É o resultado da destruição dos velhos males da política nacional. É a objetivação dos ideais revolucionários de 1930. É em suma, senhores, o resultado da política sábia e clarividente do grande Presidente Getúlio Vargas, que dotando a Nação de um regime político capaz de resguardar a ordem pública e administrativa, conseguiu coordenar, em benefício do País, a ação dos governos ao trabalho de todos os cidadãos. E graças a isso o Brasil progride, o Brasil prospera do extremo Norte ao extremo Sul. Cria-se assim a todos o dever de cerrar fileiras em torno a êsse homem extraordinário - o guia seguro e estadista admirável que até hoje melhor compreendeu os grandes anseios do povo brasileiro (Correia; Lima, 1945, p. 33).

O prestigiado fausto parnaibano, portanto, foi impulsionado pelas iniciativas tomadas pelo novo governo que o presidente implantou no país. De acordo com esse ponto de vista, Vargas deixou para trás todo o atraso que impediu qualquer forma de desenvolvimento

contido na Primeira República. Em razão disso, o interventor ainda insufla a população local a render “homenagem do nosso mais alto respeito” (Correia; Lima, 1945, p. 33), a esse homem incomparável, que além de instaurar a ordem, conseguiu sabiamente administrar Brasil com seu pulso firme de líder.

A figura de Vargas é invocada pelo interventor no momento de finalização de seu discurso, uma atitude que se fazia necessária para uma celebração de cunho oficial ocorrida durante o governo autoritário, como foram as festividades dos cem anos de emancipação da cidade. À vista disso, falas como a de Melo, tinham a utilidade de realizar não só a propaganda do poder constituído, mas visavam ratificar e fazer a devida manutenção desse mesmo poder político para os cidadãos.

Melo exerceu seu papel de representante do governo central em território parnaibano, e colocou em evidência as qualificações que formavam a liderança de Getúlio Vargas. Para cumprir esse intento de ressaltar as características de chefia do presidente, ele salienta em seu discurso determinadas marcas de distinção do chefe do executivo: “homem extraordinário”, “guia seguro”, “estadista admirável”. Leônidas fundamentou sua fala a partir da lógica “delineada com base em atributos em altamente positivos que o transformavam num ser especial, predestinado para a missão redentora que o seu tempo lhe reservara” (Capelato, 2009, p. 279).

No momento final de sua exposição, Leônidas Melo sinaliza que as festas relativas ao centenário foram disseminadas por todo o estado devido à importância de Parnaíba para o Piauí. O interventor revela ainda seu desejo em forma de prece, ao dizer que a cidade “continue a ser um exemplo de trabalho e motivo de orgulho a todos os brasileiros” (Correia; Lima, 1945, p. 34).

Desta feita, ao retomarmos as homenagens tecidas na abertura de *O Livro do Centenário de Parnaíba*, podemos observar que o terceiro e último líder a ser exaltado, após as figuras do presidente Vargas e do interventor Leônidas, se trata do prefeito municipal Mirócles de Campos Vêras. Nessa última exaltação, a obra teceu sua “Homenagem ao Chefe do Município Dr. Mirócles Campos Vêras” (Correia; Lima, 1945, p. 25), constituindo, portanto, uma espécie de “tríade da liderança” (Pereira; Botton, 2021), pois foi estabelecida uma conexão de hierarquia que mobilizou os poderes das esferas nacional, regional e local, em que cada uma delas detinha seu líder político. Não obstante, Leônidas Melo e Mirócles Vêras deveriam por obrigação obedecer e seguir as diretrizes emanadas pelo líder máximo Getúlio Dornelles Vargas. Logo:

Nesse sentido podemos compreender que o conceito de chefia e sua aplicação prática, dependia da recepção e retransmissão dos discursos nacionais por políticos piauienses e parnaibanos, por outra perspectiva, adscrever-se no interior dessa lógica de poder era exatamente qualificar-se enquanto chefe e enquanto homem capacitado a reger os destinos de sua população, na esteira do que Getúlio Vargas faz na presidência da república (Pereira; Botton, 2021, p. 143).

Dessa forma, ao sintetizar a trajetória de Véras para divulgar seus traços biográficos durante a mencionada homenagem, Correia e Lima mantiveram a perspectiva de fabricá-lo pelo prisma do médico benemerente, que dedicou grande parte de seu tempo e energia ao amparo da classe mais pobre. Isso fica perceptível ao público quando os autores se referem a algumas ações de Mirócles enquanto prefeito municipal:

Concretizando sua aspiração de homem humanitário, fundou, aqui, uma Maternidade. A esta deu a denominação de - Dr. Marques Basto - prestando, assim, merecida homenagem ao velho mestre, ao colega e ao amigo. Foi também, um dos fundadores do Ginásio Parnaibano, tendo, ali, lecionado ciências físicas e naturais. Prefeito de Parnaíba duas vezes, sempre procurou resolver os problemas da administração municipal. Amigo e colega de Leônidas Melo, eminente Interventor Federal no Piauí, conta, por êsse motivo, com o apoio estadual, o que possibilita realizar plenamente seu vasto plano de administração. (Correia; Lima, 1945, p. 26)

Nesse sentido, de acordo com o discurso dos autores, o prefeito de Parnaíba corresponde a uma “Figura de reconhecida projeção na política piauiense e cidadão de real prestígio na nossa sociedade, Mirócles Véras representa, hoje, no Piauí, um dos valores morais e intelectuais mais expressivos e legítimos” (Correia; Lima, 1945, p. 26), sendo o exemplo de cidadão ilustre. Por essa lógica, a figura de Véras atendia aos ideais estadonovistas em Parnaíba.

Na homenagem feita pelo livro, Véras permanece retratado pelo olhar do profissional modelo, o competente médico dotado de humanidade em seus trabalhos de assistência. Por conseguinte, para conseguir realizar de forma efetiva o seu trabalho de administrar a cidade, os autores destacaram sua proximidade com Leônidas Véras, se referindo ao alinhamento de ambos os políticos como uma forma de “amizade”, fato que de certa maneira facilitaria as iniciativas de Véras em benefício do município.

Os autores, inclusive, ao fazerem uma apresentação da administração de Mirócles Véras à frente da prefeitura municipal, elencam as principais particularidades de seu governo, e chegam a afirmar que:

O estudo imparcial e objetivo da administração do Dr. Mirócles de Campos Véras, em Parnaíba, revela, de logo, três características fundamentais da ação construtiva que lhe norteia o govêrno municipal: economia rigorosa, de modo a contrabalançar, perfeitamente, a receita e a despêsa; a assistência às classes pobres do município; e o

apoio integral à iniciativa particular, de maneira a incentivar o esforço do povo, aliando-o ao esforço da administração (Correia; Lima, 1945, p. 292).

Chama atenção o fato dos autores nomearem a apresentação sobre os principais aspectos que sustentavam a gestão de Mirócles de “estudo imparcial”, dando a entender aos leitores a ideia de que a análise corresponderia a algo isento, sendo assim um exame justo sobre a administração do prefeito. Essa perspectiva sustentada por Correia e Lima está alicerçada no método histórico utilizado pelos historiadores do século XIX, no qual a pesquisa em história era produzida a partir da análise fundamentada nos documentos considerados oficiais. Destarte, acreditava-se até então que somente nessa espécie de fonte poderia ser encontrada a verdadeira face dos acontecimentos pretéritos de determinada época, cabendo ao pesquisador, portanto, somente deixar os arquivos falarem por si só após revelar o seu conteúdo para o mundo (White, 1992).

Nesse prisma, a história era autoexplicativa, e já estaria posta, cabendo ao historiador ser alguém imparcial, a exemplo do que foi evidenciado pelos autores da obra. Porém, cabe ressaltar que Vêras era um dos patrocinadores do livro, além de um político alinhado ao autoritário governo central, logo, apreendemos que esse tipo de análise referida pelos autores não seria uma ação possível de ser realizada.

Além disso, de maneira similar ao que ocorreu com o discurso pronunciado pelo interventor federal, Vêras também teve sua fala proferida durante a inauguração do monumento em honra ao centenário, erigido na Praça Santo Antônio, impressa na obra comemorativa. Primeiramente, o prefeito municipal expressa sua gratidão aos indivíduos que “num século de trabalho e dedicado patriotismo, fizeram da modesta vila de S. João da Parnaíba a próspera, rica e culta cidade de hoje” (Correia; Lima, 1945, p. 34). Em conformidade com o pensamento de Vêras, a construção desse monumento seria não só uma simples homenagem, mas corresponderia ao cumprimento de um importante dever em relação às pessoas que se esforçaram por meio de incessante trabalho e dedicação para o florescimento da urbe desde muito antes de sua elevação à categoria de cidade. Por isso, conforme Mirócles:

A risonha cidade ribeirinha do interior piauiense pôde atingir o nível de adiantamento que hoje desfruta, aplaudida por todos que a conhecem em ritmo constante e firme graças à inteligência de seus filhos operosos e honestos sempre devotados aos mais elevados interesses da terra querida, num trabalho árduo e contínuo de quem cumpre indeclinável dever cívico de engrandecê-la para servir à Pátria (Correia; Lima, 1945, p. 34).

Véras desenvolveu seu discurso voltando-se principalmente para alguns aspectos da história da cidade, destacando para seus ouvintes o fato de que “Desde os primeiros dias de sua vida política trouxe ela a predestinação de arrojadas iniciativas” (Correia; Lima, 1945, p. 34). Isso só teria sido concretizado por intermédio da ação de homens heroicos, destemidos e varonis, a exemplo da lendária figura de Simplício Dias da Silva⁴⁵, lembrada pelo prefeito em sua oração. O político sublinha que um distinto grupo de indivíduos, se propôs a agir, através do trabalho para o bem dos “interesses da terra querida”.

Acreditamos que a abordagem de Mirócles corresponde à busca da gênese parnaibana, constituída pela narrativa de um passado feito de glórias. Tal visão, inclusive, está em concordância com a visão de Correia e Lima utilizada para compor a obra comemorativa. Por se tratar das celebrações dos cem anos de emancipação política do município, era preciso regressar de modo mais longínquo no tempo. Véras, portanto, recorreu à história iniciada na época da Vila de São João da Parnaíba, com o objetivo de lembrar a transformação dessa mesma vila em cidade, e sua latente vocação para progresso econômico e social.

Esse passado defendido pelo político é então desvelado para seus conterrâneos, e está em conformidade com a intenção de explicar didaticamente para a população os motivos que levaram a localidade a alcançar o seu presente imbuído de pujança. Para a narrativa elitista de Véras:

Parnaíba despertou para vida política acalentada por um sonho de glórias!
E seus filhos mantêm, por um sentimento interior de honra, as gloriosas tradições,
herdadas de seus maiores, reafirmando através dos tempos o seu pendor para as
atitudes decisivas e pelas iniciativas grandiosas (Correia; Lima, 1945, p. 36).

O próprio prefeito, como cidadão parnaibano, desempenharia o papel de herdeiro da localidade, ou seja, ocuparia um lugar especial como membro desse grupo formado por pessoas da alta sociedade que prezavam pela conservação da tradição dos antepassados, no que dizia respeito a manter a chama da glória acesa na cidade, atuando como guardiãs. Em suma, é importante ressaltar que o político era originário dessa elite local desde o seu nascimento, por isso seu discurso está em concordância com a classe social dominante da qual sempre fez parte.

⁴⁵ Segundo Rego (2010) Simplício Dias da Silva nasceu na Vila de São João da Parnaíba em 1773, filho do rico comerciante português Domingos Dias da Silva e da escrava Claudina. Silva foi herdeiro dos bens de seu pai. Para saber mais sobre essa figura, recomendamos a leitura do artigo de Miranda e Botton intitulado: *A memória do homem da Parnaíba: heroísmo e virilidade de Simplício Dias nas biografias de José Nelson de Carvalho Pires*. In: NETO, Marcelo de Sousa; ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo (et. Ali.) (Org.). *A história sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita*. Teresina: EdUESPI, 2020.

Após essa primeira explanação, a segunda parte do discurso de Véras tem como alvo Leônidas Melo. Mirócles se dirige a Melo nominalmente, e agradece ao interventor federal do Piauí pela sua presença nas celebrações, o que para ele correspondeu a uma relevante demonstração da estima que Melo nutria pela cidade aniversariante. Véras diz que Leônidas representa um homem “cujo trato lhano e cavalheiresco conquistou inteiramente a admiração e a gratidão dos parnaibanos” (Correia; Lima, 1945, p. 36).

Nesse sentido, as deferências do chefe do executivo municipal ao chefe do executivo estadual continuam. Véras destaca algumas qualidades de Leônidas, como sua bondade e seu senso de justiça, ao passo que este detinha força suficiente para conseguir ter pulso firme, e instaurar a atmosfera de ordem no estado piauiense. À vista de tudo isso, o prefeito aponta que:

O vosso espírito compreensivo, sereno e firme, permitiu realizar nesta porção do território nacional, um governo fecundo de realizações úteis, proveitosas ao povo, dentro de um alto senso de oportunidade, a custa exclusivamente dos próprios recursos financeiros do Estado.

O critério do vosso julgamento, a serenidade da vossa atitude, a generosidade de vosso gesto, a magnanimidade de vosso perdão, postos em prática quando tendes de decidir sobre qualquer ato público, denunciam aquela serenidade nas alturas, de que falava Miguel Couto.

Esse segredo, como disse certo escritor, deriva mais da compreensibilidade do coração humano que do vigor da inteligência.

E é dentro desse ambiente saturado de profundo sentimento humano que estais conduzindo a não do Estado ao porto feliz do seu destino, contornando os parais e evitando as tempestades, certo de que a vossa meta não é a travessia do mar alto, mas a chegada ao porto seguro (Correia; Lima, 1945, p. 37).

Entre os vários comentários glorificantes tecidos por Véras para se referir a Leônidas Melo, o prefeito segue a proposição que enxerga o interventor a partir do indivíduo detentor de um espírito cujas características marcantes seriam a compreensão, a serenidade e a firmeza, a título de exemplo. Por conseguinte, após essas considerações, nos chama a atenção a parte final do discurso proferido pelo prefeito.

Nessa profusão de bons sentimentos, Leônidas, mais uma vez é comparado à imagem do timoneiro, porém, o que torna a comparação mais emblemática nesse momento está relacionado ao fato de que ela foi feita por outro líder político, isto é, Mirócles Véras, que demonstrou com mais veemência seu alinhamento ao governo regional para os seus conterrâneos e para o próprio interventor. Para Véras, Melo estaria empenhado em conduzir os caminhos a serem percorridos pela “não do Estado”.

Isso demonstra o reconhecimento de Mirócles à liderança de Melo, já que Parnaíba, por fazer parte do estado também faria parte da constituição dessa nau metafórica, razão pela

qual devia seguir impreterivelmente na direção a ser apontada pelo interventor. Esse sábio homem mauroisiano usaria todas suas habilidades para desviar das mais violentas tempestades impostas pelo mar revolto. Logo, seria um dever de Véras administrar a cidade segundo as orientações propostas por Leônidas Melo.

No entanto, embora Véras reconheça as qualificações da liderança política de Melo, seu senso administrativo na gestão pública e sua destreza na condução do Piauí, o primeiro finaliza sua fala reportando-se ao presidente Getúlio Vargas, como não poderia deixar de ser nesse momento:

Inspirados nos grandes moldes e nas elevadas finalidades administrativas e políticas do Sr. Presidente Getúlio Vargas, que se impoz perante à Nação, como um exemplo genial de Chefe, em cujo pensamento estão sempre presentes os superiores interesses da Pátria, defendidos dentro de normas inflexíveis, mas serenas, - pudestes atingir a consagração geral dos piauienses, que em toda parte vos recebe, como aqui, com os seus mais frementes aplausos, testemunhando seu aprêço, sua admiração e seu apoio ao cidadão eminente, ao varão ilustre, cuja vida devotada exclusivamente à administração do Estado, entrou para a galeria dos mais conspícuos filhos do Piauí (Correia; Lima, 1945, p. 37).

A sapiência da chefia de Leônidas, portanto, conforme a fala de Véras era inspirada no que era espelhado por Vargas naquele momento. Só o presidente era o autêntico e principal líder do Brasil, ou “um exemplo genial de Chefe”, segundo o discurso do prefeito municipal. A exemplo do homem que comandava a nação, Melo (e por consequência Véras), deveria sempre agir de forma a defender os interesses patrióticos.

Desta feita, neste último momento da presente pesquisa, sustentamos a existência da construção de uma verticalização dos discursos relacionados à liderança atribuída a Leônidas Melo e a Mirócles Véras. Isso contribuiu para formar uma base na qual estavam inseridos os políticos piauienses. Não obstante, o ponto mais alto foi constituído pela figura de Vargas. Era do presidente que emanavam todas as qualificações de chefia fundamentadas pelas teorias que tratavam sobre questões políticas e governamentais. Do gaúcho, também provinham as características a serem encontradas e atingidas pelos homens considerados líderes, segundo os parâmetros definidos por esse tipo de ciência.

Por fim, o Piauí e a cidade de Parnaíba se apropriaram dos ideais contidos nessas teorias amplamente utilizadas como instrumento de dominação e legitimação pelo Estado Novo. Essa apropriação pode ser observada na leitura de determinados periódicos do estado do Piauí. As publicações utilizaram-se de certos simbolismos, propagandas e difusão de discursos capazes de despertar sentimentos em seus leitores. Além disso, hierarquias

específicas foram estrategicamente construídas, com o objetivo de formular à sua maneira quais seriam os homens escolhidos para serem tratados e exaltados como líderes.

Entre esses indivíduos, devido à importância do cargo que ocupavam, destacaram-se o interventor federal Leônidas Melo, retratado pela figura do capacitado administrador e do prefeito Mirócles Vêras, como o médico-político, o indivíduo caridoso que se preocupava, sobretudo com os mais desvalidos, e igualmente pela promoção do desenvolvimento da pujante cidade por ele dirigida.

Porém, ao final do ano de publicação de *O Livro do Centenário de Parnaíba*, em outubro de 1945, Getúlio Vargas foi deposto pelos militares e renunciou ao governo (Capelato, 2017). A partir da queda da força principal, retratada pela imagem do líder da nação, caem junto com ele o líder do estado do Piauí, Leônidas Melo e por consequência o prefeito parnaibano Mirócles Vêras, desfazendo a fabricação da escala hierárquica de poder político e simbólico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se debruçou acerca da construção de lideranças políticas durante os anos de 1937 a 1945 através do discurso periodístico. Dessa forma, argumentamos que os estudos envolvendo a temática da liderança (fosse ela política ou social), do comando e da autoridade, resultaram em debates científicos sobre a "arte de comandar" que originaram diversos guias sobre a habilidade de liderar. Portanto, a originalidade dessas ideias ao longo do século XX pode ser encontrada nas práticas de organização política e social, nos discursos e na simbologia utilizada para se referir aos líderes (Cohen, 2015).

Entre os teóricos desse tipo de discurso, destacamos o francês André Maurois, autor de diversas biografias dos considerados “grandes homens”. A tônica de seu pensamento explícita em sua obra *Diálogos Sobre o Comando* (1996) foi a existência do homem de ação, um indivíduo agraciado pelo dom da clarividência, característica que lhe permitiria ver com antecedência o porvir e a partir disso plasmar os caminhos de sua vida e das vidas de seus subordinados.

O intelectual Max Weber por sua vez também analisou essa questão em seus estudos. Em *Economia e Sociedade* (1999), o alemão contribui para disseminar ideias a respeito da chefia por meio da Sociologia da Dominação. A dominação formulada por Weber se relaciona com a ordenação da ação social, fator que nos faz refletir sobre os elementos que formam o poder. Com isso, seria possível determinar certos tipos de comportamento aos indivíduos.

Para o autor, a dominação pode ser compreendida através de três formas distintas, sendo a primeira delas a tradicional, fundamentada na aceitação dos poderes senhoriais de ordens dotadas de hierarquias. A segunda versa sobre questões de caráter legal e institucional. A terceira e última trata da dominação carismática, quando são atribuídas características extraordinárias ao sujeito detentor do carisma.

Destacamos também os estudos do médico e sociólogo francês Gustave Le Bon (2018). Le Bon foi um dos disseminadores da ideia de que só um indivíduo forte o suficiente seria capaz de conduzir e controlar o comportamento instável das chamadas multidões. Para alcançar esse fim, o homem ideal pensado pelo médico deveria ser portador de qualidades específicas. Isso fica claro em *Psicologia das Multidões* (2018), livro lançado em 1895, no qual o intelectual trata acerca da necessidade do líder, particularidade fundamental para estruturar os modos de fazer política e igualmente a sociedade como um todo.

A principal marca das multidões lebonianas seria a ação inconsciente, em antítese a ação consciente dos indivíduos. O poderio de um agrupamento se sobressairia sobre a

personalidade individual, que se dissolveria, dando lugar para os sentimentos e emoções suscitados pela coletividade. Segundo a visão de mundo elitista de Le Bon, todo agrupamento furioso necessitaria de um condutor que lhe colocasse no caminho da ordem.

Além do pensamento de Gustave Le Bon, trouxe-se à luz as análises de Sigmund Freud (2011). Para o austríaco, o francês não explicou o que conectaria as multidões ao líder. Por isso, de acordo com o psicanalista, os afetos, os sentimentos e as emoções poderiam responder essa questão. O indivíduo que forma a multidão constitui para Freud um sujeito que tem sua atividade anímica transformada. Sua afetividade é aflorada. Todavia, o amor freudiano pode ser entendido de diferentes maneiras, a exemplo do que acontece no amor fraterno, sem se limitar a pulsão dos instintos sexuais. De acordo com a teoria freudiana, este seria o liame que conectaria a multidão ao líder, pois o surgimento da primeira se deu por um ato de amor voltado para o segundo.

Isto posto, Getúlio Dornelles Vargas soube fazer uso dessas teorias sobre a constituição de chefes objetivando a construção de todo um aparato que visava sua legitimação e conservação no cargo de presidente da república. Segundo esses objetivos, os meios de comunicação desempenharam um papel crucial, principalmente durante a ditadura do Estado Novo, na qual órgãos institucionais como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) fiscalizavam tudo que era veiculado pela mídia (Velloso, 1982), impondo censura em tudo àquilo que fosse contra o regime.

Os ideólogos do governo, portanto, delinearam através de seus discursos os contornos da imagem presidencial, correlacionando Getúlio a imagem de um político forte, sábio, destemido e clarividente, de modo que sua alta posição hierárquica fosse sempre destacada, o tornando apto a ser considerado guia protetor da nação. Isso o aproximou do líder carismático weberiano. O destino do chefe estaria ligado à sua pátria e ao seu povo, que necessitavam de um guia, a exemplo das multidões de Gustave Le Bon.

Vargas foi convertido em um modelo de liderança política a ser seguido por todo o Brasil, havendo um espelhamento de simbologias, discursos, hierarquias e propagandas. Nessa perspectiva, o Piauí tomou o presidente como exemplo para fabricar seus próprios líderes nas páginas dos periódicos da região, especificamente nas publicações divulgadas na capital, Teresina e em Parnaíba, segunda maior cidade do estado. Argumentamos que essa conjuntura propiciou a formação de uma escala de poder verticalizada composta por Getúlio e os líderes nordestinos. Em tal configuração, o presidente se encontrava no topo e emanava todo o seu poderio para sua base, formada pelos políticos piauienses.

O primeiro líder piauiense analisado foi o interventor federal do Piauí à época, Leônidas de Castro Melo. Melo governou o Piauí por uma década, de 1935 a 1945. Apesar de suas origens serem atreladas a uma família de comerciantes da cidade de Barras, ele se graduou em medicina e chegou a exercer a profissão. Já no cargo de líder do executivo estadual, chegou a ser considerado cidadão modelo, por cristalizar os ideais estadonovistas em sua figura.

Assim, mostramos que Melo foi moldado pela mídia local a partir do prisma do chefe regional. Além disso, o interventor também foi tratado por esses discursos pela ótica do sujeito trabalhador (atributo fundamental para o governo autoritário), e do líder-administrador, fator que o habilitaria a gerir o estado de maneira eficiente graças as suas insígnias de chefia.

O segundo piauiense examinado nesta pesquisa foi o prefeito municipal parnaibano Mirócles de Campos Vêras. Como Leônidas Melo, Vêras também era médico de formação e foi alçado à categoria de homem exemplar para a sociedade na qual governava, visto que dispunha de prestígio econômico e profissional. Em razão disso, o prefeito também atendia às exigências estadonovistas de conduta política e social.

Não obstante, sua graduação em medicina foi usada de forma estratégica para moldá-lo pelo prisma do profissional caridoso. Surgiu na imprensa local o líder político filantropo, sempre disposto a auxiliar todos aqueles que necessitavam de cuidados médicos e não possuíam recursos para isso.

Em relação à documentação periodística aqui utilizada, fizemos uso de publicações piauienses. O primeiro jornal analisado foi o teresinense *Diário Oficial*, impresso vinculado ao Estado que reproduzia e propagava a doutrina imposta pelo governo central. O segundo impresso, o jornal *Gazeta*, também tem suas origens na capital piauiense e foi fundado no início do século XX. Apesar dos entraves colocados pelo governo de Vargas e pela censura no final da década de 1930, este último conseguiu se manter e circular regularmente.

Posteriormente, nos voltamos para o anuário *Almanaque da Parnaíba*, fundado em dezembro do ano de 1923 pelo comerciante Benedito dos Santos Lima. O *Almanaque* de Lima tinha como público alvo as elites comerciais da localidade, e publicava com frequência artigos de opinião, poesias, estatísticas e curiosidades. Ademais, a publicação parnaibana sempre esteve ao lado do poder constituído desde o começo de sua existência, razão pela qual não se furtou de homenagear o presidente Vargas e o prefeito Mirócles Vêras por meio de discursos laudatórios e fotografias que o mostrassem como autênticos líderes para a população da urbe.

O último impresso analisado correspondeu à edição comemorativa intitulada *O Livro do Centenário de Parnaíba*, obra que seguiu uma linha editorial semelhante a do *Almanaque da Parnaíba*. Não por acaso, um de seus autores era o editor do anuário, Benedito dos Santos Lima. Benedito Jonas Correia também foi creditado como autor. Correia era membro da elite parnaibana, pois fazia parte de uma das famílias mais prestigiadas da cidade. Além disso, ele exerceu ainda a profissão de professor de história. Dessa forma, ele inclusive chega a afirmar que o estudo em questão se trata do primeiro livro a sistematizar a história da cidade, característica que a torna ainda mais emblemática.

A obra de Correia e Lima foi lançada em 1945, mesmo ano em que cairia o governo do presidente-ditador. Ela foi custeada por Leônidas Melo e por Mirócles Vêras, logo observamos que os políticos foram largamente exaltados em suas páginas. É em *O Livro do Centenário de Parnaíba* que visualizamos a hierarquização do poder político, já que Vargas, ao ser tratado como o principal chefe nacional foi o primeiro homenageado. Após a glorificação de Getúlio, Leônidas e Mirócles foram homenageados. O interventor foi chamado de chefe regional, enquanto o prefeito foi alçado ao posto de chefia local.

Por fim, esta pesquisa foi organizada em três capítulos. O capítulo inicial discorreu sobre o processo de fabricação da imagem do líder político em Max Weber, André Maurois, Le Bon e Sigmund Freud. O pensamento desses autores foi usado para analisar como essas discussões sobre o comando influenciaram o governo de Vargas, e podem ser observadas nos impressos vinculados ao Estado. Examinamos também algumas edições da revista *Cultura Política*. Finalmente, fizemos análises de duas biografias de Getúlio Vargas: *Um homem que governa* (1942), de autoria de Alfredo Pessôa, e *Getúlio Vargas: o homem e o chefe* (1944) de autoria de Leopoldo Peres.

O segundo capítulo tratou sobre a construção da imagem do líder político no estado do Piauí através do jornal *Diário Oficial*. Analisamos igualmente o periódico *Gazeta*, examinando a maneira como Leônidas de Castro Melo foi relacionado ao ideário de chefia nessa publicação. Nesse segundo momento utilizamos ainda partes da autobiografia de Melo, *Trechos do meu caminho: memórias à feição de uma autobiografia* (1976).

O terceiro e último capítulo desta dissertação se voltou para a fabricação e legitimação do prefeito Mirócles de Campos Vêras ao posto de líder local na cidade de Parnaíba. Dessa maneira, examinamos os discursos propagados pelo *Almanaque da Parnaíba*. Por último, discorremos sobre *O Livro do Centenário de Parnaíba*, e relacionamos seu posicionamento editorial pela perspectiva de um discurso formador da liderança política em escalas hierárquicas. Vargas se destacou como chefe em nível nacional. Já Melo foi o chefe regional,

e finalmente Vêras ocupou o posto de chefe local. Porém, pouco tempo depois, essa verticalização se dissolveu com a queda do presidente no mesmo ano de lançamento da publicação.

REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo, Boitempo, 2004.

AGUIAR JÚNIOR, José de Arimatéa Freitas. *FESTAS, HINOS E MARCHAS*: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí (1935-1945). Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em História do Brasil), Teresina, 2014.

ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo. *Parnaíba Historiografada*: da cidade projetada à cidade habitada. Vozes, Pretérito & Devir, Teresina, vol. 7, nº 1, 2017.

ANDRADE, Débora El-Jaick. *Escrita da história e política no século XIX*: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. História e Perspectivas, Uberlândia (35): Jul. Dez. 2006.

ANSART, Pierre. *A gestão das paixões políticas*. Curitiba-PR, Editora UFPR, 2019.

BAUMEISTER, Martin. *Mussolini, Hitler y Franco*: La construcción del liderazgo carismático. In: MEES, Ludger; SEIXAS, Xosé (coordinadores). *Nacidos para mandar*: liderazgo, política y poder perspectivas comparadas. Editorial Tecnos, Madrid, 2012.

BOTTON, Fernando Bagiotto. *Liderança política e autoridade paterna*: psicologia e masculinidade na construção das personalidades de Vargas e Perón. Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em História), Universidade Federal do Paraná, Curitiba-PR, Brasil, 2017.

CANETTI, Elias. *Massa e poder*. São Paulo, Companhia de Bolso, 2019.

CAPELATO, Maria Helena Rolin. *Multidões em Cena*: propaganda política no varguismo e no peronismo. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo*: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (organizadores). *O tempo do nacional-estatismo*: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. 2, 2017.

CARLYLE, Thomas. *On heroes, Hero-Worship, and the Heroic in history*. New York, Longmans, Green, and CO. London and Bombay, 1906.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CIARLINI, Daniel Castello Branco. *Contribuição da imprensa e da literatura de Parnaíba para a formação do sistema literário piauiense*. Dissertação - Mestrado em Letras - Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Teresina (PI). 2015.

COELHO, Victor de Oliveira Pinto. *A técnica como totalidade*: a mitologia política de Ernst Jünger no entreguerras - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

COHEN, Yves. *Le siècle des chefs. Une histoire transnationale du commandement et de l'autorité* (1890-1940), Paris, Éditions Amsterdam, 2013.

COHEN, Yves. *Por que chamar o século XX de o século dos chefes?* Revista Sociologia & Antropologia. Rio de Janeiro, v.05.03: 963 – 981, dezembro, 2015.

CONSOLIN, Maria Cristina. *Das Origens ao mundo intelectual parisiense*. In: LE BON, Gustave. Psicologia das multidões. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

COSTA, Herilson Silva. *A analítica do poder pastoral na genealogia das artes de governo em Foucault*. Griot: Revista de Filosofia, vol. 18, núm. 2, pp. 421-434, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao estado: psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

FAUSTO, Boris. *A vida política*. In: Gomes, Angela de Castro (coordenação), SCHWARCZ, Lília (direção). *Olhando Para Dentro* (1930-1964), V. 4. Rio de Janeiro: Fundación Mapfre e Editora Objetiva em coedição, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France* (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1987.

FRAGA, André Barbosa. *Os heróis da pátria: política cultural e história do Brasil no governo Vargas*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *Introdução*. In: Gomes, Angela de Castro (coordenação), SCHWARCZ, Lília (direção). *Olhando Para Dentro* (1930-1964), V. 4. Rio de Janeiro: Fundación Mapfre e Editora Objetiva em coedição, 2013.

JUNCO, Àlvarez. *Liderazgo, caudillaje y democracia*. In: MEES, Ludger; SEIXAS, Xosé (coordinadores). *Nacidos para mandar: liderazgo, política y poder perspectivas comparadas*. Editorial Tecnos, Madrid, 2012.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas: Papirus, 1986.

LUCA, Tania Regina de. *Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUZ, Diogo da. *Os sofrimentos da alma: as paixões sob a perspectiva do estoicismo*. Princípios: Revista de Filosofia, Natal, v. 26, n. 49, jan.-abr. 2019. ISSN1983-2109.

MARINHO, Joseane Zingleara Soares. *A puericultura em busca da sanidade infantil: a atuação filantrópica em Parnaíba-PI (1937-1945)*. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 15, n. 29, jul. - dez. 2021. ISSN: 1982 -193X.

MELO, Antonio Maureni Vaz Verçosa de. *Compartilhando ideias e tecendo o poder: atuação dos intelectuais piauienses na Era Vargas no Piauí (1930 -1945)*. Tese de doutorado, São Gonçalo-RJ, UERJ, 2021.

MELO, Antonio Maureni Vaz Verçosa de. *Difundir ideais é fortalecer o poder: a recepção do varguismo pelo Piauí 1930 a 1945*. In: SOUSA NETO, Marcelo de; ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo; FONTENELES FILHO, Pedro Pio (Org.). In: *A história sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita*. Teresina: EdUESPI, 2020.

MIRANDA, Francineila Lima; BOTTON, Fernando Bagiotto. *A memória do homem da Parnaíba: heroísmo e virilidade de Simplício Dias nas biografias de José Nelson de Carvalho Pires*. In: SOUSA NETO, Marcelo de; ALVARENGA, Antonia Valtéria Melo; FONTENELES FILHO, Pedro Pio (Org.). In: *A história sob múltiplos ângulos: trajetórias de pesquisa e escrita*. Teresina: EdUESPI, 2020.

MOSCOVICI, Serge. *La era de las multitudes: um tratado histórico de las masas*. Méxcio: FCE, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. *História do Brasil República: da queda da Monarquia ao Fim do Estado Novo*. São Paulo, Contexto, 2018.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina- (1937-1945)*. Teresina, EDUFPI, 2015.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi e GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1982.

OLIVEIRA, Thamyres Sousa de. *O Jornalismo Piauiense e a Censura em Tempos de Estado Novo*. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Comunicação), Teresina-PI, UFPI, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

PASSOS, Caio. *Cada rua – Sua história*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1982.

PEREIRA Samylla de Sousa; BOTTON, Fernando Bagiotto. *Liderança e poder político: o discurso periodístico como construtor de chefes em Parnaíba-PI (1930-1945)*. In: Frederico Osanan Amorim Lima, Sérgio Luiz da Silva Mendes, Francisco Leandro Araújo de Castro (organizadores). *Parnaíba: história, memória, cidade*. Editora Cancioneiro, 2021.

PEREIRA, Samylla de Sousa. *Liderança política e hierarquias do poder: Getúlio Vargas e o papel da imprensa para a formação de chefes em Parnaíba-PI*. In: Fernando Bagiotto Botton;

Renata Cristina da Cunha. (Org.). *Ensino de história: teorias, práticas e novas abordagens - Volume 4: "O heroico, o lendário e o fabuloso: fronteiras transdisciplinares entre ensino de História, memória e literatura"*. 1ed. Recife: EDUPE, 2023, v. 4.

PUHLE, Hans-Jürgen. *El liderazgo en la política, una visión desde la historia*. In: MEES, Ludger; SEIXAS, Xosé (coordinadores). *Nacidos para mandar: liderazgo, política y poder perspectivas comparadas*. Editorial Tecnos, Madrid, 2012.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do Rego. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Tese de doutorado, Niterói-RJ, UFF, 2010.

SENNETT, Richard. *Autoridade*. Tradução de Vera Ribeiro. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Record, 2012.

SILVA, Josenias dos Santos. *Almanack da Parnahyba: Política, sociedade e cultura em revista*. In: SOUSA, Cleto Sandys Nascimento e LIMA, Frederico Osanan Amorim (organizadores). *Parnaíba: A cidade que nos habita*. Parnaíba: Sieart, 2013.

SILVA, Josenias dos Santos. *Parnaíba e o avesso da belle-époque: cotidiano e pobreza (1930-1950)*. Universidade Federal do Piauí. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História do Brasil), Teresina, 2012.

SOUSA, Cleto Sandys Nascimento. *Rádio educadora de Parnaíba: uma incursão na memória e na história*. In: SOUSA, Cleto Sandys Nascimento e LIMA, Frederico Osanan Amorim (organizadores). *Parnaíba: A cidade que nos habita*. Parnaíba: Sieart, 2013.

TOURINHO, Mary Angélica Costa. *Por dentro da história: mulheres operosas no mundo do comércio em Parnaíba (1930 a 1950)*. Tese de doutorado, Assis-SP, UNESP, 2015.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Cultura e poder político: Uma configuração do campo intelectual*. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi e GOMES, Ângela Maria de Castro. *Estado Novo: ideologia e poder*. Rio de Janeiro, Zahar Ed. 1982.

WHITE, Hayden. *Meta-História: a imaginação histórica do século XIX*. São Paulo: EDUSP, 1992.

FONTES:

A NOITE. Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1943.

A NOITE. Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1944.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, ano XIV, 1937.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, ano XV, 1938.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, ano XVI, 1939.

ALMANAQUE DA PARNAÍBA. Parnaíba, ano XVII, 1940.

AMARAL, Azevedo. *Evolução política republicana*. In: Cultura Política: Revista Mensal de Estudos Brasileiros. Março de 1941, ano I, n. 3.

ANDRADE, Almir. *A evolução política e social do Brasil*. In: Cultura Política: Revista Mensal de Estudos Brasileiros. Março de 1941, ano I, n. 1.

ANDRADE, Almir. *Getúlio Vargas e a doutrina brasileira de governo*. In: Cultura Política: Revista Mensal de Estudos Brasileiros. Março de 1942, ano 2, n. 15.

ANDRADE, Almir. *O pensamento político do chefe do governo*. In: Cultura Política: Revista Mensal de Estudos Brasileiros. Março de 1941, ano I, n. 1.

CAMPOS, Francisco. *O Estado Nacional*. Brasília: Editorial do Senado Federal, 2001.

CORREIA, Benedicto Jonas; LIMA, Benedicto dos Santos (Org.). *O Livro do Centenário de Parnaíba: estudo histórico, corográfico, estatístico e social do município de Parnaíba*. Parnaíba: Gráfica Americana, 1945.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 02 de agosto de 1938.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 13 de janeiro de 1939.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 28 de agosto de 1939.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 06 de abril de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 03 de maio de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 19 de abril de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 20 de junho de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 15 de agosto de 1939.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 29 de outubro de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 30 de outubro de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 09 de novembro de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 18 de novembro de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 23 de novembro de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 25 de novembro de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 27 de novembro de 1942.

DIÁRIO OFICIAL. TERESINA, 28 de novembro de 1942.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (1920-1923). São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos* (1912-1914). São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

GAZETA. Teresina, 25 de outubro de 1942.

GAZETA. Teresina, 26 de outubro de 1942.

GAZETA. Teresina, 15 de novembro de 1942.

GAZETA. Teresina, 28 de janeiro de 1943.

GAZETA. Teresina 08 de abril de 1943.

GAZETA. Teresina, 19 de abril de 1943.

GAZETA. Teresina, 25 de abril de 1943.

GAZETA. Teresina, 02 de maio de 1943.

GAZETA. Teresina, 03 de maio de 1944.

GAZETA. Teresina, 06 de maio de 1943.

GAZETA. Teresina, 13 de maio de 1943.

LE BON, Gustave. *Psicologia das multidões*. 3ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

MAUROIS, André. *Diálogos sobre o comando*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.

MAUROIS, *Arte de viver: ou a pequena filosofia da vida*. Editora Vecchi, Rio de Janeiro, 1939.

MELLO, Leônidas de Castro. *Trechos do meu caminho – “memórias” à feição de autobiografia*. Teresina: COMEPI, 1976.

PÉRES, LEOPOLDO. *Getúlio Vargas: o homem e o chefe*. Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S. A., Rio de Janeiro, 1944.

PESSÔA, Alfredo. *Um homem que governa*. Zelio Valverde Livreiro - Editor. Rio de Janeiro, 1942.

VASCONCELOS, Eduardo. *Biografias dos Maiores Vultos do Brasil*. Livraria Francisco Alves, 1937.

WEBER, Max. *Ciência Política: duas vocações*. São Paulo, Cultrix, 2011.

WEBER, MAX. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva* / Max Weber; tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn - Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.